LUMEN FLUENS · ESTUDO COMPARADO III

LUMEN FLUENS E O CRISTIANISMO

Onde nos tocamos, onde nos separamos — Estudo Comparado III

VERSÃO 1.1, COM AS DECISÕES DO FUNDADOR

NOVEMBRO DE 2026

Gênero: Estudo Comparado · Nível: avançado · Parte do cânon: todo o cânon, em diálogo externo — em especial a Lux e a sua origem em aberto (a *imago Dei*, "imagem de Deus"; a luz que é Cristo e a luz dos discípulos; o *interior intimo meo*, "mais interior do que o meu íntimo"; a independência confessional), a Regra da Misericórdia (o perdão sem conta; a graça, toque do cristianismo; a mão que retoma, que é do rio), o Abrigo e as Águas Comuns (o próximo; "vinde a mim"; a quenose, ou esvaziamento, e a substituição, com o limite da Bússola), o Corpus (a encarnação; o templo; o corpo contra os platônicos), a Vigília e a noite (Getsêmani; a cruz; a providência; a esperança que a luz não promete), o Flumen (a nuvem de testemunhas; a ressurreição e a lamparina no rio), o Examinar (o exame de Inácio; a confissão), a Regra de Vida (a Regra de Bento; o domingo e o sabbath do fluxo), a Bússola (a consciência como voz de Deus), o lobo ("amai os vossos inimigos"; a justiça devida)

Princípio da série — Comparar não é competir. Cada estudo honra a doutrina visitada apresentando-a em sua melhor forma, e só então marca as fronteiras. Uma filosofia que precisa diminuir as outras para existir não confia na própria luz.

Versão 1.1, 4 de novembro de 2026 — com as decisões do fundador (ver o Prólogo). Versão 1.0, para validação: 4 de novembro de 2026.

Prólogo — O estado da questão e o método

O cristianismo é a casa de que o cânon mais herda sem ser dela. A Ficha de outubro o chamou "a grande escola" da intuição de que a dignidade vem antes do mérito; o Tratado da Luz Interior cita Agostinho por nome, pelo *interior intimo meo* e pelo mestre interior; a Regra da Misericórdia fala com palavras que a teologia usou por séculos — misericórdia, e, na Ficha, graça; o Abrigo foi lido ao lado de "vinde a mim"; e a Vigília nasceu de uma Disputatio sobre o mal, e recusa, desde o Estudo VII, a teodiceia (a justificação de Deus diante do mal) como resposta sua — sem adotar nem recusar a ordem do todo (decisão n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII). O fundador escreve em português, numa cultura cristã, e o cânon declara independência confessional: "Para quem crê, a Luz tem nome próprio: para o cristão, é o próprio Deus. Para quem não crê, é a consciência mais funda, o verdadeiro em si. A filosofia não decide isso por ninguém" (Cânon VI.2, "Independência confessional"; ver 3.1).

Por isso este estudo tem a fronteira mais fina e mais exposta da série: tudo o que o cristianismo diz da luz, da misericórdia, do próximo e da noite o cânon pode ouvir — e nada disso o cânon diz como o cristianismo o diz, porque o cristianismo o diz de Deus, e o cânon não nomeia.

Este é um estudo refeito. O Estudo III existia desde outubro de 2026 como Ficha na Biblioteca do site: quatro toques (a dignidade anterior ao mérito, com a *imago Dei* como "grande escola"; a luz — Jo 1,9, Mt 5,14-16 e o *interior intimo meo*; "misericórdia e graça: falhar não apaga a luz"; "Abrigo e

caridade: ‘vinde a mim os cansados’”) e três fronteiras (“estrutura vs. revelação: não nomeamos a origem da Luz — para o cristão, a Luz é Deus; a filosofia não decide por ninguém”; “sem culto: regra pessoal, não rito eclesial”; “fidelidade intra-histórica: sobre o depois do rio, silêncio respeitoso”).

Em 3 de novembro de 2026 o fundador decidiu refazer os Estudos I a VI no formato completo da série — integral, resumo trilíngue, fórmula e decisões —, dois por vez, na ordem da numeração, antes do Estudo XIV. Os Estudos I, sobre o budismo, e II, sobre o estoicismo, foram refeitos e decididos no mesmo dia, com a publicação determinada pela n.º 12 de cada lista (03/11/2026, Estudos I e II); o Estudo IV, sobre o Vedanta, é escrito em paralelo a este. A numeração é a da série, mas a escrita vem depois do Estudo XIII e dos dois primeiros refeitos: este estudo herda todas as decisões do fundador, de 17 de outubro a 3 de novembro de 2026, e a letra dos Estudos VII a XIII e I e II, e trata a Ficha de outubro como ponto de partida a testar, não como autoridade. O que a conferência das fontes confirmou, confirma-se com a letra; o que corrigiu, corrige-se e registra-se (3.13 e 5.1), e a Ficha vale até o fundador dizer outra coisa.

Nenhuma Ficha da série recebeu tanta matéria por decisão antes de ser refeita. Seis decisões mandaram material para esta, e entram aqui como decidido, não como pergunta: a quenose e a substituição, “que o cristianismo de Levinas põe no centro” (decisão n.º 10 de 19/10/2026, Estudo VIII), com o limite já fixado — “o Abrigo não vai até a substituição. O limite é a Bússola” (decisão n.º 4 de 19/10/2026, Estudo VIII; ver 3.5); o material de Ricoeur — “a polifonia da nominação, o ágape como economia do dom, Jerusalém e Atenas” — “como matéria do interlocutor” (decisão n.º 12 de 23/10/2026, Estudo IX; ver 4.3); “o corpo contra os platônicos”, *A cidade de Deus*, XIV, 3, “como aliado do Corpus” (decisão n.º 8 de 31/10/2026, Estudo XII; ver 2.5); a linha “Misericórdia e graça”, que “separa-se em duas — a mão que retoma, que é do rio, e a graça, que é toque do cristianismo” (decisão n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII; ver 3.3); e “o Jesus do perdão e o Paulo da vontade dividida, como Arendt os lê”, “como matéria do interlocutor” (decisão n.º 11 de 31/10/2026, Estudo XIII; ver 2.2 e 4.7).

Duas decisões fecharam portas, e as portas ficam fechadas: “o esvaziamento do Filho não entra na revisão da Ficha do Estudo III” (decisão n.º 9 de 23/10/2026, Estudo X), e “o mestre interior fica como herança nomeada” (decisão n.º 3 de 31/10/2026, Estudo XII). O capítulo 5 traz o texto de cada uma (5.2).

A tese de partida, que o estudo testou: o cristianismo e o cânon partilham a gramática da luz interior — dada, não conquistada; encoberta, não apagada; devida ao outro; um perdão que não é tribunal; o próximo como lugar — e divergem na origem nomeada e na promessa. O cristianismo nomeia: a luz é o Verbo, “a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem” (Jo 1,9, ARA; ver 1.3) [V-gr; V-pt: ARA]; e promete: a ressurreição, sem a qual “é vã a nossa pregação” (1Cor 15,14, ARA; ver 1.8) [V-gr; V-pt: ARA]. O cânon não nomeia e não promete: a origem da luz é “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”), e a Vigília não é “esperança, que olha para uma manhã que a luz não promete”

(Tratado da Vigília, "Definição"; ver 3.7). O estudo não faz de Deus, de Cristo, do Espírito, do Verbo, da graça, da *imago Dei* nem da luz interior dos quacres um nome da Luz, como a série não fez do Bem, do intelecto, da luz imutável, da pluralidade, da mente luminosa nem do *logos*; registra a estrutura comum e marca a fronteira [leitura do estudo].

A resposta curta, que o estudo inteiro desdobra: o cristianismo entra no Lumen Fluens pela gramática e encontra três fronteiras, a do nome, a da promessa e a do juízo. Entra pela gramática, porque "Repara, pois, que a luz que há em ti não sejam trevas" (Lc 11,35, ARA; ver 2.1) [V-gr; V-pt: ARA] e a lâmpada que ninguém põe debaixo do alqueire dizem, com a letra do Evangelho, o que o Pilar I diz do seu lado: "a luz não se acende — ela se revela" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I); porque "Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete" (Mt 18,22, ARA; ver 1.6 e 2.2) [V-gr; V-pt: ARA] e "Falhar na regra não apaga a luz" (Cânon v1.2, "A Regra da Misericórdia") recusam, os dois, a conta.

Entra também porque o samaritano, que foi "o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores" (Lc 10,36, ARA; ver 1.7) [V-gr; V-pt: ARA], e o Abrigo, que é casa "a quem chega até nós" (Cânon v1.2, "O Abrigo"; ver 2.3), olham na mesma direção; porque a "tão grande nuvem de testemunhas" (Hb 12,1, ARA; ver 2.4) [V-gr; V-pt: ARA] e os ancestrais do Flumen são o mesmo gesto de não começar do zero; e porque o exame de Inácio, que abre por "dar graças" e revisita o dia hora a hora, e o Examinar, que fecha "com gratidão a alguém do passado", são a mesma prática ao fim do dia (2.7).

Encontra a fronteira do nome, porque a imagem é de um Criador nomeado e a luz do cânon é "de alguém" (decisão n.º 3 de 03/11/2026, Estudo I), sem origem dita (3.1). Encontra a fronteira da promessa, porque a vigília das virgens espera o que vem e a Vigília do cânon acompanha quem está na noite sem esperar fim — e o Tratado o diz com uma frase: "Velar não é vigiar nem esperar" (Tratado da Vigília, "Definição"; ver 2.6 e 3.7); porque a ressurreição responde ao depois e o cânon não diz nada do depois: a lamparina vai ao rio (3.8). E encontra a fronteira do juízo, porque o cristianismo tem um Juízo que separa, e o cânon tem um exame que "não é o exame de um juiz severo" (Meditações Práticas, "O Examinar da noite") e uma Disputatio para quem "o afogamento não é a medida final do que essa pessoa era" (Disputatio, 3, "Respondeo"; ver 3.13) [leitura do estudo].

Quatro correções à Ficha de outubro saem dessa resposta, e o estudo as diz como correção (3.13, 5.1). "Misericórdia e graça" são duas linhas, por decisão: a Misericórdia é letra do cânon e é reflexiva, e a graça é toque do cristianismo. "Vinde a mim" é dito por Jesus de si; o Abrigo é dito pela pessoa que abriga, e a direção se inverte. "Sem culto" é fronteira verdadeira, mas não é "sem regra": a Regra de Vida tem dia, semana, estação e sabbath, e a Regra de Bento é regra — o cânon não prescreve culto, igreja nem sacramento, e tem regra. E o toque da luz é maior do que a Ficha dizia, e a fronteira é a origem: a luz joanina é Cristo, a de Mateus são os discípulos, a dos quacres é Cristo em cada um, e nenhuma é a Lux. O capítulo 5 mede as sete frases uma a uma: as cinco primeiras têm letra em

parte, as duas últimas não têm letra — e a única linha com letra nas duas metades é a da independência confessional, dita sempre na voz de "quem crê".

Dois achados que o estudo não procurava merecem a primeira página. "Vigiai comigo" (Mt 26,38, ARA; ver 1.8) [V-gr; V-pt: ARA], em Getsêmani, não é a vigília que espera o Senhor: é vigiar com alguém na noite, presença antes da fala; a escatológica (do fim dos tempos) é a das virgens e a de Marcos 13. O homônimo "vigiar" tem, assim, duas faces, e o cânon tem um verbo próprio, velar, que o Tratado da Vigília diz que não é vigiar nem esperar (2.6, 3.7); Getsêmani é o toque mais próximo, lido ao lado da Vigília [leitura do estudo]. E a dívida do rio e o *agapē* ("amor que se dá") são duas triangulações: o amor cristão vai de Deus ao próximo e volta a Deus — "a mim o fizestes"; a dívida do cânon vai do rio ao outro, e o outro tem luz própria: "há uma luz devida ao outro" (Catecismo, 36). Só uma das duas é nomeada (3.5) [hipótese do estudo].

O estudo propõe ao fundador, e só ele pode adotá-la, uma fórmula: **o Lumen Fluens aceita do cristianismo a anterioridade e recusa o juízo** (6.2). Aceita a anterioridade como estrutura, não como palavra da letra cristã: é a dignidade antes do mérito, que a Ficha chamou "a grande escola" e que o cânon diz com as suas palavras — o valor "anterior a qualquer conquista ou circunstância" (Cânon VI.2, "Os Quatro Pilares", I), "a dignidade precede o mérito" (Tratado da Luz Interior, "Síntese"). Recusa o juízo como condição: que o que a pessoa é, ou vale, dependa de um veredito — o Juízo que separa, a sentença final sobre a pessoa —, e não a justiça devida ao lobo, que "resiste-se, e deve-se justiça" (Catecismo, 36) e fica para o tratado. O juízo, em si, fica com quem crê nele; a fórmula marca a posição do cânon e não julga o cristianismo.

O estudo pesou outras letras e as deixou de lado (3.13): "dádiva × limiar", porque "limiar" é polissêmico no campo da morte e do templo e "dádiva" supõe doador; "anterioridade × condição", porque "condição" é a glosa comum a todas as fórmulas da série, não a letra própria desta casa; "perdão × promessa", porque "promessa" é a palavra com que a decisão n.º 5 de 31/10/2026, Estudo XIII, lê o compromisso do Abrigo e "perdão" roçaria a decisão que deixou o perdão da vítima ao lobo para o tratado (n.º 3 de 23/10/2026, Estudo IX); "recusa a graça", porque a graça é toque por decisão; "recusa a providência", porque já está excluída (decisão n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII; n.º 1 de 03/11/2026, Estudo II). A escolha é a pergunta (by) de 6.3 [leitura do estudo].

Como ler este estudo

Três vozes atravessam o texto e permanecem separadas. O cristianismo diz o que está na Escritura e nos autores que a leem, citado e localizado: a Escritura por livro, capítulo e versículo, com a tradução nomeada na primeira citação de cada seção; Agostinho por obra, livro, capítulo e parágrafo; Tomás por parte, questão e artigo da *Suma Teológica*; Bento por capítulo da *Regra*; Inácio por número dos *Exercícios espirituais*; Lutero, Pascal, Kierkegaard, Bonhoeffer, Weil por obra e página nas Fontes. A tradição lê o que um intérprete nomeado faz do texto: os exegetas que o

capítulo 1 nomeia, Arendt, Ricoeur e Levinas pelos Estudos XIII, IX e VIII, e Balthasar, sem lhes atribuir tese quando a página não foi vista.

O cânon responde com as palavras do Cânon VI.2, dos três Tratados, da Disputatio, do Catecismo, das Meditações Práticas e das decisões do fundador, sempre pelo nome do elemento: Lux, Flumen, Mutatio, Corpus, Bússola, Abrigo, Vigília, Águas Comuns, a margem, Regra da Misericórdia, Acender, Portar, Examinar, Revisão do rio, sabbath do fluxo. As Fichas dos Estudos I a VII são apontamentos do fundador, não cânon, e se citam como tais; os Estudos VII a XIII e I e II entram como leitura anterior e se citam pelas seções. Agostinho foi o Estudo XII inteiro: este estudo o mede por lá e não o refaz (4.6).

O que passa das três vozes é do estudo, e vem marcado: [leitura do estudo], [inferência do estudo], [hipótese do estudo]. O estudo não decide: propõe e pergunta. Chama-se aqui homônimo à palavra que o cânon e o cristianismo escrevem igual e entendem de modo diferente, e matéria do interlocutor ao que a Ficha recebe do cristianismo ou de quem o lê, sem que o cânon o faça seu; o capítulo 1 define as duas expressões, e cada capítulo avisa quando um homônimo aparece.

As citações trazem marcadores de verificação. O grego do Novo Testamento foi conferido no texto da SBL Greek New Testament, e é dele que vem o marcador [V-gr]; o aparato do Nestle-Aland não foi aberto, e onde a letra tem variante conhecida — a perícope da adúltera (Jo 7,53–8,11), "Pai, perdoa-lhes" (Lc 23,34), a ligação de "vindo ao mundo" em Jo 1,9, Rm 8,28 — o texto o diz. O latim da Vulgata é o da Clementina; o hebraico de Gênesis, de Samuel, dos Salmos e de Isaías foi conferido para as passagens que o pedem ([V-he]). As traduções portuguesas da Bíblia abertas e as não abertas estão ditas no capítulo 1: a Almeida Revista e Atualizada é a tradução de quase todas as citações, e nenhuma citação é atribuída a tradução que não foi aberta.

Das edições brasileiras e portuguesas dos autores, nenhuma foi aberta por inteiro: as *Confissões* seguem a tradução de Lorenzo Mammì onde o estudo a cita, e *A cidade de Deus*, *A Trindade* e a *Suma Teológica* vêm do latim, em tradução do estudo; a *Regra* de Bento e os *Exercícios* de Inácio chegam em latim e em espanhol, com o português do estudo, e a edição Loyola dos *Exercícios* e a Lumen Christi da *Regra* não foram abertas; os Padres gregos — Irineu, Orígenes, Gregório de Nissa, Atanásio — e Tertuliano foram lidos em inglês, e Irineu por intermediário. Bonhoeffer e Balthasar chegam por fontes secundárias, nomeadas, e o alemão e o francês não foram conferidos; Arendt, Ricoeur e Levinas pelas seções dos Estudos XIII, IX e VIII, que já os leram; Weil pelo Tratado da Vigília, que já a leu. Eckhart, Teresa de Ávila e os *Escritos sobre a graça* de Pascal ficaram sem letra, e aparecem como [tese a confirmar] ou não aparecem; os exegetas do capítulo 1 vêm como [tese a confirmar]. As datas do percurso (1.1) são aproximadas e discutidas.

Por isso [V-gr] indica que a passagem foi conferida no grego; [V-la], no latim; [V-he], no hebraico; [V-pt: ARA] e [V-pt: Ave-Maria], na tradução portuguesa nomeada; [V-en: tradutor], na tradução inglesa nomeada; [V via secundária: autor], que a passagem foi lida dentro de outro texto, cujo

autor se nomeia; [V-es via Estudo IX, 4.3], que a passagem vem por um estudo anterior da série ("via Estudo N, x.y"); [V-de], [V-da], [V-pi] e [V-skt] dizem a língua conferida, nos mesmos termos de [V-la]. [tradução do estudo] diz que o português é do estudo, com o original nas Fontes. [paráfrase] diz que há a tese sem a letra. [tese a confirmar], [localização a confirmar] e [página a confirmar] dizem o que falta conferir, e [atribuição a confirmar] diz que a frase circula, mas o estudo não achou a passagem: é o caso de *credo quia absurdum* ("creio porque é absurdo"), que não foi achado literalmente em Tertuliano (1.8). O estudo prefere uma lacuna marcada a uma citação falsa. Dentro das aspas fica a grafia da edição; fora delas, o português do Brasil.

Cuidados de vocabulário, que o capítulo 1 enumera e cada capítulo repete onde trabalha. "Luz" é homônimo de cinco coisas, e nenhuma é a outra: a luz joanina, que é Cristo; a de Mateus 5, que são os discípulos; a *lumen* de Tomás, natural, da fé e da glória; a luz interior dos quacres, que é Cristo em cada um; e a Lux, que fica sem nome (3.2). "Misericórdia" é a de Deus, a que o homem deve ao próximo, a *misericordia* que Agostinho defende contra a Stoa — e a Regra da Misericórdia do cânon, reflexiva, cuja mão é o rio (3.3).

"Graça" é dom de Deus, e o cânon não a tem: a palavra ocorre na letra uma só vez, no título de um livro de Weil (*A gravidade e a graça*, no Tratado da Vigília); por decisão, é toque do cristianismo. "Vigiar" tem duas faces, vigiar com alguém na noite e esperar o que vem; o cânon diz velar. "Templo" é, em Paulo, do Espírito: "o vosso corpo é templo do Espírito Santo" (1Cor 6,19, Ave-Maria, que diz "templo"; a ARA diz "santuário"; ver 5.2) [V-gr; V-pt: Ave-Maria]; no cânon, o corpo, o lugar e o ritmo são "tijolos do templo" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", IV), e "só templo" fica como está: o corpo não encobre a luz (decisão n.º 6 de 23/10/2026, Estudo X). "Noite" é, em Juan de la Cruz, purificação a caminho de Deus; no cânon é "o mal que ninguém causou".

"Pecado" não tem letra no cânon, que tem a luz encoberta, a noite, o lobo e o abuso; "pecado original" e "ninguém começa do zero" são homônimo perigoso: culpa herdada × rio herdado, e a luz é de cada um (3.4). "Caridade" é o *agapē* que vai de Deus ao próximo e volta a Deus; a dívida do rio é outra triangulação (3.5). "Consciência" é, em Newman, voz de Deus; a Bússola "apenas veta", e o veto é a própria Luz, sem voz externa (decisão n.º 7 de 23/10/2026, Estudo X; 3.9). "Regra" é a de Bento e a Regra de Vida. "Esperança" é virtude teologal, e o cânon a recusa como nome da Vigília. A Antífona, parte do cânon, não é tratada neste estudo.

Quando um capítulo diz que o cristianismo não trata de algo, a afirmação vale só para os textos que o estudo leu. Quando diz que a letra do cânon não traz uma palavra, vale com a extensão que o estudo conferiu, por contagem repetida sobre o Cânon v1.2, os Tratados, a Disputatio, o Catecismo e as Meditações Práticas: "Cristo", "Jesus", "Evangelho", "Igreja", "culto", "pecado", "salvação", "caridade", "perdão", "ressurreição", "criatura", "morte" e "morrer" não ocorrem nessa letra; "Deus" ocorre sete vezes, sempre na voz de quem crê, em Agostinho ou em título de Weil; "fé" ocorre quatro vezes: no Tratado da Vigília, em "a fé que professa", e três vezes no Catecismo, 28, sempre na voz de quem crê; "alma" só em "manter a alma flexível".

O estudo segue a regra da série: comparar não é competir. O cristianismo é exposto primeiro em sua melhor forma, pela Escritura e pelos seus leitores, na ordem do pensamento (capítulo 1), e o que ele deixa — a fé exigida, a teodiceia, a predestinação, a instituição e a sua história, a mulher, a escravidão — é dito com clareza no mesmo capítulo, sem desculpa de época e sem anacronismo acusatório, com a tradição que corrige ao lado; a biografia da instituição não é a doutrina. Só depois se procura onde o cânon já anda ao seu lado (capítulo 2), e onde se separa dele (capítulo 3). O capítulo 3 numera as perguntas, de (by) a (ch), e o capítulo 6 as reúne; as letras seguem às do Estudo II, que vão de (bo) a (bx), e as do Estudo IV, escrito em paralelo, vão de (ci) a (cr).

O capítulo 4 pergunta o que cada casa que a série já visitou disse do cristianismo ou dele recebeu: Hegel, que o suprime na filosofia; Levinas, que lhe toma a quenose e a substituição; Ricoeur, que pensa sem absoluto entre Jerusalém e Atenas; Platão, pelos livros dos platônicos que Agostinho leu; Aristóteles, por Tomás; Agostinho, pelo Estudo XII, medido e não refeito; Arendt, que vê em Jesus o descobridor do perdão e em Paulo a vontade dividida; a Stoa, com Paulo e Sêneca e a *misericordia* defendida; o budismo, pela porta que o Estudo I abriu; e as três casas que o capítulo só aponta: o Vedanta, em paralelo, o existencialismo e o taoísmo. Dele sai um padrão (4.11).

O capítulo 5 mede a Ficha de outubro frase a frase, dá o texto das seis decisões que lhe mandaram matéria e das duas que fecharam portas, relê as seções em que os Estudos VII a XIII e I e II falaram do cristianismo e propõe ao fundador uma Ficha reescrita, com sete toques e oito fronteiras, a graça entre os toques por letra da decisão e, entre as fronteiras, só "quem dá" (5.4). O capítulo 6 reúne a síntese, a fórmula, as questões abertas numa só lista, o que o cristianismo oferece ao Examinar, à Regra de Vida, ao tratado da justiça e às Fichas, e a lamparina. Seguem as fontes do Prólogo e as de cada capítulo, a bibliografia, as conferências pendentes e o painel de verificação.

As decisões do fundador de 17 de outubro de 2026 (numeradas como no Prólogo do Estudo VII, n.º 1 a 7), de 19 de outubro (como no Prólogo do Estudo VIII, n.º 1 a 12), de 23 de outubro sobre o Estudo IX (n.º 1 a 13) e sobre o Estudo X (n.º 1 a 10), de 31 de outubro sobre o Estudo XI (n.º 1 a 11), sobre o Estudo XII (n.º 1 a 11) e sobre o Estudo XIII (n.º 1 a 12), e de 3 de novembro sobre o Estudo I (n.º 1 a 12) e sobre o Estudo II (n.º 1 a 12) valem como palavra dele e não são reabertas; as listas de dias com mais de um estudo vão sempre com o nome do estudo. Oito delas tocam esta Ficha, e já se disse quais. Uma correção pedida pelo fundador em 19/10/2026, registrada no histórico do projeto e não entre as doze decisões numeradas daquele dia — a definição de pessoa de Boécio, no Tratado da Luz Interior —, é citada como correção, não como decisão.

Uma referência da série fica registrada como está: a n.º 5 de 23/10/2026, Estudo IX, remete à n.º 3 de 19/10/2026, Estudo VIII, para a frase da consciência mais funda e do nome que a fé dá; a frase é do Cânon e do Catecismo, 26, e o estudo cita as duas coisas separadamente, sem corrigir a remissão.

Quando o estudo relaciona ao cristianismo as demais — a luz dada antes de qualquer relação, a mão que retoma e o lobo "com ou sem intenção" (n.º 3, 4 e 5 de 17/10/2026, Estudo VII), a dívida e não a

eleição (n.º 1 de 19/10/2026, Estudo VIII), o perdão da vítima ao lobo deixado ao tratado e a Lux "antes de qualquer história" (n.º 3 e 4 de 23/10/2026, Estudo IX), o veto sem voz externa e "só templo" (n.º 7 e 6 de 23/10/2026, Estudo X), a fronteira da *massa damnata* ("massa condenada"), "com frase própria" (n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XII), a ordem do todo que "o cânon não adota nem recusa [...] como teodiceia sua" (n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII), a promessa do Abrigo dita a outro (n.º 5 de 31/10/2026, Estudo XIII), a providência como fronteira da série, "o cânon não diz que a noite é prova" (n.º 7 de 03/11/2026, Estudo II) —, pergunta se a leitura vale, e marca.

O que a Ficha dizia e o que a série já disse

A Ficha de outubro está em 5.1, frase a frase, com o veredito de cada uma: das sete, nenhuma é letra inteira; as cinco primeiras têm letra em parte; "sem culto: regra pessoal, não rito eclesial" e "sobre o depois do rio, silêncio respeitoso" são da Ficha, e o estudo as reescreve. O que a série já disse do cristianismo está em 5.3 — o Estudo VII, 4.3; o VIII, 4.3; o IX, 4.3; o X, 4.2; o XI, 4.2; o XII, 4.1 e inteiro; o XIII, 4.4; o II, 4.5 e 4.7; o I, 4.8 — e o capítulo 4 o retoma casa a casa. A Ficha reescrita está em 5.4, como proposta.

Decisões do fundador (versão 1.1, 4 de novembro de 2026)

O fundador leu a versão 1.0 e respondeu ao que o estudo lhe perguntava. As decisões valem como palavra dele e são numeradas à parte das de 17 de outubro (Estudo VII), das de 19 de outubro (Estudo VIII), das de 23 de outubro sobre os Estudos IX e X, das de 31 de outubro sobre os Estudos XI, XII e XIII, das de 3 de novembro sobre os Estudos I e II, e das de 4 de novembro sobre o Estudo IV, tomadas no mesmo dia; as listas de 4 de novembro vão sempre com o nome do estudo: as desta lista são citadas como "decisão n.º N de 4 de novembro sobre o Estudo III". Não alteram o texto do Cânon v1.2: fixam como o cânon deve ser lido nos pontos em que o estudo perguntou, e substituem a Ficha de outubro pela Ficha reescrita. No corpo, cada questão decidida leva a marca "[Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º N): ...]".

1. **A fórmula** está adotada: o Lumen Fluens aceita do cristianismo a anterioridade e recusa o juízo. A anterioridade entra como estrutura — a dignidade antes do mérito, que o cânon diz "anterior a qualquer conquista ou circunstância" e que a *imago Dei* ensinou —, não como palavra da letra cristã; o juízo recusado é a condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa de um veredito — não a justiça devida ao lobo, que fica para o tratado. O juízo, em si, fica com quem crê nele; a fórmula não julga o cristianismo e não toca na ordem do todo (decisão n.º 7 de 31 de outubro sobre o Estudo XII).
2. **A *imago Dei* lê-se ao lado da dignidade intrínseca** (questão (bz)): a Ficha reescrita mantém o toque e diz a fronteira na mesma linha — imagem de um Criador nomeado × luz de alguém sem origem dita —, com a herança dita e a identidade não afirmada.

3. **A lâmpada sob o alqueire e "a luz que há em ti" leem-se ao lado de "a luz não se acende — ela se revela"** (questão (ca)): como leitura, com a fronteira dita — a luz joanina é Cristo, a de Mateus são os discípulos. **O homônimo histórico da "luz interior" dos quacres pede nota ao Tratado da Luz Interior**, com redação a aprovar pelo fundador.
4. **"Setenta vezes sete" e o Jesus do perdão de Arendt leem-se ao lado da Regra da Misericórdia** (questão (cb)): como leitura, com a fronteira da direção — reflexiva, com a mão do rio × de Deus e ao próximo —, sem pôr "perdão" na boca do cânon.
5. **Vigiar e velar** (questão (cc)): a Ficha reescrita registra o homônimo com as duas faces — velar com alguém na noite ("vigiai comigo", Getsêmani) × esperar o que vem (as virgens) —, e a Vigília do cânon não espera fim; "só o Deus que sofre pode ajudar" (Bonhoeffer) fica como o toque mais fundo, dito com a fronteira: lá, Deus na noite; aqui, a luz de uma pessoa.
6. **O exame de Inácio e a Regra de Bento leem-se ao lado do Examinar e da Regra de Vida** (questão (cd)): como leitura, com a fronteira da gratidão (a Deus × a alguém do rio) e a do juiz (diante de Deus × "não é o exame de um juiz severo"); a Ficha reescrita troca "sem culto: regra pessoal, não rito eclesial" por "sem culto, sem igreja, sem sacramento — e com regra".
7. **A consciência como voz de Deus e a Bússola** (questão (ce)): a fronteira registra-se na Ficha reescrita — a Bússola "apenas veta", e o veto é a própria Luz, sem voz externa (decisão n.º 7 de 23 de outubro sobre o Estudo X).
8. **O pecado e a luz encoberta** (questão (cf)): a Ficha reescrita declara o homônimo do pecado original com "ninguém começa do zero" — culpa herdada × rio herdado; a luz, de cada um — e diz que o cânon, em lugar de "pecado", tem a luz encoberta, a noite e o lobo, com o Paulo da vontade dividida de Arendt ao lado, como matéria decidida.
9. **A fé exigida, o *extra Ecclesiam*, a predestinação e o inferno** (questão (cg)): basta a frase da série — "nenhuma pessoa está fora da Lux", com frase própria diante da *massa damnata* (decisão n.º 6 de 31 de outubro sobre o Estudo XII); o estudo registra que a fé exigida e o *extra Ecclesiam* falam de salvação, de que o cânon não diz nada. A Ficha III não recebe frase própria.
10. **A Ficha reescrita está aprovada** (questão (ch)): como proposta em 5.4, com as seis decisões já incorporadas (quenose e substituição com o limite da Bússola; Ricoeur; *A cidade de Deus*, XIV, 3; misericórdia e graça em duas linhas, a graça entre os toques; Jesus e Paulo como Arendt os lê), sem o esvaziamento do Filho, com "quem dá" entre as fronteiras como proposta do estudo, e com os acréscimos das n.º 7, 8 e 11 — sete toques e onze fronteiras; substitui a Ficha de outubro na Biblioteca do site.
11. **O padrão das fronteiras fixadas para os clássicos estende-se ao cristianismo** (questão (k)): a escravidão (Ef 6,5 × Gl 3,28) e a mulher (1Tm 2,12 × Gl 3,28; Tomás) registram-se na Ficha reescrita como fronteira, com a tradição que as disputou (Gregório de Nissa, Las Casas); (k) segue aberta até o estudo de Marx para o mal estrutural.

12. **Registros adotados**: “amai os vossos inimigos”, “Pai, perdoa-lhes”, o servo sem misericórdia, a adúltera, o perdão de Arendt e o perdão difícil de Ricoeur entram como matéria do tratado da justiça ((g) segue aberta até o tratado); o silêncio do cânon sobre Moriá fica registrado ((j)); a graça é toque do cristianismo (decisão n.º 10 de 31 de outubro sobre o Estudo XII) e fica entre os toques. **Publicação** como o Estudo II: integral, resumo trilíngue e nota de decisões; a Ficha reescrita vai à Biblioteca do site nas três línguas.

1. O cristianismo em sua melhor forma

Fala aqui o cristianismo, na letra da Escritura e dos autores que a leem; a tradição entra com intérprete nomeado, para situar; o cânon só é apontado em 1.13. O capítulo expõe e não compara: aproximar é do capítulo 2, separar é do 3. A Escritura vem na tradução Almeida Revista e Atualizada (ARA, protestante); a Ave-Maria (católica) entra só onde a divergência é o ponto, dita no texto. A pesquisa de fontes do estudo abriu as duas, a Ave-Maria em cópia digital, cuja edição impressa não foi aberta; a Bíblia de Jerusalém e a Tradução Ecumênica da Bíblia não foram abertas. Cada citação diz de que tradução vem, porque a numeração e a letra variam. Chama-se aqui *homônimo* a palavra que o cânon e o cristianismo escrevem igual e entendem de modo diferente, e *matéria do interlocutor* ao que a Ficha de outubro recebe do cristianismo ou de quem o lê, sem que o cânon o faça seu; o capítulo avisa quando um homônimo aparece.

Quando o cristianismo nomeia a sua luz (Deus, Cristo, o Espírito, o Verbo, a graça), a palavra é dele, dita como material; o estudo não a faz nome da Luz. O capítulo herda as decisões do fundador de 17/10/2026 a 03/11/2026, que valem como palavra dele e não se reabrem; as que tocam o cristianismo vêm dadas, com o nome do estudo, na primeira vez em que aparecem.

1.1 O percurso em vinte linhas

O cristianismo dura dois mil anos, em três grandes famílias e em muitas línguas; as datas, aproximadas e discutidas onde se diz, vêm antes das vozes.

Jesus de Nazaré nasce por volta de 4 a.C., antes da morte de Herodes, e morre sob Pilatos em 30 ou 33 d.C.; a divergência é dos historiadores. Paulo de Tarso vive de c. 5 a c. 64/65, e há quem dê 64/67. Os Evangelhos são escritos depois dele: Marcos em c. 65–75, Mateus e Lucas em c. 80–90, João em c. 90–100. Vem então o tempo dos Padres: Irineu de Lyon (c. 130–c. 202) e Tertuliano (c. 155–c. 220); Orígenes (c. 185–c. 253); o Concílio de Niceia (maio a julho de 325); Gregório de Nissa (c. 335–394); Agostinho de Hipona (354–430), que foi o Estudo XII inteiro; o Concílio de Calcedônia (8 de outubro a 1.º de novembro de 451).

Bento de Núrsia (c. 480–c. 547) escreve a *Regra* entre c. 530 e 540. Em 1054 dá-se o cisma entre o Oriente e o Ocidente. Tomás de Aquino vive de 1225 a 1274; Mestre Eckhart, de c. 1260 a 1328. Lutero (1483–1546) abre a Reforma; Inácio de Loyola (1491–1556) escreve os *Exercícios espirituais*; o Concílio de Trento reúne-se de 1545 a 1563. Teresa de Ávila (1515–1582) e Juan de la Cruz (1542–1591) dizem a mística; Pascal vive de 1623 a 1662 e Kierkegaard, de 1813 a 1855. O Concílio Vaticano II vai de 1962 a 1965, aberto em 11 de outubro de 1962 e encerrado em 8 de dezembro de 1965. Passa-se às três famílias que o carregam.

1.2 As três famílias, sem escolher

O cristianismo não fala por uma voz só, e o capítulo diz de que lado fala cada citação.

A família católica tem Roma por centro de unidade; o seu concílio mais recente é o Vaticano II, e Trento fixou, diante de Lutero, o que ela diz da justificação [paráfrase; localização a confirmar]. A ortodoxa vem do Oriente separado em 1054, guarda os Padres gregos (Atanásio, os Capadócios, Gregório de Nissa) como a sua língua de pensar e diz a salvação como divinização [paráfrase; localização a confirmar]. A protestante nasce da Reforma, de Lutero e de Calvino, põe a Escritura e a graça (*sola gratia*, "somente pela graça") no centro e se reparte depois em muitas igrejas; é a casa de Kierkegaard e de Bonhoeffer [paráfrase; localização a confirmar].

As três partilham a Escritura, Jesus como o Cristo e o credo de Niceia e de Calcedônia, que diz o Filho de Deus feito homem [paráfrase; localização a confirmar]. Divergem em quem interpreta, no número e no sentido dos sacramentos e no que a graça faz com o pecador. O estudo não escolhe uma: cita cada voz pela sua letra, diz de que família ela fala e deixa a divergência onde está: a de Lutero e de Trento sobre a justificação aparece em 1.5; a de Agostinho e de Calvino sobre a eleição, em 1.12 e em 3.11. O ponto em que as três coincidem primeiro é o que João conta do Verbo.

1.3 O Deus que se faz carne

O centro da fé cristã é uma afirmação sobre o corpo: o Deus que o cristianismo nomeia faz-se homem, e a luz de que os Evangelhos falam é uma pessoa.

João abre o seu Evangelho dizendo quem é a luz: "A vida estava nele e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela" (Jo 1,4-5, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. O verbo grego (*katelaben*) guarda dois sentidos, "compreender" e "vencer"; a Ave-Maria traz "as trevas não a compreenderam" (Jo 1,5, Ave-Maria) [V-gr; V-pt: Ave-Maria]. João Batista "não era a luz"; a luz é "a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem" (Jo 1,8-9) [V-gr; V-pt: ARA]. A frase tem uma divergência de gramática: o particípio "vinda ao mundo" liga-se à luz na ARA, ao homem na Vulgata (*omnem hominem venientem*, "todo homem que vem") [V-la] e ao Verbo na Ave-Maria. Raymond E. Brown defende a ligação à luz (*The Gospel According to John (I–XII)*, Anchor Bible 29, 1966) [tese a confirmar; página a confirmar]; o estudo registra a divergência e não a resolve.

O Prólogo diz o que esse Verbo faz: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai" (Jo 1,14) [V-gr; V-pt: ARA].

Nos Evangelhos a palavra luz diz três coisas, e o capítulo as mantém separadas [leitura do estudo]. A primeira é Cristo, dito por ele mesmo: "Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida" (Jo 8,12) [V-gr; V-pt: ARA]; a primeira carta de João resume o que há por trás: "Deus é luz, e não há nele treva nenhuma" (1Jo 1,5) [V-gr; V-pt: ARA]. A

segunda são os discípulos: "Vós sois a luz do mundo. [...] nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa" (Mt 5,14-15) [V-gr; V-pt: ARA]. A terceira é a luz que há em cada pessoa e pode ser treva: "Repara, pois, que a luz que há em ti não sejam trevas" (Lc 11,35) [V-gr; V-pt: ARA].

Fora dos Evangelhos, os quacres Fox e Barclay chamaram "luz interior" ao Cristo presente em cada um: "Há um, o próprio Cristo Jesus, que pode falar à tua condição" (Fox, *Journal*, 1647) [V-en; tradução do estudo; página a confirmar]; e leram Jo 1,9 como a luz que "ilumina TODO homem que vem ao mundo" (Barclay, *Apology*, Proposições V–VI) [V-en; tradução do estudo; página a confirmar]. É um homônimo histórico de "luz interior".

O cântico de Filipenses diz o modo como o Verbo se fez carne: Cristo Jesus, "subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens", e "a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz" (Fl 2,6-8, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. O verbo é *ekenōsen*, "esvaziou-se", com sujeito reflexivo: o que se esvazia é ele mesmo; a Ave-Maria traduz "aniquilou-se a si mesmo" (Fl 2,7, Ave-Maria) [V-gr; V-pt: Ave-Maria]. É a *kenōsis* (em português, quenose), o "esvaziamento". Por decisão do fundador (n.º 10 de 19/10/2026, Estudo VIII), a quenose entra no estudo como matéria do interlocutor; aqui ela é exposta como o cristianismo a diz, e volta em 1.7. O estudo não faz do esvaziamento do Filho uma leitura do cânon (n.º 9 de 23/10/2026, Estudo X).

Os Padres tiraram daí a consequência para o homem e para o corpo. Atanásio escreve: "Pois ele se fez homem para que nós fôssemos feitos Deus" (Atanásio, *Sobre a encarnação*, 54, 3) [V-en: Robertson; tradução do estudo; grego não conferido]; é a *theōsis*, a divinização, que a Ortodoxia guarda no centro. Tertuliano, contra os que negavam a carne, escreve que "a carne é, de fato, o gonzo da salvação" (Tertuliano, *Sobre a ressurreição da carne*, 8) [V-la; tradução do estudo], em latim *caro salutis est cardo*. Niceia (325) e Calcedônia (451) fixaram em fórmulas o que isso quer dizer: o Filho é Deus e é homem [paráfrase; localização a confirmar]. A Encarnação põe a pergunta sobre o que é o homem, e a primeira resposta cristã está no começo da Bíblia.

1.4 A imagem de Deus

A dignidade humana tem no cristianismo uma letra e uma escola: a *imago Dei*, "imagem de Deus", dita no primeiro capítulo da Bíblia.

"Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou" (Gn 1,27, ARA) [V-he; V-pt: ARA]. O hebraico diz *tselem*, "imagem", e *demut*, "semelhança"; a Septuaginta, *eikōn* e *homoiōsis*; a Vulgata, *imago* e *similitudo*. O texto diz a imagem do ser humano inteiro, sem condição de mérito; que ela seja o domínio, a razão ou a relação com Deus é leitura posterior, e não está na frase. Em Gn 9,6 ela funda a proibição de derramar sangue: "porque Deus fez o homem segundo a sua imagem" (Gn 9,6) [V-he; V-pt: ARA]. O Salmo 8 pergunta pela

pequenez e responde com uma coroa dada: "que é o homem, que dele te lembres? [...] Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus e de glória e de honra o coroaste" (Sl 8,4-5, ARA; Sl 8,5-6 no hebraico) [V-he; V-pt: ARA]. A Septuaginta e a Vulgata dizem "anjos" onde o hebraico diz *'elohim*. Do Novo Testamento vem a segunda face: Cristo "é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação" (Cl 1,15) [V-gr; V-pt: ARA].

Os Padres e a Escolástica fizeram da imagem uma doutrina. Irineu: "A glória de Deus, com efeito, é o homem vivo" (Irineu, *Contra as heresias*, IV, 20, 7) [V-la via secundária: Harvey; tradução do estudo], em latim *Gloria enim Dei vivens homo*; e "o homem, e não [apenas] uma parte do homem, foi feito à semelhança de Deus" (Irineu, *Contra as heresias*, V, 6, 1) [V-en: Roberts–Rambaut; tradução do estudo]. Gregório de Nissa: "toda a nossa natureza, do primeiro ao último, é uma só imagem daquele que é" (Gregório de Nissa, *Sobre a criação do homem*, 16) [V-en: Wilson; tradução do estudo; localização a confirmar]. Agostinho põe a imagem na mente, que "é imagem dele: porque é capaz dele e pode ser participante dele" (Agostinho, *A Trindade*, XIV, 8, 11) [V-la; tradução do estudo], e diz que ela permanece, envelhecida e deformada, mesmo perdida a participação; o Estudo XII já a mediu.

Tomás a divide em três: "A primeira imagem se encontra em todos os homens; a segunda, só nos justos; a terceira, somente nos bem-aventurados" (Tomás, *Suma Teológica*, I, q. 93, a. 4) [V-la; tradução do estudo], a de criação, a de recriação e a de semelhança. Uma tradição mística diz a imagem como centelha da alma (Eckhart); a letra não foi obtida, e o estudo a nomeia sem citá-la [tese a confirmar]. O Vaticano II diz a mesma dignidade em outra chave: o homem "não se pode encontrar plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo" (Vaticano II, *Gaudium et spes*, 24) [V-pt: Vaticano]. Em todas essas vozes a imagem é imagem de Alguém, e a dignidade vem de ser dele; o que a ferida faz com ela é a doutrina do pecado e da graça.

1.5 O pecado e a graça

O cristianismo diz que a imagem está ferida e que a cura vem de fora, como dom; por decisão do fundador (n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII), a linha "Misericórdia e graça" da Ficha separou-se em duas, e o capítulo fala aqui só da graça, sempre como voz do cristianismo.

Paulo escreve que "todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus" (Rm 3,23-24, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]; em grego, *charis* ("graça") e *dōrean* ("gratuitamente"). Acrescenta que, "onde abundou o pecado, superabundou a graça" (Rm 5,20) [V-gr; V-pt: ARA]. "Pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie" (Ef 2,8-9) [V-gr; V-pt: ARA]. A humanidade fica sob dois nomes: "assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo" (1Cor 15,22) [V-gr; V-pt: ARA]. O que quer dizer "porque todos

pecaram" em Rm 5,12 depende de como se traduz *eph' hō*: "porque", na ARA; "nele" (*in quo*), na Vulgata, base da leitura agostiniana do pecado herdado [tese a confirmar: Dunn, Fitzmyer].

A vontade dividida é o diagnóstico de Paulo: "não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço" (Rm 7,19) [V-gr; V-pt: ARA]; "Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte? Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor" (Rm 7,24-25) [V-gr; V-pt: ARA]. Quem é o "eu" (o cristão, o não cristão, Adão, Israel) é debate dos exegetas [tese a confirmar: Dunn, Fitzmyer]. Por decisão do fundador (n.º 11 de 31/10/2026, Estudo XIII), o Paulo da vontade dividida, como Arendt o lê, entra como matéria do interlocutor: ela faz dele o teórico de um dois-em-um em que "os dois não são amigos ou companheiros; estão em constante luta entre si" (Arendt, *A vida do espírito*, II) [V-es via Estudo XIII, 4.4; tradução do estudo]. É leitura dela, feita para o argumento dela [leitura do estudo]. Kierkegaard diz o pecado como relação: "Pecado é: diante de Deus, em desespero não querer ser si mesmo, ou diante de Deus, em desespero querer ser si mesmo" (Kierkegaard, *O desespero humano*, parte II, trad. Lowrie, p. 129) [V-en: Lowrie; tradução do estudo].

A cura é um dom. Agostinho reza: *da quod iubes et iube quod vis*, "concede o que ordenas, e ordena o que queres" (Agostinho, *Confissões*, X, 29, 40) [V-la; V-pt: Mammì, via Estudo XII, 4.1; página a confirmar]; o Estudo XII já o mediu. Tomás responde que "a natureza humana não foi totalmente corrompida pelo pecado" (Tomás, *Suma Teológica*, I-II, q. 109, a. 2) [V-la; tradução do estudo].

A Reforma e Trento dividem-se sobre o que a graça faz com o pecador. Lutero: "Assim um homem cristão é ao mesmo tempo justo e pecador, santo e profano, inimigo de Deus e filho de Deus" (Lutero, *Comentário a Gálatas*, 1535, sobre Gl 3,6) [V via secundária: Winger; tradução do estudo], o *simul iustus et peccator*. Trento: a justificação "não é apenas remissão dos pecados, mas também santificação e renovação do homem interior" (Trento, sessão VI, cap. VII) [V-en: Waterworth; tradução do estudo; latim não conferido]. Os dois lados dizem gratuidade: para Trento, nada do que precede a justificação, "seja a fé, sejam as obras", "merece a própria graça" (Trento, sessão VI, cap. VIII) [V-en: Waterworth; tradução do estudo]. Discordam sobre a imputação e a cooperação, e o estudo não escolhe. O perdão é a graça que passa de pessoa a pessoa.

1.6 O perdão

Nos Evangelhos o perdão corre nas duas direções, de Deus ao homem e do homem ao próximo, e a palavra "misericórdia" leva as duas.

Pedro pergunta se basta perdoar sete vezes, e Jesus responde: "Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete" (Mt 18,22, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]; a conta fica aberta e presa ao perdão recebido, pois o servo perdoado que não perdoa o companheiro é entregue aos verdugos: "Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão" (Mt 18,35) [V-gr; V-pt: ARA]. O Pai-Nosso pede na mesma forma: "perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores" (Mt 6,12) [V-gr; V-pt: ARA], onde o grego diz *opheilēmata*,

"dívidas", e a Ave-Maria traduz "perdoai-nos as nossas ofensas" (Mt 6,12, Ave-Maria) [V-gr; V-pt: Ave-Maria].

Na parábola do filho que volta, o pai o vê de longe: "Vinha ele ainda longe, quando seu pai o avistou, e, compadecido dele, correndo, o abraçou, e beijou" (Lc 15,20, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. Na da moeda perdida, a mulher "não acende a candeia, varre a casa e a procura diligentemente até encontrá-la" (Lc 15,8) [V-gr; V-pt: ARA]. À mulher acusada Jesus diz: "Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais" (Jo 8,11) [V-gr; V-pt: ARA]. O episódio (Jo 7,53–8,11) falta nos manuscritos mais antigos do Evangelho, e "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lc 23,34) [V-gr; V-pt: ARA] também falta em alguns; o aparato do Nestle-Aland não foi aberto.

"Misericórdia" é a mesma palavra para as duas direções. "Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia" (Mt 5,7) [V-gr; V-pt: ARA]. Agostinho a define contra a Stoa: "O que é a misericórdia senão certa compaixão, em nosso coração, pela miséria alheia, pela qual somos movidos a socorrer, se podemos?" (Agostinho, *A cidade de Deus*, IX, 5) [V-la; tradução do estudo]; Tomás a toma dele (*Suma Teológica*, II-II, q. 30, a. 1) [paráfrase; V-la].

A tradição lê o perdão de Jesus de dois modos que o estudo guarda. Arendt, por decisão do fundador (n.º 11 de 31/10/2026, Estudo XIII): "O descobridor do papel do perdão no domínio dos assuntos humanos foi Jesus de Nazaré"; esse poder "não deriva de Deus [...] mas, ao contrário, tem de ser mobilizado pelos homens uns em relação aos outros antes que possam esperar ser perdoados por Deus também" (Arendt, *A condição humana*, §33, pp. 238–239) [V-en via Estudo XIII, 1.6; tradução do estudo]. O Jesus de Arendt é leitura dela [leitura do estudo].

Ricoeur resume a palavra do perdão assim: "tu vales mais que teus atos" (Ricoeur, *A memória, a história, o esquecimento*, Epílogo, p. 501 da edição portuguesa) [V-pt via Estudo IX, 1.7]. E Dostoiévski põe a pergunta de quem tem o direito de perdoar na boca de Ivan, e a resposta cristã na de Aliócha: "Mas existe um Ser, e Ele pode perdoar tudo, a todos e por tudo, porque deu o Seu sangue inocente por todos e por tudo" (Dostoiévski, *Os irmãos Karamázov*, V, 4) [V-en: Garnett; tradução do estudo]. O perdão pede o outro; o outro que o cristianismo pede é o próximo.

1.7 O duplo mandamento e o próximo

O amor é o que o cristianismo pede de volta, a Deus e ao próximo, e os dois pedidos são um só.

Jesus responde à pergunta sobre o maior mandamento: "Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Mt 22,37-39, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. À pergunta "Quem é o meu próximo?" (Lc 10,29) [V-gr; V-pt: ARA] responde com o samaritano e devolve outra: "Qual destes três te parece ter sido o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores?" (Lc 10,36) [V-gr; V-pt: ARA]. O próximo é quem se aproxima. E o Rei do

juízo diz: “sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mt 25,40) [V-gr; V-pt: ARA]. O amor ao homem passa pelo amor a Deus: “Nós amamos porque ele nos amou primeiro”, e “aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê” (1Jo 4,19-20) [V-gr; V-pt: ARA]; “Deus é amor” (1Jo 4,8) [V-gr; V-pt: ARA].

A palavra grega é *agapē*, “amor”; a Vulgata traz *caritas*, “caridade”, e a Ave-Maria diz “a maior delas é a caridade” onde a ARA diz “amor” (1Cor 13,13, Ave-Maria; a ARA, em 1.10) [V-gr; V-pt: Ave-Maria]. Tomás: “a caridade é uma certa amizade do homem com Deus” (Tomás, *Suma Teológica*, II-II, q. 23, a. 1) [V-la; tradução do estudo]. Agostinho: *Dilige, et quod vis fac*, “Ama, e faze o que queres” (Agostinho, *Comentário à Primeira Carta de João*, 7, 8) [V-la; tradução do estudo]. Kierkegaard fez do amor um dever: “Tu deves amar” (Kierkegaard, *As obras do amor*, trad. Swenson, p. 20) [V-en: Swenson; tradução do estudo]. Por decisão do fundador (n.º 12 de 23/10/2026, Estudo IX), o ágape como “economia do dom de caráter meta-ético” (Ricoeur, *O si-mesmo como um outro*, Prólogo, p. XXXIX da edição espanhola) [V-es via Estudo IX, 4.3; tradução do estudo] entra como matéria do interlocutor.

O amor alcança o inimigo: “amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem” (Mt 5,44, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]; “Sede misericordiosos, como também é misericordioso vosso Pai” (Lc 6,36) [V-gr; V-pt: ARA]; para Tomás, é disposição do ânimo, *secundum praeparationem animi*, “segundo a preparação do ânimo” (Tomás, *Suma Teológica*, II-II, q. 25, a. 8) [V-la; tradução do estudo]. A convocação de Jesus tem uma direção: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” (Mt 11,28) [V-gr; V-pt: ARA] é dita por ele de si, e o sábio de Eclesiástico que diz “Aproximai-vos de mim” (Eclo 51,31, Ave-Maria; 51,23 na Septuaginta) [V-gr: Septuaginta; V-pt: Ave-Maria] convida à Sabedoria.

O amor chega ao ponto de carregar o outro. “Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6,2, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. O Servo de Isaías “tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si” (Is 53,4) [V-he; V-pt: ARA]. Por decisão do fundador (n.º 10 de 19/10/2026, Estudo VIII), a quenose (1.3) e a substituição entram na Ficha; Levinas, que as lê no dogma cristão, diz a substituição como estrutura do sujeito: “Ser eu é sempre ter uma responsabilidade a mais” (Levinas, *Entre nós*, “Um Deus homem?”, pp. 92–93) [V-pt]. O limite fixado na mesma data (n.º 4 de 19/10/2026, Estudo VIII) fica para o capítulo 3 (ver 3.5). O amor do cristianismo termina na cruz.

1.8 A cruz e a ressurreição

A cruz e a ressurreição são o centro do que o cristianismo anuncia, e a palavra de Paulo é a mais antiga que se tem.

“[...] que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (1Cor 15,3-4, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. “Deus

prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores" (Rm 5,8) [V-gr; V-pt: ARA]. Na cruz Jesus diz duas palavras na tradição sinótica: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mt 27,46) [V-gr; V-pt: ARA], que abre o Salmo 22, e "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!" (Lc 23,46) [V-gr; V-pt: ARA]. Tertuliano escreve: "O Filho de Deus foi crucificado; não me envergonho, porque é preciso que os homens se envergonhem disso" (Tertuliano, *Sobre a carne de Cristo*, 5) [V-en: Holmes; tradução do estudo]; a fórmula corrente *credo quia absurdum*, "creio porque é absurdo", não foi achada literalmente [atribuição a confirmar]. Bonhoeffer, na prisão: "Deus é impotente e fraco no mundo, e justamente e só assim está conosco e nos ajuda [...] só o Deus que sofre pode ajudar" (Bonhoeffer, *Resistência e submissão*, carta de 16/7/1944) [V via secundária: Kamphuis; original alemão não conferido; tradução do estudo].

Sem a ressurreição, a pregação cai: "se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé" (1Cor 15,14, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. E o que ressuscita é um corpo: "Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual" (1Cor 15,44) [V-gr; V-pt: ARA]; "Onde está, ó morte, a tua vitória?" (1Cor 15,55) [V-gr; V-pt: ARA].

A noite também tem letra cristã, e a palavra "noite" é homônimo. Há a do Salmo 88, que termina sem resposta: "os meus conhecidos são trevas" (Sl 88,18, ARA) [V-he; V-pt: ARA]. Há a de Juan de la Cruz, que não é desamparo: "Esta noite escura é um influxo de Deus na alma, que a purifica de suas ignorâncias e imperfeições" (Juan de la Cruz, *Noite escura*, II, 5, 1) [V-en: Peers; tradução do estudo]. E há o verbo "vigiar", também homônimo: em Getsêmani, "A minha alma está profundamente triste até à morte; ficai aqui e vigiai comigo" (Mt 26,38, ARA) [V-gr; V-pt: ARA], o grego *grēgoreite*, "vigiai", é pedido de presença junto de quem sofre, e vem unido à oração (Mt 26,41); em Mt 25,13, como se vê em 1.10, é espera do Senhor que vem. O que a cruz e a ressurreição começaram, a Igreja leva adiante.

1.9 A Igreja e os sacramentos

Para o cristianismo, a cruz e a ressurreição continuam na história por um corpo, a Igreja, e por gestos que a Igreja guarda.

A Igreja é o corpo em que Cristo permanece e a casa em que a fé se transmite [paráfrase; localização a confirmar]. Vicente de Lérins pôs o critério da transmissão: "na própria Igreja Católica deve-se ter o máximo cuidado de manter aquela fé que foi crida em toda parte, sempre, por todos" (Vicente de Lérins, *Commonitorium*, 2) [V-en: Heurtley; tradução do estudo; latim não conferido]. Newman o relê pelo desenvolvimento: "aqui embaixo viver é mudar, e ser perfeito é ter mudado muitas vezes" (Newman, *Ensaio sobre o desenvolvimento da doutrina cristã*, cap. 1, p. 40) [V-en: Newman; tradução do estudo].

Os sacramentos são os gestos que a Igreja guarda: o batismo e a ceia vêm do Evangelho; as igrejas católica e ortodoxa contam sete, as da Reforma, em geral dois [paráfrase; localização a confirmar].

A ceia tem letra em Paulo: “Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e, assim, coma do pão, e beba do cálice” (1Cor 11,28, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. O corpo tem lugar nessa casa. Paulo pergunta: “Acaso, não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós” (1Cor 6,19) [V-gr; V-pt: ARA], e a Ave-Maria traduz “templo do Espírito Santo” (1Cor 6,19, Ave-Maria) [V-gr; V-pt: Ave-Maria]; “apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional” (Rm 12,1, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. “Templo” é aqui o templo do Espírito, homônimo do templo do cânon (ver 1.13). Davi “dançava com todas as suas forças diante do Senhor” (2Sm 6,14) [V-he; V-pt: ARA]; a Septuaginta não traz “dançava” nesse versículo, e a Vulgata diz *saltabat*, “saltava”. A Igreja leva ainda os mortos: a esperança que vem depois os inclui.

1.10 A esperança

O cristianismo diz que a história tem um termo e que o termo é uma promessa, não um cálculo.

“Porque, na esperança, fomos salvos. Ora, esperança que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, como o espera?” (Rm 8,24, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. A visão do Apocalipse: “E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá” (Ap 21,4) [V-gr; V-pt: ARA]. E a tríade de Paulo: “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor” (1Cor 13,13) [V-gr; V-pt: ARA]. A esperança traz a sua vigília, que é a outra face do verbo de 1.8: “Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora” (Mt 25,13) [V-gr; V-pt: ARA], *grēgoreite*, espera do Senhor que vem, distinta da presença junto de quem sofre. *A cidade de Deus* a reparte entre duas cidades, e o Estudo XII já a mediu; por decisão do fundador (n.º 8 de 31/10/2026, Estudo XII), *A cidade de Deus*, XIV, 3 entra como “aliado do Corpus” (o texto está em 2.5), e o capítulo 3 diz até onde.

Sobre a ordem do todo, vale a decisão n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII: o cânon “não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua”, isto é, como justificação de Deus diante do mal. O cristianismo a adota, e este capítulo só a expõe. A esperança tem uma conduta de todos os dias, e o cristianismo a ensina por uma regra.

1.11 A regra e o exame

O cristianismo ensina a viver por uma regra e a examinar-se à luz dela.

Bento abre a sua *Regra* com um imperativo de escuta: *Obsculta, o fili, praecepta magistri*, “Escuta, ó filho, os preceitos do mestre” (Bento, *Regra*, Prólogo) [V-la; tradução do estudo]; e põe o trabalho na medida do dia: *Otiositas inimica est animae*, “O ócio é inimigo da alma” (Bento, *Regra*, 48) [V-la; tradução do estudo]. A Regra pertence ao cristianismo; “regra”, no cânon, é outro uso, e o capítulo 2 os distingue.

O exame tem letra no Salmo: "Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos" (Sl 139,23, ARA) [V-he; V-pt: ARA], e na ceia (1Cor 11,28, em 1.9). Inácio de Loyola fez dele método, o exame geral de cinco pontos, que começa por dar graças (Inácio de Loyola, *Exercícios espirituais*, n. 43; o texto está em 2.7) [paráfrase; V-es via secundária: Reig Pla]. "Consciência" é aqui a do cristianismo, homônimo da Bússola. A oração tem o seu lugar secreto: "entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto" (Mt 6,6, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. O mestre interior é herança nomeada, por decisão do fundador (n.º 3 de 31/10/2026, Estudo XII), e não passa a estrutura. Falta dizer o que o cristianismo deixa claro e o estudo terá de medir.

1.12 O que o cristianismo deixa dito com clareza

O cristianismo é claro em quatro pontos: um Deus pessoal que se dá, a dignidade de cada pessoa, o perdão e o próximo, a esperança. Diz também, com a mesma clareza, o que o capítulo 3 terá de medir.

Diz que a salvação passa por uma comunidade: *extra Ecclesiam nulla salus*, "fora da Igreja não há salvação", fórmula tradicional, sem fonte conferida neste estudo; e diz que há castigo: "E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna" (Mt 25,46, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. Para a fronteira de Agostinho (*massa damnata*, "massa condenada"), o Estudo XII já fixou uma frase (n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XII); o estudo mede, em 3.11, se ela basta para o *extra Ecclesiam*, a predestinação e o inferno. Sobre a escravidão e as mulheres, o texto tem duas vozes: "Quanto a vós outros, servos, obedecei a vosso senhor segundo a carne com temor e tremor" (Ef 6,5, ARA) [V-gr; V-pt: ARA] e "Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus" (Gl 3,28) [V-gr; V-pt: ARA]. O estudo mede, em 3.12, se o padrão de fronteiras fixado para os clássicos (n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XI) vale também aqui. A seção seguinte diz o que se leva desse retrato.

1.13 O que um leitor do Lumen Fluens leva daqui

O leitor do Lumen Fluens leva daqui o cristianismo como ele se diz: um Deus que se faz carne, uma imagem ferida e curada, um perdão que passa de um a outro, um amor que chega ao próximo, uma cruz, uma Igreja, uma esperança, uma regra. O cânon não é cristão, nem teísta, nem ateu; o cristianismo não é precursor dele, nem ele é versão do cristianismo. O leitor guarda também os homônimos: luz, misericórdia, graça, vigiar, templo, noite, pecado, regra, consciência. A Antífona fica fora deste estudo. O capítulo 2 diz onde o cânon e o cristianismo se tocam; o capítulo 3, onde se separam.

2. Onde nos tocamos

Toque é o que o cristianismo e o cânon dizem em estrutura parecida; fronteira é o ponto em que a estrutura muda de dono, e o capítulo 3 a mede. Toque não é identidade. A Escritura vem pela Almeida Revista e Atualizada (ARA), os autores pelas edições das Fontes e o cânon pelo nome do elemento. O cânon deixa a Luz sem nome, e o capítulo também: na voz de quem crê, o cânon diz que "para o cristão, é o próprio Deus" (Cânon v1.2, "Independência confessional"; ver 3.1), e o estudo para aí. A Antífona, parte do cânon, não é tratada neste estudo.

As decisões do fundador que mandaram matéria à Ficha entram nas seções em que servem, com o texto em 5.2; o esvaziamento do Filho não entra (n.º 9 de 23/10/2026, Estudo X). A Ficha de outubro tinha quatro toques; o estudo encontra nove lugares de contato, e cada seção marca as palavras que mudam de dono.

2.1 A imagem de Deus, a lâmpada e a luz encoberta

A Ficha chamava a *imago Dei* "a grande escola" da dignidade anterior ao mérito; a seção confere a imagem, separa as luzes do Evangelho e mede a palavra "encoberta".

O Gênesis atribui a imagem ao ser humano inteiro, sem condição de mérito: "Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou" (Gn 1,27, ARA) [V-he; V-pt: ARA], com *tselem* ("imagem") no hebraico. Tomás distingue três imagens, e a primeira está "em todos os homens" (*Suma Teológica*, I, q. 93, a. 4; ver 1.4) [V-la; tradução do estudo]. Agostinho diz que, perdida a participação, a imagem permanece "envelhecida e deformada" (*obsoletam atque deformem*) (*A Trindade*, XIV, 8, 11) [V-la; tradução do estudo]. Gregório de Nissa a volta contra o preço: "Por quantos óbolos avaliaste a imagem de Deus?" (*Homilia 4 sobre o Eclesiastes*) [V-en: Maguire; tradução do estudo].

O cânon responde com outras palavras: "O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I, "Princípio"); "uma antropologia em que a dignidade precede o mérito" (Tratado da Luz Interior, "Síntese"). A Ficha dizia *imago Dei*; a letra não tem a expressão, nem "criatura" nem "criação", e "dignidade" é palavra do Tratado e da Disputatio, não do Cânon. "Dada" está nas decisões, sem dizer por quem: "A luz é dada antes de qualquer relação" (decisão n.º 3 de 17/10/2026). O Estudo XII (2.2) já mediu essa anterioridade em Agostinho, e não se refaz aqui.

Da imagem deformada passa-se à lâmpada, que também se cobre e se descobre. Jesus diz aos discípulos: "Vós sois a luz do mundo. [...] nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador" (Mt 5,14-15) [V-gr; V-pt: ARA]. Lucas acrescenta um imperativo: "Repara, pois, que a luz que há em ti não sejam trevas" (Lc 11,35) [V-gr; V-pt: ARA], com *skopei* ("olha, toma

cuidado"). Os homônimos têm marca: a luz joanina é Cristo, e os quacres chamam "luz interior" ao próprio Cristo (ver 1.3); a de Mt 5,14 são os discípulos; a *lumen* de Tomás é o lume do intelecto, não a Lux de cada um (Estudo XII, 4.1).

O cânon diz da lâmpada: "A luz não se acende — ela se revela" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I, "Princípio"), e o exame pergunta "onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I, "Prática"). A luz pode estar "plenamente presente e, ainda assim, encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias" (Tratado da Luz Interior, "Objeção provável e resposta breve").

Três coisas se tocam na imagem: a ordem, o valor ou a imagem antes de qualquer conquista; a extensão, "em todos os homens" e "cada pessoa"; e o que se perde pelo caminho, que não ocupa o lugar do que se tem, pois a imagem permanece deformada e a luz fica encoberta [leitura do estudo]. Na lâmpada o toque é de estrutura: nos dois lados a luz não se esconde, e o escondimento é de quem a porta, não de quem a dá; Lucas manda olhar para a luz que há em ti, e o Examinar é esse olhar, em duas perguntas [leitura do estudo].

Duas distâncias. Lucas admite que a luz em ti seja treva, e o cânon nunca diz que a luz vire treva, diz encoberta. E a imagem de Gênesis e a luz de Mateus têm origem nomeada (o Criador, o Pai), enquanto a Lux fica sem origem dita: a *imago Dei* é a escola histórica da dignidade, e herança não é identidade, pois o cânon não diz de quem é a imagem, nem se é imagem, e deixa a origem "em aberto, respeitando a independência confessional" (Tratado da Luz Interior, "Fundamentação"). A fronteira está em 3.1 e 3.2. Se a luz encoberta é a que volta a ser vista, resta ver quem a retoma quando a pessoa falha (2.2).

2.2 "Setenta vezes sete" e a mão que retoma

A Ficha dizia numa só linha "misericórdia e graça: falhar não apaga a luz"; por decisão do fundador (n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII) a linha se separa em duas: a Misericórdia é letra do cânon, a graça é toque do cristianismo (ver 3.3). A seção ouve a primeira.

Pedro pergunta se perdoará "até sete vezes?", e Jesus responde: "Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete" (Mt 18,21-22, ARA) [V-gr; V-pt: ARA], com *hebdomēkontakis hepta*, que se lê "70 × 7" ou "77". Arendt lê em Jesus o descobridor do perdão como faculdade dos homens uns com os outros (*A condição humana*, §33; ver 1.6), e esse Jesus, leitura dela, entra como matéria do interlocutor (n.º 11 de 31/10/2026, Estudo XIII).

O cânon responde com a Regra da Misericórdia: "Falhar na regra não apaga a luz. Recomeça-se no dia seguinte, sem drama. O rio não pune a folha que parou numa margem; ele a retoma" (Cânon v1.2, "A Regra da Misericórdia"). Pela decisão n.º 4 de 17/10/2026, "a mão que retoma [...] é o rio — o Flumen —, não o Abrigo. A retomada é pertencimento, e não depende de outra pessoa". A

Disputatio fixa o endereço: “reflexivo — falar a quem falhou consigo mesmo” (Disputatio, 3, “Respondeo”). “Perdão” não tem letra nos escritos; a Regra retoma, não perdoa.

A aproximação tem duas partes. A primeira é a ausência de limite: o Evangelho não conta o perdão, e a Regra não conta os recomeços [leitura do estudo]. A segunda é a de Arendt, que o Estudo XIII já formulou: a Regra desfaz o nó da falha consigo, e o perdão desfaz o nó do ato entre outros, duas coisas que o mesmo vocábulo não deve juntar; o contato está no recomeço [hipótese do estudo; Estudo XIII, 3.6 e 2.8]. As duas frases não se contradizem: o recomeço pelo rio não depende de outra pessoa, e o perdão de Arendt depende. A direção, a de Deus e a do próximo ali, reflexiva aqui, é fronteira de 3.3; o perdão da vítima ao lobo fica para o tratado da justiça (n.º 3 de 23/10/2026, Estudo IX; ver 3.6). O perdão que se recebe de outro pede um outro à porta, e é o outro à porta que o Abrigo e o samaritano põem (2.3).

2.3 O samaritano e o Abrigo

A Ficha emparelhava o Abrigo com a caridade e com “vinde a mim os cansados”; a seção ouve primeiro o samaritano, onde a direção do Abrigo se mostra, e confere o que a letra tem de “caridade”.

O doutor da Lei pergunta quem é o seu próximo (Lc 10,29; ver 1.7), e Jesus conta que um samaritano, ao ver o ferido, “compadeceu-se dele” e “levou-o para uma hospedaria e tratou dele” (Lc 10,33-34, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. O doutor responde: “O que usou de misericórdia para com ele” (Lc 10,37) [V-gr; V-pt: ARA]. A pergunta mudou de lugar: de quem merece ser meu próximo para de quem me faço próximo (Lc 10,36; ver 1.7).

O cânon responde: “o Abrigo diz o que oferecemos a quem chega até nós”, e quem o vive “se compromete a ser lugar seguro no rio: braços onde o cansado descansa, casa para quem está cansado de estar só” (Cânon VI.2, “O Abrigo”, lema *Sis alteri domus*, “Sê casa para o outro”). As decisões de 19/10/2026 (Estudo VIII) fixam que “o Abrigo revela e nada exige” (n.º 3), e que “há uma luz devida ao outro antes de qualquer pacto” (n.º 1). A palavra do cânon é “devida” (Catecismo, 36); “caridade” e “próximo”, no sentido evangélico, não ocorrem na letra.

O toque é de direção, e é forte: nos dois lados o movimento sai de quem vê e vai a quem chega, estranho, sem pacto prévio, e acaba numa casa, a hospedaria ali, o “lugar seguro no rio” aqui [leitura do estudo]. Mt 11,28, que a Ficha punha ao lado, é Jesus chamando a si, e a palavra comum com o Abrigo é só “cansado”; a direção invertida e a triangulação do *agapē* ficam em 3.5. Na letra do cânon o outro tem luz própria, e “o olhar do outro não a cria” (Catecismo, 31); em Mt 25,40 o outro é o Rei (ver 1.7) [hipótese do estudo]. O Abrigo fala de quem chega, e o que se deve aos que já passaram o rio tem outra casa (2.4).

2.4 A nuvem de testemunhas e o Flumen

Hebreus liga os mortos aos vivos, e o Pilar II liga os herdeiros aos ancestrais; a seção mede o parentesco, que o estudo lê como hipótese forte, e o que a Ficha chamou "silêncio respeitoso".

Hebreus diz que Deus providenciou algo melhor, "para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados", e por isso "temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas" (Hb 11,40; 12,1, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. O texto não diz que as testemunhas intercedem; a *communio sanctorum* ("comunhão dos santos") é leitura posterior [leitura do estudo].

O cânon responde: "Ninguém começa do zero. Somos herdeiros de gerações e civilizações inteiras — e ancestrais de quem virá" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", II). O Examinar fecha com "gratidão a alguém do passado que tornou o dia possível" (Cânon v1.2, "Regra de Vida"), e por decisão do fundador (n.º 7 de 23/10/2026, Estudo IX) "a gratidão do Examinar é o lugar da dívida aos mortos". O Legado é "uma ação concreta voltada a quem vem depois: ensinar algo, documentar algo, plantar algo" (Cânon v1.2, "Regra de Vida").

A hipótese é esta: em Hebreus, os de antes não se completam sem os de depois; no Pilar II, quem está no meio deve a quem veio antes e deixa a quem vem depois, e a cadeia vai nos dois sentidos [hipótese do estudo]. A *traditio* ("transmissão"; ver 1.9) e o Legado têm em comum o voltar-se a quem vem depois; o que passa muda, uma fé definida de um lado, do outro ensinar, documentar, plantar, sem igreja. A fronteira está no lugar dos mortos: o cânon não tem "morte" nem "morrer", e "alguém do passado" não tem nome. "Silêncio respeitoso" é frase da Ficha, não letra (Estudo I, 3.8); o cânon não diz nada do depois, e a lamparina vai ao rio. A comunhão dos santos e a ressurreição se medem em 3.8. Dos que vieram antes passa-se ao corpo de quem vive agora, que o cristianismo chamou de templo (2.5).

2.5 O templo do corpo e o Corpus

Paulo chama o corpo de templo, e o Pilar IV chama o corpo de "tijolo do templo"; a seção ouve a encarnação, mede *A cidade de Deus*, XIV, 3, que o fundador decidiu como aliado do Corpus, e separa os dois templos.

O Evangelho diz: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1,14, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. Paulo escreve: "o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que habita em vós" (1Cor 6,19, Ave-Maria; ver 1.9) [V-gr; V-pt: Ave-Maria]. Agostinho diz: "não foi a carne corruptível que fez pecadora a alma, mas a alma pecadora que fez corruptível a carne" (*A cidade de Deus*, XIV, 3) [V-la; tradução do estudo].

O cânon responde: "A transcendência passa pela matéria. O corpo, o lugar, o ritmo — os 'tijolos do templo' — não são obstáculos ao espírito: são seu instrumento" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", IV, "Princípio"). Por decisão do fundador (n.º 8 de 31/10/2026, Estudo XII), *A cidade de Deus*, XIV, 3

fica como aliado do Corpus e "só templo" fica como está: "o corpo não encobre a luz" (decisão n.º 6 de 23/10/2026, Estudo X).

Os dois lados dizem o corpo bom e instrumento: para Agostinho a carne não faz pecar a alma, para o cânon o corpo não encobre a luz [hipótese do estudo]. O templo é homônimo: o de Paulo é do Espírito, e o do cânon é a imagem do estável e do concreto, feito de corpo, lugar e ritmo; "só templo" não o torna templo do Espírito. A Encarnação do Verbo é do cristianismo, e o Estudo XII (2.7) já disse que não se leva ao Corpus, onde "encarnada" é adjetivo. Agostinho tampouco é "só templo": no mesmo capítulo a corrupção da carne dá "incitamentos aos vícios" [V-la; tradução do estudo]. O Corpus não tem salvação, pecado nem ressurreição, e "carne" ocorre uma só vez, em "celebrar na carne" (Tratado da Luz Interior, "Síntese"). Do corpo passa-se à noite em que ele sofre e ninguém o tira dela (2.6).

2.6 A lâmpada acesa na noite e a Vigília

O Evangelho tem um pedido de presença no Getsêmani e as lâmpadas de uma espera, e a Vigília tem uma luz acesa dentro da noite; a seção diz o toque antes da fronteira, a mais fina do estudo.

No Getsêmani, Jesus pede aos discípulos que fiquem e vigiem com ele (Mt 26,38; ver 1.8) e depois pergunta: "Então, nem uma hora pudestes vós vigiar comigo?" (Mt 26,40, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. É vigília com alguém na noite. A das virgens (Mt 25,1-13; ver 1.10) e a de Mc 13,33-37 são outra: esperam o Senhor que vem. O homônimo tem, assim, duas faces: velar com alguém na noite e esperar o que vem. Os amigos de Jó "sentaram-se no chão ao lado dele, sete dias e sete noites, sem dizer-lhe uma palavra" (Jó 2,13, na tradução do Tratado da Vigília, "Fundamentação").

O cânon responde: "A Vigília promete presença, não vitória: ninguém ficará sem luz dentro da noite"; a luz "vela: recusa-se a apagar. Não vence o escuro do quarto — cria dentro dele um círculo de claridade onde se pode estar" (Cânon VI.2, "A Vigília"). O Tratado distingue os verbos: "Velar não é vigiar nem esperar. Quem vigia guarda-se do que virá; quem espera conta com o que virá; quem vela não faz depender a luz do que virá — permanece desperto no escuro" (Tratado da Vigília, "Definição"). A noite do cânon é "o mal que ninguém causou" (Cânon VI.2, "A Vigília").

Três toques. O primeiro é a presença antes da fala: Getsêmani, os amigos de Jó e a luz que cria "um círculo de claridade onde se pode estar" [leitura do estudo]. O segundo é a lâmpada que fica acesa dentro da noite, nas virgens e na Vigília [leitura do estudo]. O terceiro é o mais fundo, e a hipótese do estudo é que seja também a fronteira mais fina: o cristianismo põe Deus dentro da noite (Bonhoeffer: "só o Deus que sofre pode ajudar", carta de 16/7/1944; ver 1.8) [V via secundária: Kamphuis; tradução do estudo], e a Vigília põe uma luz dentro da noite, a de quem vela ("A Vigília nasce da luz de quem vela", decisão n.º 2 de 19/10/2026, Estudo VIII) [hipótese do estudo].

Os homônimos ficam à vista: a vigília das virgens espera o Senhor, a noite de Juan de la Cruz purifica e conduz (ver 1.8), e a letra do cânon tem o verbo que os separa, "esperar" [leitura do estudo]. A fronteira está em 3.7. Das noites que se atravessam passa-se à noite de cada dia, que o cânon fecha com duas perguntas (2.7).

2.7 O exame de Inácio e o Examinar

O exame de Inácio é o paralelo formal mais exato da série: um exame ao fim do dia, em pontos, com gratidão e propósito; a seção põe as duas formas lado a lado e mede onde mudam.

Inácio dá o exame geral em cinco pontos: "O primeiro ponto é dar graças a Deus nosso Senhor pelos benefícios recebidos. O segundo, pedir graça para conhecer os pecados e lançá-los fora. O terceiro, pedir conta à alma, [...]. O quarto, pedir perdão a Deus nosso Senhor das faltas. O quinto, propor emenda com a sua graça" (Inácio de Loyola, *Exercícios espirituais*, n. 43) [V-es via secundária: Reig Pla; tradução do estudo].

O cânon responde com as duas perguntas do Pilar I (ver 2.1) e com o fecho: "Encerrar com gratidão a alguém do passado que tornou o dia possível" (Cânon v1.2, "Regra de Vida"). "Não é o exame de um juiz severo, contando pontos negativos. É mais parecido com quem revisita o rio percorrido no dia", e responde-se "em voz baixa ou numa frase escrita" (Meditações Práticas, "O Examinar da noite").

Coincidem o fim do dia, a revista da jornada, a forma escrita possível e a gratidão como parte do exame [hipótese do estudo]. A letra de Inácio põe a gratidão em primeiro lugar, e a do cânon em último. Mudam quatro coisas. A gratidão de Inácio é a Deus, pelos benefícios; a do cânon é a alguém do passado, sem nome, e é a fronteira mais fina da seção. O exame de Inácio é diante de Deus e pede perdão; o do cânon não tem juiz, e quem retoma é o rio. Inácio pede graça, para conhecer os pecados e para emendar-se, e o Examinar não pede nada a ninguém. E o cânon não tem "pecados": tem luz escondida. A fronteira da gratidão e do juiz está em 3.10. O Examinar é uma hora do dia, e a hora está dentro de um ritmo mais largo (2.8).

2.8 A Regra de Bento, a Regra de Vida e o sabbath do fluxo

A Ficha dizia "sem culto: regra pessoal, não rito eclesial"; a seção ouve a *Regra* de Bento (c. 530), mostra que o toque é maior do que a Ficha dizia e mede o repouso do meio da semana, que o Evangelho também conhece.

Bento manda, no capítulo 4, "vigiar a cada hora os atos da própria vida" (Bento, *Regra*, 4; *actus vitae suae omni hora custodire*) [V-la; tradução do estudo], homônimo da Vigília, e no capítulo 48, que divide o dia entre trabalho manual e leitura, começa: "O ócio é inimigo da alma" (*Regra*, 48) [V-la; tradução do estudo]. A *Regra* não é só culto: tem trabalho, leitura, exame e vida em comum.

O cânon responde com um ritmo de dia, semana e estação (Cânon v1.2, "Regra de Vida"; Catecismo, 42): o Acender de manhã, o Examinar à noite, "a mudança deliberada" e a celebração maior, "idealmente com outros", à semana, e a Revisão do rio por estação, porque "a regra serve à vida, não o contrário".

O toque é maior do que a Ficha dizia [leitura do estudo]. As duas são regras de tempo que distribuem trabalho, atenção, exame e descanso, e nenhuma é só individual: a de Bento é de comunidade, e a do cânon quer a celebração, idealmente, com outros. "Culto" não ocorre na letra do cânon, e "pessoal" e "rito eclesial" são qualificações da Ficha (Estudo I, 3.9); o cânon não prescreve culto, rito eclesial, sacramento nem igreja, e prescreve regra. A fronteira correta é "sem culto, sem igreja, sem sacramento — e com regra" [hipótese do estudo; proposta em 5.4]. Duas distâncias: o capítulo 72 de Bento termina em "Que nada anteponham a Cristo" (*Regra*, 72) [V-la; tradução do estudo], e o primado de Cristo não tem lugar no cânon; e a *Regra* se vive em comunidade, sob um abade, enquanto a Regra de Vida se ajusta a cada estação. A fronteira está em 3.10.

No meio da semana a Regra de Vida tem um repouso, o sabbath do fluxo. Jesus diz: "O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado" (Mc 2,27, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. Hebreus diz que "resta um repouso para o povo de Deus" e que quem entrou no descanso "descansou de suas obras" (Hb 4,9-10) [V-gr; V-pt: ARA]; o sétimo dia de Agostinho "não tem tarde nem ocaso" (*Confissões*, XIII, 36, 51) [V-la; tradução do estudo]. O cânon responde: "Meio dia sem produzir nada. Só ser. A luz não precisa provar que existe" (Cânon v1.2, "Regra de Vida"), e por decisão do fundador (n.º 8 de 31/10/2026, Estudo XI) "o sabbath do fluxo é um não-ato: não é contemplação, e não há graus de vida que sejam graus de pessoa".

O toque é de estrutura [leitura do estudo]: a inversão de Marcos, o repouso para a pessoa e não a pessoa para o repouso, é a da Revisão do rio, em que a regra serve à vida; e o cessar das próprias obras de Hebreus, ainda que ali seja o descanso de Deus, tem o seu vizinho em "meio dia sem produzir nada" (Cânon v1.2, "Regra de Vida"). A fronteira é o tamanho e o fim: o repouso de Hebreus "resta", e o sétimo dia de Agostinho não tem tarde; o sabbath do fluxo é meio dia por semana. O sabbath do fluxo não é culto. Do repouso passa-se às três peças que o fundador mandou à Ficha (2.9).

2.9 O material decidido como toque

O fundador mandou à Ficha três peças do cristianismo lido por outros; cada uma toca até onde a decisão a deixou.

A quenose e a substituição entram por decisão do fundador (n.º 4 e n.º 10 de 19/10/2026, Estudo VIII), com o limite da Bússola (ver 3.5): o Abrigo não vai até a substituição. A quenose (Fl 2,6-8; ver 1.3) entra como matéria do interlocutor, sem o esvaziamento do Filho (n.º 9 de 23/10/2026, Estudo

X), e o estudo não estende o limite a ela. O toque está na dívida, que o cânon aceita de Levinas (n.º 1 de 19/10/2026, Estudo VIII).

O material de Ricoeur entra por decisão do fundador (n.º 12 de 23/10/2026, Estudo IX; ver 4.3). A polifonia dos nomes e o "seja qual for o nome que cada um lhe dê" (Cânon VI.2, "Independência confessional") põem a mesma pluralidade ao redor de uma origem que a filosofia não decide, e a economia do dom tem seu lugar no rio: "O Flumen, que no Pilar II é o que se recebe, é aqui o que se deve" (Tratado das Águas Comuns, "Síntese"). O "há perdão" de Ricoeur pode ser lido ao lado da Luz sem nome, "sem que isso seja nomear" (n.º 6 de 23/10/2026, Estudo IX).

O Jesus do perdão como Arendt o lê veio em 2.2; o Paulo da vontade dividida, na mesma decisão (n.º 11 de 31/10/2026, Estudo XIII), é fronteira, e fica para 3.4. Onde estas peças deixam de se tocar é matéria do capítulo 3.

3. Onde nos separamos

Este capítulo marca as fronteiras, com a letra de cada lado. O cristianismo nomeia a origem da luz e promete; o cânon, por letra e por decisão, deixa a Luz sem nome e não afirma nem nega o depois. Valem aqui as decisões do fundador listadas em 5.2; estão fechados o esvaziamento do Filho (n.º 9 de 23/10/2026, Estudo X) e o mestre interior, que fica herança nomeada e não passa a estrutura (n.º 3 de 31/10/2026, Estudo XII). As citações bíblicas são da ARA. A Antífona não é tratada neste estudo.

3.1 A origem nomeada e a Luz sem nome

A fronteira central cabe numa pergunta: de quem é a luz? Esta seção diz como o cristianismo responde e como o cânon deixa a resposta.

O Gênesis dá a dignidade como imagem de alguém: "Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou" (Gn 1,27, ARA) [V-he; V-gr: Septuaginta; V-pt: ARA]. Agostinho põe a imagem na capacidade de Deus (*A Trindade*, XIV, 8, 11, ver 1.4). Em toda a linha, a *imago Dei* é dignidade de criatura, recebida de um Criador nomeado.

O cânon responde com a ordem e sem o doador (ver 2.1). A luz é "dada antes de qualquer relação" (n.º 3 de 17/10/2026, Estudo VII), e quem dá fica sem dizer. A letra sobre o nome é dita a quem crê: "Para quem crê, a Luz tem nome próprio: para o cristão, é o próprio Deus [...] A filosofia não decide isso por ninguém" (Cânon VI.2, "Independência confessional"; ver também Catecismo, 26), e a origem é "questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto" (Tratado da Luz Interior, "Fundamentação"). Por decisão do fundador, o nome fica fora da fórmula, com cada leitor, e a luz imutável de Agostinho é estrutura, nunca nome da Luz (n.º 1 e n.º 2 de 31/10/2026, Estudo XII). A *imago Dei* é, portanto, a escola histórica da intuição, e herança não é identidade [leitura do estudo].

Ricoeur, matéria do interlocutor por decisão do fundador (n.º 12 de 23/10/2026, Estudo IX), diz que a nominação "não é monocórdica, mas polifônica" (*Fé e filosofia*, ed. espanhola, p. 95, ver 4.3) [V-es via Estudo IX, 4.3; tradução do estudo]. O cânon toma a pluralidade, e não um nome: "Não é preciso nenhum nome religioso para ser fiel à luz" (Catecismo, 27). A anterioridade da dignidade sobre o mérito aproxima as letras; o que separa é quem dá. A fronteira, dita sem atenuar: lá, imagem de alguém; aqui, luz de cada pessoa, de origem não dita [leitura do estudo].

Questão aberta (bz): a Ficha dizia que a *imago Dei* "é a grande escola dessa intuição". A letra do cânon diz que a dignidade precede o mérito e que a luz é dada, e não tem *imago Dei*, criatura nem criação. O estudo pergunta ao fundador se a Ficha reescrita mantém o toque e diz a fronteira na mesma linha (imagem de um Criador nomeado × luz de alguém sem origem dita), com a herança dita e a identidade não afirmada. Passa-se à luz que o Evangelho nomeia.

3.2 A luz que é Cristo, a luz dos discípulos e a Lux

"Luz" é o homônimo mais carregado do estudo. Esta seção separa cinco usos, para que nenhum seja lido como nome da Lux.

João diz a luz como o Verbo, "a verdadeira luz" (Jo 1,9, ARA) [V-gr; V-pt: ARA], e como Cristo, que declara: "Eu sou a luz do mundo" (Jo 8,12) [V-gr; V-pt: ARA]; a divergência de tradução em Jo 1,9 está em 1.3. Mateus dá outra luz, a dos discípulos: "Vós sois a luz do mundo", e a candeia vai "no velador", não "debaixo do alqueire" (Mt 5,14-16) [V-gr; V-pt: ARA]. Em Lucas a luz "em ti" pode escurecer: "Repara, pois, que a luz que há em ti não sejam trevas" (Lc 11,35) [V-gr; V-pt: ARA].

A tradição acrescenta o nome que mais se parece com o do Tratado: os quacres falam de uma luz interior, que é Cristo presente em cada um (ver 1.3). O mestre interior, que em Agostinho é Cristo (*Sobre o mestre*, XI, 38), fica herança nomeada (n.º 3 de 31/10/2026, Estudo XII).

O cânon diz a sua luz de outro modo: "A luz não se acende — ela se revela" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I, ver 2.1). O Tratado explica o que a cobre: a luz "pode estar plenamente presente e, ainda assim, encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias" (Tratado da Luz Interior, "Objeção provável e resposta breve"). A estrutura toca Lc 11,35 e Mt 5,15: uma luz em cada um, que se cobre e se descobre. A fronteira são cinco luzes que não se somam: a de João, que é Cristo; a de Mateus, que são os discípulos; a *lumen* de Tomás, do intelecto; a dos quacres, Cristo por dentro; e a Lux, de cada pessoa, sem Cristo nomeado e sem fonte dita [leitura do estudo]. Quem lê com o cristianismo pode dizer que a luz de Mt 5 e a de Jo 8 são a de Deus; o estudo para aí.

Questão aberta (ca): a lâmpada sob o alqueire (Mt 5,15) e "a luz que há em ti" (Lc 11,35) leem-se ao lado de "a luz não se acende — ela se revela", como leitura e com a fronteira (a luz joanina é Cristo)? E o homônimo dos quacres fica só neste estudo, ou pede nota ao Tratado da Luz Interior? O estudo pergunta ao fundador. Passa-se da luz ao perdão.

3.3 A graça e a mão que retoma

A Ficha unia numa linha duas coisas que a decisão do fundador separou. Esta seção as diz em duas linhas, cada uma com a sua voz (a Misericórdia é letra do cânon, a graça é toque do cristianismo), e mede a direção do perdão.

O cristianismo diz a graça como dom de fora e de cima (Rm 3,24; Ef 2,8-9, ver 1.5): a salvação "é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie" (Ef 2,8-9, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. O cânon diz outra coisa, a mão que retoma: "Falhar na regra não apaga a luz", e o rio "a retoma" (Cânon v1.2, "A Regra da Misericórdia", ver 2.2). A mão é o rio (n.º 4 de 17/10/2026, Estudo VII; Catecismo, 48). Duas linhas, por decisão do fundador (n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII): a mão que retoma é do rio, e a graça é toque do cristianismo.

O perdão entre pessoas é outra matéria, e o cristianismo o diz sem conta: "setenta vezes sete" (Mt 18,22, ARA, ver 1.6) [V-gr; V-pt: ARA]. Arendt lê em Jesus o descobridor do perdão (ver 1.6), matéria do interlocutor por decisão do fundador (n.º 11 de 31/10/2026, Estudo XIII), e diz que o poder de perdoar "não deriva de Deus" (*A condição humana*, §33, pp. 238–239) [V-en; tradução do estudo]. O contato está no recomeço sem conta; o que separa é a direção. A Regra "retoma", não "perdoa": "perdão" não ocorre na letra do cânon, e a Disputatio diz o endereço, "reflexivo — falar a quem falhou consigo mesmo, para que não desista da própria luz por causa do próprio erro" (Disputatio, 3, "Respondeo"). Lá, o perdão vem de Deus ou do próximo e vai ao outro; aqui, a pessoa consigo, e o rio retoma; os quatro usos de "misericórdia" ficam ditos por decisão do fundador (n.º 6 de 03/11/2026, Estudo II) [leitura do estudo].

Questão aberta (cb): "setenta vezes sete" e o Jesus do perdão de Arendt (matéria decidida) leem-se ao lado da Regra da Misericórdia como leitura, com a fronteira da direção (reflexiva, com a mão do rio × de Deus e ao próximo), sem pôr "perdão" na boca do cânon? O estudo pergunta ao fundador. A graça fica entre os toques, por decisão (n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII), e a linha "quem dá" é matéria da pergunta (ch), em 3.13. Passa-se ao diagnóstico.

3.4 O pecado e a luz encoberta; o pecado original e "ninguém começa do zero"

O diagnóstico é a fronteira mais funda depois do nome. O cristianismo vê a pessoa dividida e herdeira de uma falta; o cânon vê a luz coberta e a pessoa herdeira de um rio. Esta seção diz as duas e separa dois homônimos perigosos.

Paulo escreve a vontade dividida: "o mal que não quero, esse faço" (Rm 7,19, ARA) [V-gr; V-pt: ARA], e grita: "Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?" (Rm 7,24) [V-gr; V-pt: ARA] (ver 1.5). Arendt faz dele o teórico da vontade dividida em luta (Estudo XIII, 4.4; ver 4.7), material decidido (n.º 11 de 31/10/2026, Estudo XIII).

O cânon não tem a palavra "pecado" nem a divisão da vontade. A divisão que ele conhece é outra: "Quem diz uma coisa e vive outra vive dividido" (Catecismo, 8). O diagnóstico é por encobrimento, com três causas que a n.º 6 de 23/10/2026, Estudo X, manteve (medo, hábito, adaptação às expectativas alheias). A fronteira de diagnóstico, dita sem atenuar: lá, a pessoa é ao mesmo tempo justa e culpada, e precisa de quem a livre; aqui, a luz está inteira e coberta, e o exame a mostra [hipótese do estudo].

O segundo homônimo é o pior, porque as palavras quase coincidem. O cristianismo diz Adão: "assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo" (1Cor 15,22, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]; em Rm 5,12 a ARA lê "porque todos pecaram" [V-gr; V-pt: ARA] onde a Vulgata lê *in quo* ("nele") para *eph' hō*, base da leitura agostiniana do pecado herdado [tese a confirmar (Dunn, Fitzmyer)]. O cânon diz que somos "herdeiros de gerações e civilizações inteiras — e ancestrais de quem virá" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", II, ver 2.4). O que se herda é o que se

recebeu, o rio, isto é, os ancestrais e o Legado; a luz não se herda, porque a Lux é "antes de qualquer história" (n.º 4 de 23/10/2026, Estudo IX). O homônimo diz-se assim: culpa herdada × rio herdado; a luz, de cada um [leitura do estudo].

Questão aberta (cf): o pecado e a luz encoberta; o pecado original e "ninguém começa do zero". O estudo pergunta ao fundador se a Ficha reescrita declara o homônimo (culpa herdada × rio herdado; a luz, de cada um) e se diz que o cânon, em lugar de "pecado", tem a luz encoberta, a noite e o lobo, com o Paulo da vontade dividida de Arendt ao lado. Passa-se à direção do amor.

3.5 "Vinde a mim" e "sê casa": a direção do Abrigo, o *agapē* e a dívida; o limite

A Ficha pôs lado a lado Abrigo e caridade. Esta seção corrige a direção e diz o limite que o Abrigo guarda diante da substituição.

O chamado de Mt 11,28 é de Jesus a si: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei" (Mt 11,28, ARA, ver 1.7) [V-gr; V-pt: ARA]. O Abrigo vai em sentido contrário: quem vive o Lumen Fluens "se compromete a ser lugar seguro no rio" (Cânon VI.2, "O Abrigo", ver 2.3), *sis alteri domus*, "sê casa para o outro". Quem abriga é a pessoa, a quem chega, e "o Abrigo revela e nada exige" (n.º 3 de 19/10/2026, Estudo VIII). O samaritano é o toque: Jesus devolve ao legista "Qual destes três te parece ter sido o próximo" (Lc 10,36, ARA, ver 1.7) [V-gr; V-pt: ARA] [leitura do estudo].

O *agapē* tem três termos, Deus, eu e o próximo: "Nós amamos porque ele nos amou primeiro", e quem não ama "a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê" (1Jo 4,19-20, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. Ricoeur lê o ágape como economia do dom (n.º 12 de 23/10/2026, Estudo IX; ver 4.3). O cânon não tem "caridade" nem "próximo". Tem a dívida: "há uma luz devida ao outro" (Catecismo, 36), "devo ao rio o próprio fluxo" (Cânon VI.2, "As Águas Comuns"), e a fórmula que aceita de Levinas a dívida e recusa a eleição (n.º 1 de 19/10/2026, Estudo VIII). São duas triangulações, Deus–eu–próximo e rio–eu–outro, e só uma é nomeada; a analogia é do estudo, não do cânon [hipótese do estudo].

O limite está na letra cristã e na de Levinas, e é o da substituição. Paulo cita um cântico de Cristo: "a si mesmo se esvaziou" (Fl 2,7, ARA, ver 1.3) [V-gr; V-pt: ARA]; e Isaías diz o Servo que "tomou sobre si as nossas enfermidades [...] o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos" (Is 53,4.6, ARA) [V-he; V-pt: ARA]. Levinas diz a substituição como estrutura: "O si é a passividade aquém da identidade, passividade do refém. [...] Ser eu é sempre ter uma responsabilidade a mais" (*Entre nós*, pp. 92–93, pelo Estudo VIII, 4.3) [V-pt]. O limite já está decidido: "O Abrigo não vai até a substituição. O limite é a Bússola: ser casa para o outro nunca pede que a luz própria se apague" (n.º 4 de 19/10/2026, Estudo VIII). A quenose entra como matéria do interlocutor (n.º 10 de 19/10/2026, Estudo VIII), sem o esvaziamento do Filho (n.º 9 de 23/10/2026, Estudo X), e o estudo não estende o limite à quenose [leitura do estudo]. Passa-se ao lobo.

3.6 “Amai os vossos inimigos” e o lobo que deve justiça

O Evangelho manda amar quem fere; o cânon manda resistir e dever justiça. Esta seção declara a fronteira, sem decidir o que o fundador deixou aberto.

Jesus diz: “amai os vossos inimigos [...] para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste” (Mt 5,44-45, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. Na cruz, a quem executa: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23,34) [V-gr; V-pt: ARA], com o problema textual dito em 1.6.

O cânon fala do lobo, não do inimigo: “O lobo é o mal que alguém inflige — diante dele não se vela: resiste-se, e deve-se justiça, porque há uma luz devida ao outro” (Cânon VI.2, “A Vigília”; Catecismo, 36). A Disputatio marca o limite da Regra: “A Misericórdia cobre bem o fracasso próprio; não cobre, ainda, o que se deve à vítima do fracasso alheio” (Disputatio, 3, “Respondeo”). Por decisão do fundador, o perdão da vítima ao lobo fica para o tratado da justiça, depois da sanção e da reabilitação (n.º 3 de 23/10/2026, Estudo IX). Ricoeur diz que o perdão “nunca é devido” (*O justo*, ed. espanhola, pp. 204–205) [V-es via Estudo IX, 1.6; tradução do estudo]. A fronteira é dita sem decisão: lá, o inimigo é amado, e o perdão, em última instância, é de Deus; aqui, o lobo é enfrentado e devido de justiça, e a pergunta pelo perdão da vítima segue aberta [leitura do estudo].

Questão aberta (g): a justiça devida ao lobo, o perdão da vítima, “amai os vossos inimigos”, o perdão difícil de Ricoeur e o de Arendt seguem como matéria do tratado da justiça. O estudo registra e não decide; pergunta ao fundador se Mt 5,44 e Lc 23,34 entram nesse material, sem ordem escolhida. Passa-se à noite.

3.7 A vigília que espera o Senhor, a noite, a cruz e a providência

“Vigiar” é o homônimo mais exato do estudo, porque tem duas faces que acendem lâmpadas na noite: vigiar com alguém e esperar o que vem. Esta seção as separa do que o cânon chama velar, mede a cruz e a providência, e registra Moriá.

O verbo do Getsêmani é *grēgoreō* (“vigiar”), o mesmo das virgens, e o homônimo tem duas faces. No Getsêmani vigia-se com alguém na noite: “vigiai comigo” (Mt 26,38, ARA, ver 1.8) [V-gr; V-pt: ARA]. Nas virgens (Mt 25,1-13) e em Mc 13,33-37 vigia-se pelo Senhor que vem, “porque não sabeis o dia nem a hora” (Mt 25,13, ver 1.10) [V-gr; V-pt: ARA]: a vigília do fim dos tempos. A letra do cânon separa as duas de um terceiro gesto: “Velar não é vigiar nem esperar” (Tratado da Vigília, “Definição”, ver 2.6); a Vigília não se chama “esperança, que olha para uma manhã que a luz não promete” (Tratado da Vigília, “Definição”) e “promete presença, não vitória” (Cânon VI.2, “A Vigília”). As lâmpadas acesas na noite e a companhia de quem vela são o toque (ver 2.6); a fronteira é o que cada vigília espera [leitura do estudo].

A cruz põe Deus dentro da noite: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt 27,46, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. Bonhoeffer escreve da prisão que “só o Deus que sofre pode ajudar” (carta

de 16/7/1944, ver 1.8) [V via secundária: Kamphuis; original alemão não conferido; tradução do estudo]. A noite tem ainda um homônimo: em Juan de la Cruz é "um influxo de Deus na alma, que a purifica" (*Noite escura*, II, 5, 1, ver 1.8) [V-en: Peers; tradução do estudo]; no cânon é "o mal que ninguém causou" (Cânon VI.2, "A Vigília"), e não purifica nem conduz. O toque mais fundo do estudo fica assim dito com a fronteira: lá, Deus entra na noite; aqui, a luz de uma pessoa vela nela [hipótese do estudo].

A providência é a fronteira da série, dentro de um limite. "Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus" (Rm 8,28, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]; as traduções divergem sobre o sujeito, e uma parte da tradição manuscrita traz *ho theos* depois de *synergei* [tese a confirmar no aparato do Nestle-Aland]. O cânon "não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua" (n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII), isto é, como justificação de Deus diante do mal, e a fronteira da providência vale "para as casas que virão" dentro desse limite (n.º 7 de 03/11/2026, Estudo II). "Recusa a providência" não entra, pela n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII, e pela n.º 1 de 03/11/2026, Estudo II. Em Moriá, Deus diz "Não estendas a mão sobre o rapaz" (Gn 22,12, ARA) [V-he; V-pt: ARA], e Hebreus lê pela ressurreição: Abraão "considerou que Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos" (Hb 11,19) [V-gr; V-pt: ARA]. O cânon segue em silêncio, como o registraram os Estudos I e II.

Questão aberta (cc): "vigiai" de Getsêmani e as lâmpadas das virgens leem-se ao lado da Vigília: a Ficha reescrita registra o homônimo (vigiar com alguém na noite × esperar o que vem), com o verbo próprio do cânon, velar, que o Tratado da Vigília diz que "Velar não é vigiar nem esperar", e com Getsêmani como o toque mais próximo? E "só o Deus que sofre pode ajudar" (Bonhoeffer) fica como o toque mais fundo, dito com a fronteira (lá, Deus na noite; aqui, a luz de uma pessoa)? O estudo pergunta ao fundador.

Questão aberta (j): a Bússola vetaria o monte Moriá? O cristianismo responde pela fé e por Hb 11,17-19; o cânon segue em silêncio. O estudo registra e pergunta ao fundador se o silêncio fica registrado. Passa-se ao depois.

3.8 A ressurreição, a nuvem de testemunhas e a lamparina no rio

O depois é a promessa cristã mais nítida; do depois o cânon não diz nada. Esta seção corrige a Ficha sobre a letra do silêncio e diz a fronteira.

Paulo faz da ressurreição o fundamento: "se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé" (1Cor 15,14, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. O Apocalipse diz o termo: Deus "lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá" (Ap 21,4) [V-gr; V-pt: ARA]. Hebreus põe os mortos junto dos vivos: "temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas" (Hb 12,1, ver 2.4) [V-gr; V-pt: ARA].

O cânon não tem a palavra: "morte" e "morrer" não ocorrem (Estudo I, 3.8). A Ficha dizia "sobre o depois do rio, silêncio respeitoso"; a frase é da Ficha, não letra, e o cânon não diz nada do depois, nem que há nem que não há. O que a letra tem é "uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer", e deixa a quem crê que "poderá ler uma manhã na fé que professa" (Tratado da Vigília, "Objeção provável e resposta breve"). A lamparina vai ao rio: "a luz de cada um, entregue às águas de todos — e por elas levada mais longe do que qualquer um iria sozinho" (Cânon v1.2, "As Águas Comuns"). Os mortos têm no cânon o lugar da gratidão do Examinar (n.º 7 de 23/10/2026, Estudo IX). Que a luz vá "mais longe" não se diz além-túmulo: é a circulação do rio [leitura do estudo].

A fronteira, dita sem atenuar: a ressurreição é do cristianismo; o cânon não afirma nem nega nada sobre a morte e o depois, e "o silêncio à beira d'água" das Águas Comuns (Cânon v1.2, "As Águas Comuns") é a margem, não o depois. Passa-se à consciência.

3.9 A consciência como voz de Deus e a Bússola

"Consciência" é homônimo com a Bússola, e a diferença é a voz.

Paulo diz dos gentios "testemunhando-lhes também a consciência" (*syneidēsis*; Rm 2,15, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. O Vaticano II: "A consciência é o centro mais secreto e o santuário do homem, no qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser" (*Gaudium et spes*, n.º 16) [V-pt: Vaticano]. Newman: "a consciência é a voz de Deus na natureza e no coração do homem" (*Carta ao Duque de Norfolk*, §5) [V-en; tradução do estudo]. Em todos, a consciência é onde uma voz de fora fala por dentro.

O cânon tem outra coisa. "A Bússola não escolhe os caminhos por ninguém; ela apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los", porque "eu sem a minha luz sou uma mentira" (Cânon v1.2, "A Bússola"). A n.º 7 de 23/10/2026, Estudo X, fixa: "O veto da Bússola é a própria Luz na pessoa, sem voz externa." A palavra "consciência" ocorre só como nome possível da Luz para quem não crê (Cânon v1.2, "Independência confessional"; Catecismo, 26–27), e a n.º 5 de 23/10/2026, Estudo IX, deixa a quem crê "o nome que a fé lhe dá". O contato é a primazia da consciência sobre a autoridade externa; a fronteira é a voz: a consciência cristã é voz de Deus; a Bússola não é voz de ninguém, e quem crê pode ouvir nela a consciência [leitura do estudo].

Questão aberta (ce): a consciência como "voz de Deus" (Newman; *Gaudium et spes*, 16) e a Bússola que veta sem voz externa registram-se na Ficha reescrita como fronteira? O estudo pergunta ao fundador. Passa-se à regra.

3.10 A confissão, o exame de Inácio, a Regra de Bento e o "sem culto"

O paralelo formal mais exato da série é o exame de Inácio, e a fronteira mais fina é a gratidão. Esta seção corrige a Ficha: o cânon não prescreve culto, e tem regra.

Inácio dá o exame geral em cinco pontos, e o primeiro é "dar graças a Deus nosso Senhor pelos benefícios recebidos"; o quarto, "pedir perdão a Deus nosso Senhor das faltas" (*Exercícios espirituais*, n. 43, ver 2.7) [V-es via secundária: Reig Pla; tradução do estudo; edição Loyola não aberta]. Bento pede "confessar a Deus cada dia [...] os males passados" (*Regra*, 4) [V-la; tradução do estudo; edição Lumen Christi não aberta]. Na confissão sacramental, um sacerdote absolve.

O Examinar tem duas perguntas, "onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou? Cinco minutos bastam" (Cânon VI.2, "Os Quatro Pilares", I), e fecha "com gratidão a alguém do passado que tornou o dia possível" (Cânon VI.2, "Regra de Vida"). Não é "o exame de um juiz severo" (Meditações Práticas, "O Examinar da noite"). Inácio e o Examinar partilham a revista do dia e a gratidão; separam-nos o destinatário (Deus × alguém do rio), o fim (pedir perdão e graça × a mão do rio) e o lugar da gratidão, que Inácio põe primeiro e dirige a Deus, e o cânon põe por último e dirige a alguém do rio [hipótese do estudo].

A Ficha dizia "sem culto: regra pessoal, não rito eclesial", e a letra confirma só em parte: "culto", "igreja" e "sacerdote" não ocorrem, e o cânon não prescreve rito nem sacramento [leitura do estudo]; mas tem ritmo de dia, semana e estação, e "a regra serve à vida, não o contrário" (Cânon VI.2, "Regra de Vida"). A fronteira que a letra sustenta é "sem culto, sem igreja, sem sacramento — e com regra" [leitura do estudo].

Questão aberta (cd): o exame de Inácio e o Examinar leem-se lado a lado, com a fronteira da gratidão (a Deus × a alguém do rio) e a do juiz (diante de Deus × "não é o exame de um juiz severo"), e a Regra de Bento ao lado da Regra de Vida? E a Ficha reescrita troca "sem culto: regra pessoal, não rito eclesial" por "sem culto, sem igreja, sem sacramento — e com regra"? O estudo pergunta ao fundador. Passa-se à fé que se exige.

3.11 A fé exigida, o *extra Ecclesiam*, a predestinação e o inferno

Aqui o cristianismo toma posição onde o cânon não decide por ninguém, e as tradições cristãs se dividem. Esta seção mede o que a frase da série cobre.

A letra é exclusiva e sem atenuante: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14,6, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]; "E não há salvação em nenhum outro" (At 4,12) [V-gr; V-pt: ARA]; e "E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna" (Mt 25,46) [V-gr; V-pt: ARA]. Da fórmula *extra Ecclesiam nulla salus* ("fora da Igreja não há salvação") o estudo não traz fonte [localização a confirmar]. A predestinação tem a letra de Calvino: "alguns são preordenados para a vida eterna, outros para a condenação eterna" (*Institutas*, III, 21, 5) [V-en:

Beveridge; tradução do estudo]; a de Agostinho vem pelo Estudo XII: a *massa damnata* (“massa condenada”) (*Enquirídio*, 27) [V-la; tradução do estudo].

A tradição que corrige vai ao lado. Orígenes escreve “a restauração perfeita de toda a criação” (*Dos princípios*, III, 6) [V-en: Crombie; tradução do estudo], e sua doutrina foi condenada em 553, no Segundo Concílio de Constantinopla [tese a confirmar]; Gregório de Nissa, que toda a natureza humana é “uma só imagem daquele que é” (*Sobre a criação do homem*, 16, ver 1.4) [V-en: Wilson; tradução do estudo]; Balthasar sustenta que é permitido esperar, não afirmar, que todos se salvem [paráfrase; V-en via secundária: Brotherton; página a confirmar]. O Vaticano II: quem ignora sem culpa o Evangelho e busca a Deus, “também eles podem alcançar a salvação eterna” (*Lumen gentium*, 16) [V-pt: Vaticano].

O cânon não tem palavra para nenhuma das quatro coisas: não tem “inferno”, “predestinação”, “Igreja” nem “salvação”. Tem “cada pessoa” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I), “Lumen Fluens não pertence a nenhuma religião oficial — e não exclui nenhuma” (Cânon v1.2, “Independência confessional”) e, a quem tem fé, “Não precisa” deixá-la (Catecismo, 28). A frase da série, por decisão do fundador, é: “nenhuma pessoa está fora da Lux; nenhuma massa nem número a reparte, e o nome fica com quem a carrega” (n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XII). O estudo mede [hipótese do estudo]: a frase cobre o valor, porque nega massa e número; é nesse plano que a *massa damnata* e a predestinação encontram nela a fronteira, sem contradizer o nome fora da fórmula (n.º 1 de 31/10/2026, Estudo XII). Mas a fé exigida e o *extra Ecclesiam* falam de salvação, e a frase fala de valor; o cânon não diz nada da salvação, e o estudo não afirma o que ele não diz. O inferno é castigo eterno, e o cânon não o afirma nem o nega.

Questão aberta (cg): a fronteira de uma frase da série basta para a fé exigida (Jo 14,6; At 4,12), a predestinação, o inferno e o *extra Ecclesiam*, ou a Ficha III recebe frase própria, com a letra evangélica e a tradição que corrige (Orígenes, Gregório de Nissa, Balthasar, *Lumen gentium* 16) registrada? O estudo mede que a frase cobre o valor e pergunta ao fundador se a fé exigida e o *extra Ecclesiam*, que falam de salvação, pedem frase própria. Passa-se à mulher e à escravidão.

3.12 A mulher e a escravidão

A letra cristã contém o princípio e o regramento, e a tradição se dividiu. Esta seção declara a matéria e pergunta pelo padrão da série.

“Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3,28, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]; “não permito que a mulher ensine, nem exerça autoridade de homem” (1Tm 2,12) [V-gr; V-pt: ARA]; a Filêmon, que o escravo volta “não como escravo; antes, muito acima de escravo, como irmão caríssimo” (Fm 16) [V-gr; V-pt: ARA]; “Quanto a vós outros, servos, obedecei a vosso senhor segundo a carne com temor e tremor” (Ef 6,5) [V-gr; V-pt: ARA]. O cânon não trata do assunto: “mulher” e “escravo” não

ocorrem, e a letra é "cada pessoa". O padrão das fronteiras da série existe (n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XI; n.º 11 de 03/11/2026, Estudo II).

Questão aberta (k): o mal estrutural. O estudo registra a matéria e pergunta ao fundador se o padrão das fronteiras fixadas para os clássicos se estende ao cristianismo, como se estendeu à Stoa, ou se (k) segue aberta até o estudo de Marx. Passa-se à fórmula.

3.13 A fórmula e a Ficha corrigida

O capítulo fecha com o que o cristianismo e o cânon não dizem juntos. A fórmula da série tem a forma "aceita de X o A e recusa o B", em que B é o que graduaria a pessoa, condicionaria a luz ou justificaria o mal [leitura do estudo]. O estudo propõe, para o fundador aceitar, ajustar ou recusar: "o Lumen Fluens aceita do cristianismo a anterioridade e recusa o juízo".

A anterioridade é letra do cânon: o valor de cada pessoa é "anterior a qualquer conquista ou circunstância" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I, ver 2.1), e "a dignidade precede o mérito" (Tratado da Luz Interior, "Síntese"). É também o que a Ficha chamou "a grande escola", a *imago Dei*: a dignidade antes do mérito, que entra como estrutura, não como palavra da letra cristã [leitura do estudo]. O juízo recusado é a condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa de um veredito: o Juízo que separa, a sentença final sobre a pessoa. Não é a justiça devida ao lobo, que fica para o tratado (g, ver 3.6). O cânon diz: "Falhar na regra não apaga a luz" (Cânon v1.2, "A Regra da Misericórdia") e "o afogamento não é a medida final do que essa pessoa era" (Disputatio, 3, "Respondeo"). O juízo, em si, fica com quem crê nele. A fórmula marca a posição do cânon e não julga o cristianismo; não toca na ordem do todo (n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII) e não nomeia a Luz por contraste.

Caem as outras letras consideradas. "Dádiva × limiar": "limiar" é polissêmico no campo da morte e do templo e se sobrepõe a "exceção" e a "chegada", e "dádiva" supõe doador. "Anterioridade × condição": "condição" é a glosa comum a todas as fórmulas da série, não a letra própria desta casa. "Perdão × promessa": "promessa" é palavra do Abrigo (n.º 5 de 31/10/2026, Estudo XIII), e "perdão" roçaria a n.º 3 de 23/10/2026, Estudo IX. "Luz devida × nome" e "imagem × Criador" nomeiam a Luz por contraste. "Recusa a graça" recusaria o que a n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII, registrou como toque do cristianismo, e "recusa a providência" já está excluída (n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII; n.º 1 de 03/11/2026, Estudo II).

Questão aberta (by): a fórmula. O estudo propõe "o Lumen Fluens aceita do cristianismo a anterioridade e recusa o juízo", com a glosa acima, e registra as letras que caíram. O risco é que "recusa a exceção" (Estudo XII) mede quem recebe, e "recusa o juízo" mede o que se faz depender da pessoa; as duas se aproximam. O fundador adota, emenda ou recusa.

Quatro correções à Ficha saem deste capítulo: “misericórdia e graça” são duas linhas; “vinde a mim” inverte a direção do Abrigo; “sem culto” não é “sem regra”; e o toque da luz é maior do que a Ficha dizia, e a fronteira é a origem.

Questão aberta (ch): a Ficha reescrita. O estudo propõe a nova letra no capítulo 5, com as seis decisões já incorporadas (quenose e substituição, duas decisões, com o limite; Ricoeur; *A cidade de Deus* XIV, 3; misericórdia e graça em duas linhas; Jesus e Paulo como Arendt os lê), sem o esvaziamento do Filho, e com a graça em Toques, na letra da n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII, e em Fronteiras só “quem dá” (origem nomeada × origem em aberto), marcado [proposta do estudo]. O fundador aprova, emenda ou mantém a Ficha de outubro ao lado do estudo, e a linha “quem dá” fica entre as fronteiras como proposta do estudo? Passa-se ao cristianismo diante das casas da série.

4. O cristianismo diante das casas da série

Este capítulo põe a casa cristã diante das casas que a série já visitou: o que cada estudo disse dela e o que se acrescenta. Nove casas vieram antes, na ordem das visitas: Hegel (Estudo VII), Levinas (Estudo VIII), Ricoeur (Estudo IX), Platão (Estudo X), Aristóteles (Estudo XI), Agostinho (Estudo XII), Arendt (Estudo XIII), a Stoa (Estudo II) e o budismo (Estudo I). Três não vieram: o Vedanta, que é do Estudo IV e corre em paralelo a este, o existencialismo e o taoísmo, que são portas. As decisões do fundador vêm citadas por data, estudo e número, sem reabertura. Agostinho foi o Estudo XII inteiro: a seção que lhe cabe o mede e não o refaz. A série visita; não gradua.

4.1 Hegel (Estudo VII, 4.3)

A primeira casa lê o cristianismo como o ponto de chegada da religião.

Hegel chama o cristianismo de "religião consumada" (*vollendete Religion*) e também de "manifesta" (*offenbare*): "Um espírito que não é manifesto não é espírito" (Hegel, *Lições sobre a Filosofia da Religião*, parte III, pelo Estudo VII, 4.3) [V-de via Estudo VII, 4.3; tradução do estudo]. O conteúdo dessa religião é a Encarnação (*Fenomenologia do espírito*, §759, pelo Estudo VII, 4.3) [V-de via Estudo VII, 4.3; paráfrase], que o Evangelho diz assim: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1,14, ARA; ver 1.3) [V-gr; V-pt: ARA]. Hegel pede que o princípio da religião se busque "no espírito vivo, em vós mesmos", e não "no túmulo entre os mortos" (*Lições sobre a Filosofia da História*, pelo Estudo VII, 4.3) [V-de via Estudo VII, 4.3; tradução do estudo], e declara-se luterano, "e quero continuar sendo" (*Lições sobre a História da Filosofia*, Introdução, pelo Estudo VII, 4.3) [V-de via Estudo VII, 4.3; tradução do estudo].

A tradição lê Hegel de dentro da fé, e não o poupa. Kierkegaard, por Johannes Climacus, escreve que "a especulação não deve chamar-se cristã" (*Pós-escrito conclusivo não científico às Migalhas filosóficas*, 1846, pelo Estudo VII, 4.3) [V-da via Estudo VII, 4.3; tradução do estudo].

O cânon responde pelas quatro dificuldades que o Estudo VII fixou (4.3). *Offenbar* é falso amigo: o cânon diz da luz que "ela se revela", e isso supõe uma luz que já está (Cânon VI.2, "Os Quatro Pilares", I). As teses de Hegel sobre o espírito divino são filosóficas, e a frase que ele atribui a Agostinho trata da origem da Luz, que o cânon "deliberadamente deixa em aberto" (Tratado da Luz Interior, "Fundamentação"). A teodiceia (a justificação de Deus diante do mal) vale pela fórmula da n.º 1 de 17/10/2026, Estudo VII: o Lumen Fluens "aceita a dialética como método de crescimento doutrinal e a recusa como teodiceia". E a crítica de Hegel à cristandade medieval é de luterano, de dentro. O estudo toma de Hegel a pergunta e deixa os rótulos com quem os pôs [leitura do estudo]. De Hegel, que pensa o cristianismo por dentro de um sistema, passa-se a Levinas, que o lê de fora.

4.2 Levinas (Estudo VIII, 4.3): a quenose e a substituição

A segunda casa traz para o cristianismo duas palavras, e uma decisão do fundador as guarda.

Levinas fala de fora da fé, e diz isso: "Não tenho a ousadia de me meter num assunto interdito a quem não compartilha sua fé" (Levinas, "Um Deus homem?", *Entre nós*, p. 84, pelo Estudo VIII, 4.3) [V-pt via Estudo VIII, 4.3]. Do dogma retém a "humildade de Deus" e a substituição, "indispensável à compreensão da subjetividade", e prevê o veredito: "Tenho certeza de que esta medida será julgada insuficiente pelo cristão que crê" (p. 85) [V-pt via Estudo VIII, 4.3]. A ponte com os cristãos é Mateus 25, em que o Rei do juízo se identifica com os pequeninos (Mt 25,40; ver 1.7): "Não digo que outrem é Deus, mas que, em seu Rosto, entendo a Palavra de Deus" ("Filosofia, justiça e amor", *Entre nós*, p. 151) [V-pt via Estudo VIII, 4.3].

O cristianismo diz a quenose no cântico de Filipenses: Cristo "a si mesmo se esvaziou" (Fl 2,7, ARA; ver 1.3) [V-gr; V-pt: ARA]. Do Servo de Isaías diz que carregou as enfermidades e as dores de outros (Is 53,4; ver 1.7).

O cânon responde por decisões do fundador. A Ficha será revista para receber a quenose e a substituição (n.º 10 de 19/10/2026, Estudo VIII), com o limite já fixado pela n.º 4 de 19/10/2026, Estudo VIII (o texto está em 3.5): o limite é a Bússola. O princípio de Levinas, o de que "a justificação da dor do próximo é, certamente, a fonte de toda imoralidade" ("O sofrimento inútil", *Entre nós*, p. 138, pelo Estudo VIII, 1.10) [V-pt via Estudo VIII, 1.10], está adotado como princípio declarado (n.º 8 de 19/10/2026, Estudo VIII). Quem crê diz que a Luz é Deus (Cânon VI.2, "Independência confessional"; ver 3.1); o cânon não a nomeia; Levinas diz que outrem não é Deus. O Estudo VIII (4.3) não funde as coisas, e a Luz continua sem nome. O esvaziamento do Filho não entra como leitura do cânon (n.º 9 de 23/10/2026, Estudo X): Fl 2 é aqui letra do interlocutor, nada além. A mesma ponte de Mateus 25 leva a Ricoeur, que a atravessa de outro modo.

4.3 Ricoeur (Estudo IX, 4.3): a filosofia sem absoluto

A terceira casa é a de um protestante que separou, por método, a exegese da filosofia.

Ricoeur declara, em 1995, que não pode dizer, como filósofo, "de onde vem a voz da consciência", e nomeia a sua relação com a fé como "minha filosofia sem absoluto e minha fé bíblica mais nutrida de exegese do que de teologia" (*Autobiografia intelectual*, ed. espanhola, p. 84, pelo Estudo IX, 4.3) [V-es via Estudo IX, 4.3; tradução do estudo]. A nominação de Deus "não é monocórdica, mas polifônica" (*Fé e filosofia*, ed. espanhola, p. 95), e "é perfeitamente inútil opor Jerusalém a Atenas" (p. 197); o ágape é "economia do dom de caráter meta-ético" (*O si-mesmo como um outro*, Prólogo, ed. espanhola, p. XXXIX) [V-es via Estudo IX, 4.3; tradução do estudo]. A lógica dessa economia está no Evangelho: "não devias tu, igualmente, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti?" (Mt 18,33, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]; o dom recebido funda o dom dado [leitura

do estudo]. Do perdão, Ricoeur diz que em termos absolutos só a vítima pode concedê-lo (*O justo*, ed. espanhola, pp. 204–205) [V-es via Estudo IX, 1.6; paráfrase].

O material entra por decisão do fundador: a Ficha recebe "a polifonia da nominação, o ágape como economia do dom, Jerusalém e Atenas", como matéria do interlocutor, ao lado da quenose e da substituição (n.º 12 de 23/10/2026, Estudo IX). Entra como pensamento de Ricoeur, ao modo do Tratado das Águas Comuns, em que a raiz cristã do personalismo de Mounier "entra como material, não como doutrina" ("Fundamentação"). O "há perdão" pode ser lido ao lado da Luz sem nome, "sem opor nem reduzir uma coisa à outra, e sem que isso seja nomear" (n.º 6 de 23/10/2026, Estudo IX); o perdão da vítima ao lobo fica para o tratado da justiça, e a Regra da Misericórdia continua reflexiva (n.º 3 de 23/10/2026, Estudo IX; ver 3.6).

Uma distinção o Estudo IX deixou (4.3): a "consciência mais funda" do cânon é o que a Luz é para quem não crê, ao lado do nome que quem crê traz da fé (Cânon VI.2, "Independência confessional"), e não a *Gewissen* ("consciência moral") de Ricoeur, em que a voz é injunção. O gesto lembra o do cânon sem ser o mesmo: método de quem tem fé, em Ricoeur; doutrina que deixa o nome a cada pessoa, no cânon [leitura do estudo]. O cânon diz a luz "dada" sem dizer por quem (Tratado das Águas Comuns, "Fundamentação"); o doador, se há, é nomeado por quem crê. Ricoeur lê o Evangelho com Atenas ao lado; a casa seguinte diz como o Evangelho leu Atenas.

4.4 Platão (Estudo X, 4.2): os livros dos platônicos

A quarta casa é a da recepção do platonismo pelo cristianismo, e o próprio cristianismo marca o que achou e o que não achou.

Agostinho conta que leu "certos livros dos platônicos, traduzidos do grego para o latim", e que ali achou, "não com estas palavras, mas inteiramente o mesmo", que no princípio era o Verbo; "Mas que o Verbo se fez carne e habitou entre nós, isso não li ali" (*Confissões*, VII, 9, 13–14, pelo Estudo X, 4.2) [V-la via Estudo X, 4.2; tradução do estudo]. O balanço vem adiante: "onde estava aquela caridade que edifica sobre o fundamento da humildade, que é Cristo Jesus?" (*Confissões*, VII, 20, 26) [V-la via Estudo X, 4.2; tradução do estudo]. Justino separa sem condenar: "não porque as doutrinas de Platão sejam diferentes das de Cristo, mas porque não são em tudo semelhantes" (*Segunda Apologia*, 13, pelo Estudo X, 4.2) [V-en via Estudo X, 4.2; tradução do estudo].

A decisão do sol vale para a casa toda: "o sol é estrutura; o Bem não é nome da Luz" (n.º 3 de 23/10/2026, Estudo X), e a de 31/10/2026 a estende a Agostinho: a luz imutável que ele viu ao entrar em si "é estrutura, e nunca nome da Luz" (n.º 2 de 31/10/2026, Estudo XII). O que Agostinho diz não ter achado nos livros dos platônicos é o esvaziamento do Filho, que por decisão do fundador não entra (n.º 9 de 23/10/2026, Estudo X). "Isso não li ali" mostra o desenho da fronteira: uma casa pode receber a forma de outra e dizer onde ela termina [leitura do estudo]. Dos gregos que o cristianismo incorporou passa-se a quem o incorporou por inteiro.

4.5 Aristóteles (Estudo XI, 4.2): Tomás e o hábito

A quinta casa recebeu Aristóteles de duas maneiras: por Tomás, que o incorpora, e por Agostinho, que mal o toca.

Tomás recebe o hábito: a virtude "denota uma certa perfeição de uma potência", e "portanto as virtudes humanas são hábitos" (Tomás, *Suma Teológica*, I-II, q. 55, a. 1, pelo Estudo XI, 4.2) [V-la via Estudo XI, 4.2; tradução do estudo]. O cânon o tem em casa pela dignidade: a pessoa "dorme, adoece, esquece, fracassa — e permanece pessoa inteira" (Tratado da Luz Interior, "Fundamentação").

Três homônimos pedem marca. O hábito de Tomás, que determina a potência ao ato, não é o "por hábito" que encobre a luz (Tratado da Luz Interior, "Objeção provável e resposta breve"); o cânon "admite um hábito que revela a luz, e nenhum hábito a forma" (n.º 3 de 31/10/2026, Estudo XI). A "luz" de Tomás é o lume do intelecto, semelhança recebida da luz incriada (*Suma Teológica*, I, q. 84, a. 5, pelo Estudo XII, 4.1) [V-la via Estudo XII, 4.1; paráfrase], e "o intelecto agente 'como a luz' é estrutura, nunca nome da Luz" (n.º 9 de 31/10/2026, Estudo XI). E a *caritas*, "uma certa amizade do homem com Deus" (*Suma Teológica*, II-II, q. 23, a. 1) [V-la; tradução do estudo], não é a dívida do rio: a amizade fica nas Águas Comuns, e "o Abrigo não pede retorno em ponto algum" (n.º 5 de 31/10/2026, Estudo XI).

Dos três graus da imagem, só o primeiro é universal (*Suma Teológica*, I, q. 93, a. 4; ver 1.4), e o cânon diz "intrínseco" do valor de cada pessoa (Cânon VI.2, "Os Quatro Pilares", I). No mesmo artigo Tomás trata de mulher e varão (*Suma Teológica*, I, q. 93, a. 4, ad 1) [V-la; paráfrase]; a fronteira fixada para os clássicos (n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XI) vale aqui como pergunta (ver 3.12), dita sem atenuar. De Tomás, que incorpora Aristóteles dentro da fé, passa-se a Agostinho, que o Estudo XII leu inteiro.

4.6 Agostinho (Estudo XII): a medida

A sexta casa é Agostinho, que o Estudo XII leu inteiro; esta seção mede o que o Estudo XII fixou e não o refaz.

O Estudo XII deixou quatro coisas. A primeira é a fórmula: o Lumen Fluens "aceita de Agostinho o dentro e recusa a exceção", e "o nome fica fora da fórmula, com cada leitor" (n.º 1 de 31/10/2026, Estudo XII). *Tu autem eras interior intimo meo* ("tu, porém, eras mais interior do que o meu íntimo", *Confissões*, III, 6, 11) [V-la; tradução do estudo] aproxima as letras por duas anterioridades, a do buscado sobre a busca e a do dom sobre o mérito, e as separa por quem dá (Estudo XII, 2.2); a luz imutável é estrutura, nunca nome da Luz (n.º 2 de 31/10/2026, Estudo XII); e o mestre interior, que em Agostinho é Cristo ("aquele que se diz habitar no homem interior, Cristo", *De magistro*, XI, 38) [V-la; tradução do estudo], fica "como herança nomeada" (n.º 3 de 31/10/2026, Estudo XII).

A segunda é a Ficha: a "graça" da linha "Misericórdia e graça" é emparelhamento dela (Estudo XII, 4.1), e a decisão obriga a Ficha reescrita a ter duas linhas, a mão que retoma, que é do rio, e a graça, que é toque do cristianismo (n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII). O pedido de Agostinho, que supõe o dom no mandamento (*Confissões*, X, 29, 40; ver 1.5), e a Meditação, que diz que "quem retoma não é a sua força de vontade" (Meditações Práticas, "A Regra da Misericórdia"), são frases de agentes diferentes [leitura do estudo, Estudo XII, 4.1].

A terceira é a fronteira que vale como padrão: "nenhuma pessoa está fora da Lux; nenhuma massa nem número a reparte, e o nome fica com quem a carrega" (n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XII), diante da *massa damnata* e do "número dos eleitos", que "é certo, e não deve ser aumentado nem diminuído" (*Sobre a correção e a graça*, 13, 39, pelo Estudo XII, 1.11) [V-la via Estudo XII, 1.11; tradução do estudo]. O estudo mede e não reabre; Calvino, *Lumen gentium* 16 e a pergunta se a frase própria cobre a fé exigida, a predestinação, o inferno e o *extra Ecclesiam* estão em 3.11.

A quarta são o corpo e o tempo. A carne não é a causa do pecado da alma (*A cidade de Deus*, XIV, 3; ver 2.5), e isso faz de Agostinho aliado do Corpus (n.º 8 de 31/10/2026, Estudo XII), sem esquecer que ele também não é "só templo": a corrupção da carne dá estímulos (Estudo XII, 2.7). A *distentio animi* ("distensão do espírito") é a de quem recita e se dispersa, e o rio do cânon tem herdeiros e ancestrais e é compartilhado (Estudo XII, 3.5). Agostinho abre as *Confissões* com um coração inquieto "até que repouse em ti" (*Confissões*, I, 1, 1, pelo Estudo XII, 3.5) [V-la via Estudo XII, 3.5; tradução do estudo]; o cânon tem a Lux no começo, e "quem o porta, navega" (Cânon VI.2, "Os Quatro Pilares", III): num, o peso leva; no outro, quem porta conduz [leitura do estudo, Estudo XII, 3.5]. Nada disso faz de Agostinho precursor do cânon, nem do cânon versão dele. De Agostinho, que descobriu a vontade, passa-se a Arendt, que o leu a partir do começo.

4.7 Arendt (Estudo XIII, 4.4): Jesus e o perdão, Paulo e a vontade

A sétima casa toca o cristianismo no perdão e na vontade dividida, e o que dela entra na Ficha entra como matéria do interlocutor.

Arendt escreve que o fato de Jesus de Nazaré, o descobridor do papel do perdão, ter feito essa descoberta "num contexto religioso e a ter articulado em linguagem religiosa não é razão para levá-la menos a sério em sentido estritamente secular" (*A condição humana*, §33, pelo Estudo XIII, 1.6; ver 1.6) [V-en via Estudo XIII, 1.6; tradução do estudo]. O Evangelho tem as duas pontas do perdão (Mt 18,22; Jo 8,11; ver 1.6). De Paulo, Arendt faz o teórico da vontade dividida, em que "os dois não são amigos ou companheiros; estão em constante luta entre si" (*A vida do espírito*, II, pelo Estudo XIII, 4.4) [V-es via Estudo XIII, 4.4; tradução do estudo]; o texto é Rm 7 (Rm 7,19; ver 1.5).

Por decisão do fundador, "o Jesus do perdão e o Paulo da vontade dividida, como Arendt os lê, entram na revisão da Ficha do Estudo III como matéria do interlocutor" (n.º 11 de 31/10/2026, Estudo XIII). O Estudo XIII lembrou que o Jesus de Arendt é leitura dela, feita para o argumento

dela, e que "perdão" não tem letra no cânon, cuja Regra "retoma", e não perdoa (Estudo XIII, 3.6). A medida está pronta: "A Regra desfaz o nó da falha consigo, e o perdão de Arendt o do ato entre outros" (Estudo XIII, 2.8) [hipótese do Estudo XIII]. A letra é que "o rio não pune a folha que parou numa margem; ele a retoma" (Cânon v1.2, "A Regra da Misericórdia"; ver 2.2). O contato está no recomeço, e a direção diverge. Quanto a Paulo, o cânon não tem divisão da vontade; a divisão que conhece é outra: "quem diz uma coisa e vive outra vive dividido" (Catecismo, 8; Estudo XII, 3.3). De Arendt, que lê o cristianismo de fora, passa-se à casa que o lia de cima, a Stoa.

4.8 A Stoa (Estudo II, 4.5 e 4.7)

A oitava casa é aquela contra a qual o cristianismo se mediu.

A Stoa foi lida de dentro: Tertuliano chama Sêneca "tantas vezes dos nossos" (*Seneca saepe noster*, *Sobre a alma*, XX, 1, pelo Estudo II, 4.5) [V-la; V-en: Holmes, via Estudo II, 4.5], e a correspondência de Paulo com Sêneca é apócrifa [paráfrase]. Agostinho defende a *misericordia* contra a Stoa: "o que é a misericórdia senão certa compaixão, em nosso coração, pela miséria alheia, pela qual somos movidos a socorrer, se podemos?" (*A cidade de Deus*, IX, 5) [V-la; tradução do estudo]. Pascal lê em Epicteto "orgulho diabólico" (*Conversa com o senhor de Saci*, pelo Estudo II, 4.7) [V-en: Wight, via Estudo II, 4.7; tradução do estudo]. Sobre a providência a Stoa diz assentimento: "não sirvo a deus, assinto" (Sêneca, *Sobre a providência*, 5, 6, pelo Estudo II, 4.7) [V-la via Estudo II, 4.7; tradução do estudo].

O cânon responde em linhas fixadas. A providência é fronteira da série: "a Vigília promete presença, não vitória, e o cânon não diz que a noite é prova", dentro do limite de que o cânon "não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua" (n.º 7 de 03/11/2026, Estudo II; n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII). Por isso a fórmula da Stoa não diz "recusa a providência", pela n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII, e pela n.º 1 de 03/11/2026, Estudo II. "Misericórdia" tem quatro usos, cada um na sua voz: a que Sêneca recusa, a *clementia* que louva, a Regra da Misericórdia e a graça da tradição cristã (Estudo II, 3.3), e a separação da n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII, cobre (n.º 6 de 03/11/2026, Estudo II).

Há ainda uma nota comum na fronteira da escravidão: Gregório de Nissa pergunta pelo preço da imagem de Deus (*Homilia 4 sobre o Eclesiastes*; ver 2.1). O padrão das fronteiras estende-se à Stoa (n.º 11 de 03/11/2026, Estudo II); se se estende ao cristianismo é a pergunta de 3.12. Da casa que o cristianismo mediu para a que chega a ele pela compaixão, passa-se ao budismo.

4.9 O budismo (Estudo I, 4.8)

A nona casa chega ao cristianismo pela compaixão e pelo silêncio, e o Estudo I a trata como porta.

Nāgārjuna encerra a obra saudando Gautama, "que por compaixão ensinou a doutrina verdadeira" (*Mūlamadhyamakakārikā*, XXVII, 30, pelo Estudo I, 4.8) [V-skt; V-en: Garfield, via Estudo I, 4.8; tradução do estudo]. O homônimo se declara: *karuṇā* ("compaixão") não é o Abrigo, que o cânon dirige a "quem chega até nós" (Cânon VI.2, "O Abrigo") e que "não vai até a substituição" (n.º 4 de 19/10/2026, Estudo VIII). O silêncio também: o Buda deixou dez pontos sem resposta, por não serem "ligados ao fim" (*Majjhima Nikāya*, 63, 7–8, pelo Estudo I, 4.8) [V-pi via Estudo I, 4.8; tradução do estudo], e o cânon deixa a origem da luz como "questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto" (Tratado da Luz Interior, "Fundamentação"); os dois silêncios se parecem na forma e diferem nas razões [hipótese do Estudo I, 4.8].

A Igreja Católica olha as demais religiões com respeito e vê nelas "um raio da verdade que ilumina todos os homens" (*Nostra aetate*, n.º 2) [V-pt: Vaticano]; esta "luz" é a do Verbo, e não a Lux. Merton (*Mystics and Zen Masters*, 1967) e Thich Nhat Hanh (*Living Buddha, Living Christ*, 1995) ficam como obra, sem tese atribuída [tese a confirmar; página a confirmar]. A fronteira da série alcança o Oriente: "o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite" (n.º 6 de 03/11/2026, Estudo I). Das casas já visitadas passa-se às que ainda são só portas.

4.10 Três portas: o Vedanta, o existencialismo e o taoísmo

As três casas que ainda não vieram são portas; esta seção só as aponta.

O Vedanta é do Estudo IV, escrito junto a este. Abhishiktananda (*Saccidananda*, 1974) e Panikkar (*The Unknown Christ of Hinduism*, 1964) ficam como obras, sem tese atribuída [tese a confirmar; página a confirmar]; o Estudo IV as mede. O Estudo I já registrou que a disputa entre eu e não-eu não é a oposição do cânon, que é aberto contra fechado: "pessoal, nunca individual" (Estudo I, 4.8; Tratado das Águas Comuns, "Definição") [leitura do estudo].

O existencialismo é porta do Estudo V, que a abrirá com Marcel e Jaspers. Dele o cristianismo traz Kierkegaard, que dá ao amor ao próximo a forma do dever (ver 1.7) e ao pecado a relação diante de Deus, e não a luz encoberta (ver 1.5), e Dostoiévski (ver 1.6). O perdão da vítima ao lobo fica para o tratado da justiça (ver 3.6), e Moriá, onde Kierkegaard põe a fé acima do ético e Hebreus lê a ressurreição, segue em silêncio no cânon (ver 3.7) [leitura do estudo]. O taoísmo é porta do Estudo VI. O estudo não encontra letra que o ponha diante do cristianismo e não atribui tese a ninguém; fica o registro do Estudo I, em que a Ficha do Estudo VI tocou o taoísmo no *wu wei* e separou-se em impessoal contra pessoal (Estudo I, 4.8). Das portas passa-se ao desenho que as casas fazem juntas.

4.11 O padrão

Olhadas juntas, as visitas repetem um gesto, e o estudo o chama de hipótese. Cada casa recebe do cristianismo uma coisa e decide o que fazer com o nome. Hegel toma a Encarnação como conteúdo do espírito; Levinas, a humildade de Deus e a substituição; Ricoeur, a nominação polifônica; Platão

é lido e delimitado, e Aristóteles entra por Tomás como hábito; Agostinho tem a fórmula do Estudo XII, o dentro sem a exceção; Arendt toma o perdão e a vontade dividida; a Stoa é medida pela *misericordia* e pela providência; o budismo chega pela compaixão e pelo silêncio [hipótese do estudo]. O mesmo desenho apareceu no Estudo XII, 4.9, e no Estudo XIII, 4.10. Um segundo gesto: nenhuma casa levou o cristianismo inteiro, e o estudo não escolhe entre as famílias católica, ortodoxa e protestante. Nenhuma pôs o cristianismo como árbitro do cânon. A volta pelas casas está feita; o capítulo 5 mede a Ficha, as decisões e o que as casas já disseram.

5. A Ficha e as prévias: o que a série já disse do cristianismo

Este capítulo mede o que existia antes do estudo: a Ficha de outubro, as decisões do fundador que já lhe mandaram matéria e as passagens em que a série tocou o cristianismo. Só a última seção reescreve a Ficha, e como proposta.

5.1 A Ficha do Estudo III, toque a toque e fronteira a fronteira

A Ficha de outubro tem sete frases, quatro toques e três fronteiras. Nenhuma é cópia da letra: as cinco primeiras têm letra ao menos em parte, as duas últimas não têm nenhuma. Pela contagem do estudo, "Cristo", "Jesus", "Igreja", "culto", "pecado", "caridade", "perdão" e *imago Dei* ("imagem de Deus") não ocorrem na letra do cânon. "Graça" só aparece uma vez, no título de uma obra de Weil (*A gravidade e a graça*, no Tratado da Vigília). "Deus" ocorre sete vezes, e nunca como nome que o cânon dê à Luz: duas no Cânon VI.2, duas no Catecismo, uma no Tratado da Luz Interior e duas no Tratado da Vigília, no título de Weil, *Espera de Deus*.

Primeiro toque. A Ficha diz: "Dignidade anterior ao mérito: a *imago Dei* (Gn 1,26) é a grande escola dessa intuição". A metade da dignidade é letra: "a dignidade precede o mérito" (Tratado da Luz Interior, "Síntese") e "O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância" (Cânon VI.2, "Os Quatro Pilares", I; ver 2.1). "A grande escola", Gn 1,26 e a imagem não têm letra. O Gênesis confirma o toque (Gn 1,27; ver 1.4), e Tomás mede a extensão: distingue três imagens, e só a primeira é de todos (*Suma Teológica*, I, q. 93, a. 4; ver 1.4). As outras são graus, e o cânon não os adota: a Lux "admite graus de visão, nunca de valor" (n.º 2 de 23/10/2026, Estudo X).

Veredito: confirmado o toque; corrigido "a grande escola", que é história e não identidade, e que pede a fronteira na mesma linha. A imagem é de um Criador nomeado; o cânon diz "intrínseco" e "dada" sem dizer por quem (n.º 3 de 17/10/2026, Estudo VII: "A luz é dada antes de qualquer relação"). O estudo pergunta ao fundador (ver 3.1) se a Ficha reescrita faz isso.

Segundo toque. A Ficha diz: "A luz: 'a luz que ilumina todo homem' (Jo 1,9); a lâmpada que não se esconde (Mt 5,14-16); Agostinho, *interior intimo meo*". Só Agostinho é letra: o Tratado da Luz Interior ("Fundamentação") o cita, e o mestre interior fica como herança nomeada (n.º 3 de 31/10/2026, Estudo XII). A frase é "Tu, porém, eras mais interior do que o meu íntimo e mais alto do que o meu mais alto" (*Confissões*, III, 6, 11) [V-la; tradução do estudo]; o "Tu" é Deus, e o Tratado leva só metade da fórmula (Estudo XII, 2.2).

As outras luzes são homônimos da Lux, e já ficaram ditos em 1.3: a de João é o Verbo, e as traduções divergem sobre a que "vinda ao mundo" se liga; a de Mt 5 são os discípulos; a dos quacres é Cristo. Nenhuma das quatro, a de Agostinho incluída, é a Lux. Veredito: confirmado Agostinho; mantido o toque de estrutura, uma luz que se encobre e se mostra; corrigida "a lâmpada que não se esconde",

aproximação da Ficha com a lamparina do cânon, que tem três lugares, de museu, guardada do vento e posta no rio [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 3.2) se o dos quacres pede nota ao Tratado.

Terceiro toque. A Ficha diz: "Misericórdia e graça: falhar não apaga a luz". A retomada é letra: "Falhar na regra não apaga a luz", e o rio não pune a folha, "ele a retoma" (Cânon v1.2, "A Regra da Misericórdia"; ver 2.2). A Regra fala a quem falhou consigo mesmo: "seu endereço é reflexivo" (Disputatio, 3, "Respondeo"), e a mão que retoma é o rio (n.º 4 de 17/10/2026, Estudo VII). "Graça" não é letra, e é do cristianismo (Ef 2,8, ARA; *Confissões*, X, 29, 40; ver 1.5). Veredito: a linha junta duas coisas, e a n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII, as separa (ver 5.2); a "graça" da Ficha era "emparelhamento" (Estudo XII, 4.1). São duas linhas: a Misericórdia é letra do cânon, e a graça é toque do cristianismo.

Quarto toque. A Ficha diz: "Abrigo e caridade: 'vinde a mim os cansados' (Mt 11,28)". A letra tem o cansado: "braços onde o cansado descansa, casa para quem está cansado de estar só" (Cânon v1.2, "O Abrigo"); "caridade" não ocorre. Em Mt 11,28 quem fala é Jesus, de si (ver 3.5). No Abrigo quem abriga é a pessoa, "a quem chega até nós" (Cânon v1.2, "O Abrigo"), e "o Abrigo revela e nada exige" (n.º 3 de 19/10/2026, Estudo VIII); a palavra do cânon é "há uma luz devida ao outro" (Catecismo, 36). A *caritas* ("caridade") de Tomás é "uma certa amizade do homem com Deus" (*Suma Teológica*, II-II, q. 23, a. 1) [V-la; tradução do estudo]. Veredito: confirmada a figura do cansado; corrigida a direção; abandonada "caridade", que não é a dívida do rio [leitura do estudo].

Quinto, a primeira fronteira. A Ficha diz: "Estrutura vs. revelação: não nomeamos a origem da Luz — para o cristão, a Luz é Deus; a filosofia não decide por ninguém". É a única linha com letra nas duas metades: "Para quem crê, a Luz tem nome próprio: para o cristão, é o próprio Deus" e "A filosofia não decide isso por ninguém" (Cânon v1.2, "Independência confessional"; Catecismo, 26; ver 3.1), e a origem é "questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto" (Tratado da Luz Interior, "Fundamentação"). "Deus" é voz de quem crê, nunca a do estudo, e "revelação" é título da Ficha: o "revela-se" de "Os Quatro Pilares", I, diz que a luz já está (Estudo VII, 4.3). Veredito: confirmada, com a correção de voz: "quem crê".

Sexto, a segunda fronteira. A Ficha diz: "Sem culto: regra pessoal, não rito eclesial". "Culto" não ocorre, e a frase não é letra (Estudo I, 3.9). "Regra pessoal" não traduz a letra: a Regra de Vida tem ritmo de dia, semana e estação, e a celebração maior é "idealmente com outros" (Catecismo, 44). Bento manda "vigiar a cada hora os atos da própria vida" (*Regra*, 4; ver 2.8) [V-la; tradução do estudo], dentro de um mosteiro. Veredito: fronteira verdadeira, frase corrigida: o cânon não prescreve culto, igreja nem sacramento, e tem regra [leitura do estudo]; ver 3.10.

Sétimo, a terceira fronteira. A Ficha diz: "Fidelidade intra-histórica: sobre o depois do rio, silêncio respeitoso". "Morte" e "morrer" não ocorrem; a frase é da Ficha (Estudo I, 3.8). O cristianismo é nítido sobre o depois (1Cor 15,14; ver 1.8). No cânon há a lamparina "levada mais longe do que

qualquer um iria sozinho" (Cânon VI.2, "As Águas Comuns"), que é a circulação do rio e não está dita além-túmulo [leitura do estudo]; "o silêncio à beira d'água" (Cânon VI.2, "As Águas Comuns") é a margem, não o depois. Veredito: confirmada a fronteira; "silêncio respeitoso" é palavra da Ficha: o cânon não diz nada do depois; a lamparina vai ao rio. Da medida passa-se às decisões que já mandaram matéria à Ficha (5.2).

5.2 As seis decisões que mandaram matéria à Ficha e as duas que fecharam portas

Oito decisões do fundador tocam a Ficha: seis lhe mandaram matéria, duas fecharam portas. Nenhuma se reabre; cada uma entra com o seu texto.

A quenose ("esvaziamento") e a substituição, com o limite. A n.º 10 de 19/10/2026, Estudo VIII, diz: "A ficha do Estudo III será revista para receber a quenose e a substituição, que o cristianismo de Levinas põe no centro"; a n.º 4 do mesmo dia: "O Abrigo não vai até a substituição. O limite é a Bússola: ser casa para o outro nunca pede que a luz própria se apague". Entra a letra do cristianismo (Fl 2,7 e Is 53,4, ARA; ver 1.3 e 1.7) e a previsão de Levinas de que o cristão julgará a medida insuficiente (ver 4.2). Entra a fronteira, e nada mais: o limite é o da substituição, a quenose entra como matéria do interlocutor, e o estudo não estende o limite a ela.

O material de Ricoeur. A n.º 12 de 23/10/2026, Estudo IX, diz: "A Ficha do Estudo III recebe também o material de Ricoeur — a polifonia da nominação, o ágape como economia do dom, Jerusalém e Atenas —, como matéria do interlocutor". As passagens estão em 4.3. Entram como matéria do interlocutor, e a polifonia não dá nome à Lux.

O corpo. A n.º 8 de 31/10/2026, Estudo XII, diz: "O corpo contra os platônicos entra na Ficha do Estudo III: *Cidade de Deus* XIV, 3 fica como aliado do Corpus. 'Só templo' fica como está". A medida é a do Estudo XII, 2.7, com Agostinho por extenso em 2.5: o Corpus não diz alma, pecado nem ressurreição, e Agostinho não é "só templo", pois admite incitamentos aos vícios que vêm da carne corruptível. O homônimo fica dito: "o vosso corpo é templo do Espírito Santo" é de Paulo (1Cor 6,19, Ave-Maria, que diz "templo"; a ARA diz "santuário", ver 1.9) [V-gr; V-pt: Ave-Maria]; os "tijolos do templo" do Pilar IV são o corpo, o lugar e o ritmo (Cânon VI.2, "Os Quatro Pilares", IV).

Misericórdia e graça. A n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII, diz: "a linha 'Misericórdia e graça: falhar não apaga a luz', da Ficha do Estudo III, separa-se em duas — a mão que retoma, que é do rio, e a graça, que é toque do cristianismo". Entram duas linhas, cada uma com o seu verbo (retomar; dar). O homônimo "misericórdia" tem quatro usos e já ficou dito (Estudo II, 3.3; n.º 6 de 03/11/2026, Estudo II).

Jesus e Paulo, como Arendt os lê. A n.º 11 de 31/10/2026, Estudo XIII, diz que "o Jesus do perdão e o Paulo da vontade dividida, como Arendt os lê, entram na revisão da Ficha do Estudo III como matéria do interlocutor". Jesus entra na voz dela (*A condição humana*, §33; ver 1.6); Paulo, no que ela

faz dele (*A vida do espírito*, II; ver 4.7). A Regra desfaz o nó da falha consigo; o perdão de Arendt é o do ato entre outros (Estudo XIII, 3.6) [hipótese do estudo].

As duas portas. A n.º 9 de 23/10/2026, Estudo X: "o esvaziamento do Filho não entra na revisão da Ficha do Estudo III"; a quenose entra como matéria, e o esvaziamento do Filho não vira leitura do cânon nem pergunta. A n.º 3 de 31/10/2026, Estudo XII: "O mestre interior fica como herança nomeada: como está no Tratado da Luz Interior, dito a propósito de Agostinho; não passa a estrutura sem nome".

Dois limites de redação vêm de outras decisões. A n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII, fixa que "o cânon não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua" (a teodiceia é a justificação de Deus diante do mal). Por isso a Ficha não diz "recusa a providência": a exclusão é dupla, pela n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII, e pela n.º 1 de 03/11/2026, Estudo II. E "nenhuma pessoa está fora da Lux; nenhuma massa nem número a reparte" (n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XII) é frase própria da série; o estudo a mede (ver 3.11). A Antífona, parte do cânon, não é tratada neste estudo.

5.3 As seções dos Estudos VII a XIII e dos Estudos I e II sobre o cristianismo

Cada seção tomou a Ficha como pergunta e a deixou como estava.

O Estudo VII, 4.3, chama a Ficha de "a convergência mais profunda e a fronteira mais importante" e distingue o "revela-se" de *offenbar* ("manifesto"): confirma-se, e a convergência está na estrutura, a fronteira no nome. O Estudo VIII, 4.3, não funde "a Luz de quem crê e o rosto do outro": confirmado. O Estudo IX, 4.3, distingue a "consciência mais funda" do cânon da *Gewissen* ("consciência moral") de Ricoeur: confirmado. O Estudo X, 4.2, anotou que o esvaziamento do Filho era matéria da revisão; a n.º 9 de 23/10/2026 respondeu que não. O Estudo XII, 4.1, disse que a "graça" da Ficha era emparelhamento: confirmado e decidido. O Estudo XIII, 4.4, escreveu que "o cânon não é cristão nem anticristão": confirmado. Os Estudos I, 4.8, e II, 4.7, deixaram a este estudo o cristianismo, Tomás e a providência.

Duas coisas saem da leitura conjunta [leitura do estudo]. As seções que repetem "sem culto" ou o "depois do rio" (Estudos VII, VIII, IX, XI e XIII) não as mediram; o Estudo I, 3.8 e 3.9, foi o primeiro a dizer que não são letra. E nenhuma decidiu sobre o cristianismo: o que decidiu veio das listas do fundador. Das passagens da série passa-se à Ficha reescrita (5.4).

5.4 A Ficha reescrita: aprovada pelo fundador

A letra abaixo foi proposta ao fundador na versão 1.0 e aprovada em 4 de novembro de 2026 (decisão n.º 10 de 4 de novembro sobre o Estudo III), com três acréscimos marcados em Fronteiras (as n.º 7, 8 e 11 da mesma lista); substitui a Ficha de outubro. Na versão 1.0 dizia-se: a letra é proposta, não decisão; segue a forma da Ficha II (toques; fronteiras com "×") e marca a matéria

decidida com “[Acrescentado por decisão do fundador em …]”; a linha “Misericórdia e graça” separa-se em duas, pela letra da n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII: a graça, “toque do cristianismo”, vai entre os toques; em Fronteiras fica só o “quem dá”, que permanece marcado como proposta do estudo. O estudo perguntava ao fundador (ver 3.13 e 6.3, questão (ch)) se aprovava, emendava ou mantinha a Ficha de outubro.

> Toques
>
> - A *imago Dei* e a dignidade anterior ao mérito (Gn 1,27, ARA; *Suma Teológica*, I, q. 93, a. 4) ao lado do valor intrínseco (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I).
>
> - A candeia que não se esconde e Agostinho (Mt 5,15, ARA; *Confissões*, III, 6, 11) ao lado da luz que se revela (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I).
>
> - Retomar: “setenta vezes sete” (Mt 18,22, ARA) [V-gr; V-pt: ARA] e o Jesus do perdão como Arendt o lê (*A condição humana*, §33) ao lado da mão que retoma, que é o rio (Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia”). [Acrescentado por decisão do fundador em 31/10/2026 (Estudo XIII, n.º 11)]
>
> - A graça, que é toque do cristianismo (Ef 2,8, ARA; *Confissões*, X, 29, 40). [Acrescentado por decisão do fundador em 31/10/2026 (Estudo XII, n.º 10): separação em duas linhas]
>
> - A polifonia da nominação, o ágape como economia do dom e Jerusalém e Atenas (Ricoeur) ao lado da Independência confessional. [Acrescentado por decisão do fundador em 23/10/2026 (Estudo IX, n.º 12)]
>
> - O corpo contra os platônicos: *A cidade de Deus*, XIV, 3, aliado do Corpus (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV). [Acrescentado por decisão do fundador em 31/10/2026 (Estudo XII, n.º 8)]
>
> - O exame ao fim do dia: o primeiro ponto de Inácio, “dar graças a Deus nosso Senhor pelos benefícios recebidos” (*Exercícios espirituais*, n. 43) [V-es via secundária: Reig Pla; tradução do estudo], ao lado do Examinar, que fecha com gratidão (Cânon v1.2, “Regra de Vida”).

>

> Fronteiras
>
> - Quem dá: a origem nomeada (para quem crê, a Luz é Deus; a imagem é de um Criador, Gn 1,27; a graça é dom, Ef 2,8, ARA) × o cânon, que deixa a origem em aberto (Cânon v1.2, “Independência confessional”), nomeia a graça só como toque do cristianismo e diz Misericórdia (reflexiva) para o que ele mesmo pratica [proposta do estudo].
>
> - A mão que retoma, reflexiva e sem outra pessoa × o perdão que só outros dão (Arendt, *A condição humana*, §33) e a vontade dividida de Paulo (Arendt, *A vida do espírito*, II).

- Quem chama × quem abriga: Jesus, que chama a si os cansados (Mt 11,28, ARA), e a *caritas* (*Suma Teológica*, II-II, q. 23, a. 1) × a pessoa que abriga, por dívida: "Sê casa para o outro" (Cânon VI.2, "O Abrigo"; Catecismo, 36).

- A quenose e a substituição (Fl 2,7 e Is 53,4, ARA; Levinas) × o Abrigo e o limite da Bússola; o limite é o da substituição, e o esvaziamento do Filho fica fora (n.º 9 de 23/10/2026, Estudo X). [Acrescentado por decisão do fundador em 19/10/2026 (Estudo VIII, n.º 4 e n.º 10)]

- Vigiar × velar: velar com alguém na noite, "ficai aqui e vigiai comigo" (Mt 26,38, ARA) [V-gr; V-pt: ARA], e esperar o que vem, as virgens (Mt 25,1-13) e Mc 13,33-37 × "Velar não é vigiar nem esperar" (Tratado da Vigília, "Definição").

- O mosteiro e sua regra (Bento, *Regra*, 4) × a Regra de Vida, sem culto, sem igreja e sem sacramento, mas com regra (Cânon VI.2, "Regra de Vida").

- A ressurreição (1Cor 15,14, ARA) × a lamparina no rio (Cânon VI.2, "As Águas Comuns"): o cânon não diz nada do depois; a lamparina vai ao rio.

- A fé exigida (Jo 14,6 e At 4,12, ARA) × a fronteira da série, que nenhuma pessoa está fora da Lux (n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XII; ver 5.2), com *Lumen gentium* 16 ao lado.

- A consciência como voz de Deus (Newman, *Carta ao Duque de Norfolk*, §5; Vaticano II, *Gaudium et spes*, n.º 16) × a Bússola, que "apenas veta" (Cânon VI.2, "A Bússola"): o veto é a própria Luz, sem voz externa (n.º 7 de 23/10/2026, Estudo X; ver 3.9). [Acrescentado por decisão do fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 7)]

- O pecado original, a culpa herdada (Rm 5,12, ARA, e a leitura agostiniana do *in quo*) × "Ninguém começa do zero", o rio herdado (Cânon VI.2, "Os Quatro Pilares", II); a luz é de cada um, e o cânon, em lugar de "pecado", tem a luz encoberta, a noite e o lobo, com o Paulo da vontade dividida de Arendt ao lado (Rm 7,19, ARA; Arendt, *A vida do espírito*, II; ver 3.4). [Acrescentado por decisão do fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 8)]

- A escravidão e a mulher: Ef 6,5 (ARA) × Gl 3,28 (ARA), e 1Tm 2,12 (ARA) × Gl 3,28, com Tomás (*Suma Teológica*, I, q. 93, a. 4, ad 1) × a fronteira da série, que nenhuma pessoa está fora da Lux (n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XII), no padrão das fronteiras dos clássicos (n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XI); a tradição que as disputou: Gregório de Nissa (*Homilia 4 sobre o Eclesiastes*; ver 2.1) e Las Casas (ver 3.12). [Acrescentado por decisão do fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 11)]

Mudam seis coisas [leitura do estudo]: saem "a grande escola", "caridade", "regra pessoal" e "silêncio respeitoso"; "Misericórdia e graça" vira duas linhas, e a graça fica entre os toques; "vinde a mim" passa a fronteira de direção. A proposta não dá nome à Lux (ver 5.1, quinto), deixa fora o esvaziamento do Filho e o mestre interior e remete ao capítulo 3 o que não cabe em uma linha: a

consciência e a Bússola (3.9), o pecado e a luz encoberta (3.4), amar os inimigos e o lobo (3.6), a providência e Moriá (3.7), a mulher e a escravidão (3.12). A Ficha fica com sete toques e onze fronteiras. Entraram por decisão do fundador de 04/11/2026 três fronteiras em Fronteiras: a consciência e a Bússola (n.º 7), o pecado original e "ninguém começa do zero" (n.º 8) e a escravidão e a mulher (n.º 11), que o parágrafo anterior remetia ao capítulo 3 (3.9, 3.4 e 3.12); a fé exigida fica com a linha que já tinha, sem frase própria (n.º 9). Segue o capítulo 6, com a síntese, a fórmula e as perguntas abertas.

6. Síntese, fórmula e questões abertas

6.1 O que o estudo encontrou

O capítulo reúne o que os cinco anteriores mostraram e o põe diante do fundador. O estudo partiu de uma Ficha de sete frases e de uma tese — o cristianismo e o cânon partilham a gramática da luz interior e divergem na origem nomeada e na promessa — e chegou a três fronteiras, a do nome, a da promessa e a do juízo, e a um conjunto de toques maior do que a Ficha supunha [leitura do estudo].

A gramática comum é a primeira coisa que o estudo encontrou. A luz que se encobre e se mostra tem letra no Evangelho — a lâmpada que ninguém põe debaixo do alqueire, e "Repara, pois, que a luz que há em ti não sejam trevas" (Lc 11,35, ARA; ver 2.1) [V-gr; V-pt: ARA] — e letra no cânon: "a luz não se acende — ela se revela" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I). A dignidade antes do mérito tem a *imago Dei* por escola histórica e o Pilar I por letra: o valor é "anterior a qualquer conquista ou circunstância" (2.1). O perdão sem conta, "até setenta vezes sete" (Mt 18,22, ARA; ver 1.6) [V-gr; V-pt: ARA], e a Regra da Misericórdia, "Falhar na regra não apaga a luz" (Cânon v1.2, "A Regra da Misericórdia"), recusam, os dois, o cálculo (2.2). O samaritano foi "o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores" (Lc 10,36, ARA; ver 1.7) [V-gr; V-pt: ARA], e o Abrigo é casa "a quem chega até nós" (2.3). A "nuvem de testemunhas" (Hb 12,1, ARA) [V-gr; V-pt: ARA] e os ancestrais do Flumen dizem que ninguém começa do zero (2.4).

O corpo é templo em Paulo e "tijolos do templo" no Pilar IV (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", IV), e *A cidade de Deus*, XIV, 3, entrou por decisão como aliado do Corpus (2.5). O exame de Inácio abre por dar graças e o Examinar fecha com gratidão (2.7); a Regra de Bento e a Regra de Vida são regra, as duas (2.8).

A segunda coisa é que a gramática comum tem, em cada toque, uma fronteira na mesma frase. A imagem é de um Criador nomeado; a luz do cânon é "de alguém" (decisão n.º 3 de 03/11/2026, Estudo I), sem origem dita (3.1). A luz joanina é Cristo, a de Mateus são os discípulos, a dos quacres é Cristo em cada um, e nenhuma é a Lux (3.2). A graça é dom de Deus, e por decisão é toque do cristianismo; a mão que retoma é do rio, e a Misericórdia do cânon é reflexiva (3.3). O pecado é culpa, e o cânon tem luz encoberta; o pecado original é herança de culpa, e "ninguém começa do zero" é herança de rio (3.4).

"Vinde a mim" é dito por quem chama; "sê casa para o outro" é dito a quem abriga; o *agapē* volta a Deus, a dívida do rio vai ao outro, que tem luz própria (3.5). O mandamento de amar os inimigos (Mt 5,44) é do Evangelho; o cânon resiste ao lobo e lhe deve justiça, e deixa o perdão da vítima para o tratado (3.6). A vigília das virgens espera o Senhor; a Vigília do cânon não espera fim — e "vigiai comigo", em Getsêmani, é vigiar com alguém na noite, outra face do mesmo homônimo, toque mais próximo da Vigília, que tem o verbo próprio velar (3.7). A ressurreição responde ao depois; o cânon

não diz nada do depois, e a lamparina vai ao rio (3.8). A consciência é, em Newman, voz de Deus; a Bússola veta sem voz externa (3.9). A confissão tem ouvinte e absolvição; o Examinar é "em voz baixa ou numa frase escrita" (3.10). A fé é exigida; "nenhuma pessoa está fora da Lux" (3.11).

A terceira coisa é que a Ficha de outubro, medida frase a frase, não tem nenhuma linha que seja letra inteira (5.1). As cinco primeiras têm letra em parte: a dignidade antes do mérito, Agostinho, "falhar não apaga a luz", o cansado que descansa, a independência confessional nas duas metades — esta sempre na voz de "quem crê". As duas últimas, "sem culto: regra pessoal, não rito eclesial" e "sobre o depois do rio, silêncio respeitoso", são da Ficha, e o estudo as reescreve: o cânon não prescreve culto, igreja nem sacramento, e tem regra; o cânon não diz nada do depois. Quatro correções saem daí (3.13): "misericórdia e graça" são duas linhas; "vinde a mim" inverte a direção do Abrigo; "sem culto" não é "sem regra"; o toque da luz é maior, e a fronteira é a origem.

A quarta coisa é que seis decisões do fundador já tinham mandado matéria a esta Ficha, e o estudo as recebeu como decididas (5.2): a quenose e a substituição (duas decisões), com o limite da Bússola; o material de Ricoeur; o corpo de *A cidade de Deus*, XIV, 3; a separação da misericórdia e da graça; o Jesus do perdão e o Paulo da vontade dividida como Arendt os lê. E duas portas ficaram fechadas: o esvaziamento do Filho e o mestre interior como estrutura. Nenhuma das três fronteiras do estudo reabre decisão; cada uma a usa [leitura do estudo].

A quinta coisa é o padrão (4.11). As casas da série leram o cristianismo de dentro ou de fora, e três delas o leram como matéria do interlocutor por decisão do fundador — Levinas, Ricoeur, Arendt. Hegel o suprime na filosofia; Agostinho é o cristianismo inteiro visitado no Estudo XII; a Stoa é a casa com que ele trocou a *misericordia* e a providência; Platão e Aristóteles entram por Agostinho e por Tomás; o budismo entra por uma porta. O padrão é que o cristianismo não é uma casa entre as outras na série: é a casa de onde várias outras falam, e a casa de que o cânon mais herda sem ser dela [hipótese do estudo]. Da síntese passa-se à fórmula (6.2).

6.2 A fórmula

A série dá a cada casa uma fórmula de duas metades: o que o Lumen Fluens aceita dela e o que recusa. O estudo propõe ao fundador, e só ele pode adotá-la: **o Lumen Fluens aceita do cristianismo a anterioridade e recusa o juízo.**

A anterioridade entra como estrutura, não como palavra da letra cristã. É a dignidade antes do mérito, que a Ficha chamou "a grande escola" e que o estudo encontrou na *imago Dei* — a imagem que o pecado deforma e não destrói, a primeira imagem, "em todos os homens" (Tomás, *Suma Teológica*, I, q. 93, a. 4; ver 1.4) [V-la; tradução do estudo] — e que o cânon diz com as suas palavras: o valor "anterior a qualquer conquista ou circunstância" (Cânon VI.2, "Os Quatro Pilares", I); "a dignidade precede o mérito" (Tratado da Luz Interior, "Síntese"); "A luz é dada antes de qualquer relação" (decisão n.º 3 de 17/10/2026, Estudo VII). A anterioridade não coincide com nenhum termo

cristão e não nomeia quem dá: é a estrutura que as duas casas afirmam, e o cristianismo afirmou primeiro [leitura do estudo].

O juízo recusado é a condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa de um veredito: o Juízo que separa, a sentença final sobre a pessoa. Não é a justiça devida ao lobo, que "resiste-se, e deve-se justiça" (Catecismo, 36) e fica para o tratado; não é o juízo que o cristianismo também recusa quando diz que a graça não se merece (Ef 2,8, ARA; ver 1.5) [V-gr; V-pt: ARA] [leitura do estudo]. O cânon diz, do seu lado: "Falhar na regra não apaga a luz" (Cânon v1.2, "A Regra da Misericórdia"); o Examinar "não é o exame de um juiz severo" (Meditações Práticas, "O Examinar da noite"); e, na Disputatio, "o afogamento não é a medida final do que essa pessoa era" (Disputatio, 3, "Respondeo"). O juízo, em si, fica com quem crê nele. A fórmula marca a posição do cânon e não julga o cristianismo; não toca na ordem do todo (decisão n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII) e não nomeia a Luz por contraste (3.13).

O estudo pesou outras letras e as deixou de lado, com a razão dita em 3.13: "dádiva × limiar" ("limiar" é polissêmico no campo da morte e do templo e se sobrepõe a "exceção" e a "chegada"; "dádiva" supõe doador); "anterioridade × condição" ("condição" é a glosa comum a todas as fórmulas da série, não a letra própria desta casa); "perdão × promessa" ("promessa" é a palavra com que a decisão n.º 5 de 31/10/2026, Estudo XIII, lê o compromisso do Abrigo; "perdão" roçaria a n.º 3 de 23/10/2026, Estudo IX); "luz devida × nome" e "imagem × Criador" (nomeiam a Luz por contraste quando tomadas como fórmula, porque fazem da origem a metade da frase); "recusa a graça" (a graça é toque por decisão); "recusa a providência" (já excluída: n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII; n.º 1 de 03/11/2026, Estudo II). O risco que o estudo registra é a vizinhança com "recusa a exceção", do Estudo XII: a exceção mede quem recebe a graça, e o juízo mede o que se faz depender da pessoa; as duas se aproximam, e o fundador decide se a distância basta. A escolha é a pergunta (by). Da fórmula passa-se às perguntas (6.3).

6.3 Questões abertas

As perguntas deste estudo vão de (by) a (ch) e seguem às do Estudo II, que vão de (bo) a (bx); as do Estudo IV, escrito em paralelo, vão de (ci) a (cr). As herdadas (g), (j) e (k) vêm pelo nome. Nenhuma reabre decisão tomada; o material decidido não vira pergunta; todas são do estudo, e só o fundador decide.

(by) A fórmula. O estudo propõe "o Lumen Fluens aceita do cristianismo a anterioridade e recusa o juízo", com a glosa de 6.2, e registra as letras que caíram. O risco é a vizinhança com "recusa a exceção" (Estudo XII): a exceção mede quem recebe; o juízo mede o que se faz depender da pessoa. O fundador adota, emenda ou recusa? (3.13, 6.2) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 1): a fórmula está adotada: o Lumen Fluens aceita do cristianismo a anterioridade e recusa o juízo. A anterioridade entra como estrutura — a dignidade antes do mérito, que o cânon diz

"anterior a qualquer conquista ou circunstância" e que a *imago Dei* ensinou —, não como palavra da letra cristã; o juízo recusado é a condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa de um veredito — não a justiça devida ao lobo, que fica para o tratado. O juízo, em si, fica com quem crê nele; a fórmula não julga o cristianismo e não toca na ordem do todo (decisão n.º 7 de 31 de outubro sobre o Estudo XII).]

(bz) A *imago Dei*. A Ficha dizia que a imagem "é a grande escola dessa intuição"; a letra do cânon diz que a dignidade precede o mérito e que a luz é dada, e não tem *imago Dei*, criatura nem criação. A Ficha reescrita mantém o toque e diz a fronteira na mesma linha — imagem de um Criador nomeado × luz de cada pessoa, de origem não dita —, com a herança dita e a identidade não afirmada? (3.1) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 2): a *imago Dei* lê-se ao lado da dignidade intrínseca: a Ficha reescrita mantém o toque e diz a fronteira na mesma linha — imagem de um Criador nomeado × luz de alguém sem origem dita —, com a herança dita e a identidade não afirmada.]

(ca) A lâmpada e as cinco luzes. A lâmpada sob o alqueire (Mt 5,15) e "a luz que há em ti" (Lc 11,35) leem-se ao lado de "a luz não se acende — ela se revela", como leitura, com a fronteira dita (a luz joanina é Cristo)? E o homônimo histórico da "luz interior" dos quacres, que em Fox é Cristo em cada um, fica registrado só neste estudo ou pede nota ao Tratado da Luz Interior? (3.2) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 3): a lâmpada sob o alqueire e "a luz que há em ti" leem-se ao lado de "a luz não se acende — ela se revela": como leitura, com a fronteira dita — a luz joanina é Cristo, a de Mateus são os discípulos. O homônimo histórico da "luz interior" dos quacres pede nota ao Tratado da Luz Interior, com redação a aprovar pelo fundador.]

(cb) "Setenta vezes sete" e o Jesus do perdão. O perdão sem conta e o Jesus de Arendt, que descobriu o perdão como faculdade humana (matéria decidida), leem-se ao lado da Regra da Misericórdia como leitura, com a fronteira da direção — reflexiva, com a mão do rio × de Deus e ao próximo —, sem pôr "perdão" na boca do cânon? (3.3) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 4): "setenta vezes sete" e o Jesus do perdão de Arendt leem-se ao lado da Regra da Misericórdia: como leitura, com a fronteira da direção — reflexiva, com a mão do rio × de Deus e ao próximo —, sem pôr "perdão" na boca do cânon.]

(cc) Vigiar e velar. "Vigiai comigo", de Getsêmani, e as lâmpadas das virgens leem-se ao lado da Vigília: a Ficha reescrita registra o homônimo com as duas faces (vigiar com alguém na noite × esperar o que vem), com o verbo próprio do cânon, velar, que o Tratado da Vigília diz que "Velar não é vigiar nem esperar", e com Getsêmani como o toque mais próximo? E "só o Deus que sofre pode ajudar" (Bonhoeffer) fica como o toque mais fundo, dito com a fronteira — lá, Deus na noite; aqui, a luz de uma pessoa? (3.7) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 5): vigiar e velar: a Ficha reescrita registra o homônimo com as duas faces — velar com alguém na noite ("vigiai comigo", Getsêmani) × esperar o que vem (as virgens) —, e a Vigília do cânon não espera fim; "só o

Deus que sofre pode ajudar" (Bonhoeffer) fica como o toque mais fundo, dito com a fronteira: lá, Deus na noite; aqui, a luz de uma pessoa.]

(cd) O exame, a regra e o "sem culto". O exame de Inácio e o Examinar leem-se lado a lado, com a fronteira da gratidão (a Deus × a alguém do rio) e a do juiz (diante de Deus × "não é o exame de um juiz severo"), e a Regra de Bento ao lado da Regra de Vida? E a Ficha reescrita troca "sem culto: regra pessoal, não rito eclesial" por "sem culto, sem igreja, sem sacramento — e com regra"? (3.10) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 6): o exame de Inácio e a Regra de Bento leem-se ao lado do Examinar e da Regra de Vida: como leitura, com a fronteira da gratidão (a Deus × a alguém do rio) e a do juiz (diante de Deus × "não é o exame de um juiz severo"); a Ficha reescrita troca "sem culto: regra pessoal, não rito eclesial" por "sem culto, sem igreja, sem sacramento — e com regra".]

(ce) A consciência e a Bússola. A consciência como "voz de Deus" (Newman; *Gaudium et spes*, 16) e a Bússola que "apenas veta", sem voz externa (decisão n.º 7 de 23/10/2026, Estudo X), registram-se na Ficha reescrita como fronteira? (3.9) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 7): a consciência como voz de Deus e a Bússola: a fronteira registra-se na Ficha reescrita — a Bússola "apenas veta", e o veto é a própria Luz, sem voz externa (decisão n.º 7 de 23 de outubro sobre o Estudo X).]

(cf) O pecado e a luz encoberta. A Ficha reescrita declara o homônimo do pecado original com "ninguém começa do zero" (culpa herdada × rio herdado; a luz, de cada um) e diz que o cânon, em lugar de "pecado", tem a luz encoberta, a noite e o lobo, com o Paulo da vontade dividida de Arendt ao lado, como matéria decidida? (3.4) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 8): o pecado e a luz encoberta: a Ficha reescrita declara o homônimo do pecado original com "ninguém começa do zero" — culpa herdada × rio herdado; a luz, de cada um — e diz que o cânon, em lugar de "pecado", tem a luz encoberta, a noite e o lobo, com o Paulo da vontade dividida de Arendt ao lado, como matéria decidida.]

(cg) A fé exigida, o *extra Ecclesiam*, a predestinação e o inferno. A fronteira de uma frase da série — "nenhuma pessoa está fora da Lux", com frase própria diante da *massa damnata* (decisão n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XII) — basta para a fé exigida (Jo 14,6; At 4,12), a predestinação, o inferno e o *extra Ecclesiam*? O estudo mede que a frase cobre o valor, e que a fé exigida e o *extra Ecclesiam* falam de salvação, de que o cânon não diz nada. A Ficha III recebe frase própria, com a letra evangélica e a tradição que corrige (Orígenes, Gregório de Nissa, Balthasar, *Lumen gentium* 16) registrada? (3.11) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 9): a fé exigida, o *extra Ecclesiam*, a predestinação e o inferno: basta a frase da série — "nenhuma pessoa está fora da Lux", com frase própria diante da *massa damnata* (decisão n.º 6 de 31 de outubro sobre o Estudo XII); o estudo registra que a fé exigida e o *extra Ecclesiam* falam de salvação, de que o cânon não diz nada. A Ficha III não recebe frase própria.]

(ch) A Ficha reescrita. O estudo propõe a nova letra em 5.4, com as seis decisões incorporadas e as duas portas fechadas, com sete toques e oito fronteiras, a graça entre os toques pela letra da decisão n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII, e, entre as fronteiras, só "quem dá", marcado como proposta. O fundador aprova, emenda ou mantém a Ficha de outubro ao lado do estudo, e a linha "quem dá" fica entre as fronteiras como proposta do estudo? (3.13, 5.4) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 10): a Ficha reescrita está aprovada: como proposta em 5.4, com as seis decisões já incorporadas (quenose e substituição com o limite da Bússola; Ricoeur; *A cidade de Deus*, XIV, 3; misericórdia e graça em duas linhas, a graça entre os toques; Jesus e Paulo como Arendt os lê), sem o esvaziamento do Filho, com "quem dá" entre as fronteiras como proposta do estudo, e com os acréscimos das n.º 7, 8 e 11 — sete toques e onze fronteiras; substitui a Ficha de outubro na Biblioteca do site.]

(g) A justiça devida ao lobo. O mandamento de amar os inimigos (Mt 5,44), a palavra de perdoar na cruz (Lc 23,34, com a variante dita), o perdão difícil de Ricoeur e o perdão de Arendt são matéria do tratado da justiça, ao lado do que os Estudos VIII a XII já lhe mandaram; o perdão da vítima ao lobo fica para o tratado (decisão n.º 3 de 23/10/2026, Estudo IX). O estudo registra e não decide; (g) segue aberta até o tratado. (3.6) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 12): "amai os vossos inimigos", "Pai, perdoa-lhes", o servo sem misericórdia, a adúltera, o perdão de Arendt e o perdão difícil de Ricoeur entram como matéria do tratado da justiça ((g) segue aberta até o tratado).]

(j) Moriá. O cristianismo responde pela fé e lê Gênesis 22 como figura da cruz (Hb 11,17-19); o cânon segue em silêncio, como os Estudos I e II registraram. O silêncio fica registrado. (3.7) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 12): o silêncio do cânon sobre Moriá fica registrado ((j)).]

(k) O mal estrutural. A escravidão (Fm; Ef 6,5, contra Gl 3,28) e a mulher (Gl 3,28 contra 1Tm 2,12; Tomás) têm, no cristianismo, letra dos dois lados e uma tradição que a disputou (Gregório de Nissa, Las Casas). O padrão das fronteiras fixadas para os clássicos (decisão n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XI; n.º 11 de 03/11/2026, Estudo II) estende-se ao cristianismo, ou (k) segue aberta até o estudo de Marx? (3.12) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 11): o padrão das fronteiras fixadas para os clássicos estende-se ao cristianismo: a escravidão (Ef 6,5 × Gl 3,28) e a mulher (1Tm 2,12 × Gl 3,28; Tomás) registram-se na Ficha reescrita como fronteira, com a tradição que as disputou (Gregório de Nissa, Las Casas); (k) segue aberta até o estudo de Marx para o mal estrutural.] Das perguntas passa-se ao que o cristianismo oferece (6.4).

6.4 O que o cristianismo oferece

Ao Examinar, o cristianismo oferece o paralelo formal mais exato da série: o exame geral de Inácio, com os cinco pontos — dar graças, pedir luz, revisitar o dia hora a hora, pedir perdão, propor-se a

emenda (*Exercícios espirituais*, n. 43; ver 2.7) [V-es via secundária: Reig Pla; tradução do estudo] — e a fronteira que os separa: o de Inácio é diante de Deus e pede graça; o do cânon "não é o exame de um juiz severo" (Meditações Práticas, "O Examinar da noite"), e a mão que retoma é o rio. O que o exame de Inácio mostra ao Examinar é a gratidão como parte do exame, que o cânon já tem, no fecho: "com gratidão a alguém do passado" (Cânon v1.2, "Regra de Vida"); a ordem é outra (Inácio abre por ela, o cânon fecha) [leitura do estudo].

À Regra de Vida, oferece a Regra de Bento: o ritmo do dia, o trabalho manual, a leitura, o exame e a vida em comum (2.8) — e a correção da Ficha: "sem culto" não é "sem regra" (3.10). O sábado "estabelecido por causa do homem" (Mc 2,27, ARA; ver 2.8) [V-gr; V-pt: ARA], com o sétimo dia de Hebreus e de Agostinho (Hb 4,9-10; *Confissões*, XIII, 36, 51; ver 2.8), e o sabbath do fluxo, que é não-ato (decisão n.º 8 de 31/10/2026, Estudo XI), tocam-se na estrutura e separam-se no para quem [leitura do estudo].

Ao tratado da justiça, oferece o maior conjunto de material da série: o mandamento de amar os inimigos (Mt 5,44), a palavra de perdoar na cruz (Lc 23,34), o servo sem misericórdia (Mt 18), a adúltera (Jo 8), o perdão como faculdade humana em Arendt, o perdão difícil em Ricoeur — ao lado do que Levinas, Ricoeur, Platão, Aristóteles e Agostinho já lhe mandaram. Sem ordem escolhida; (g) aberta até o tratado.

Às Fichas, oferece o que o estudo acrescenta. À Ficha do Estudo III, a letra proposta em 5.4. À Ficha do Estudo IV, em paralelo, a porta do diálogo hindu-cristão (Abhishiktananda, Panikkar), só apontada (4.10). À Ficha do Estudo V, Kierkegaard e Dostoiévski, com Marcel e Jaspers, que o Estudo V abrirá (4.10). À Ficha do Estudo VI, o registro do Estudo I sobre o *wu wei* (impessoal contra pessoal), que o estudo só aponta (4.10).

E à série, oferece uma pergunta de método que o Estudo XII abriu e este estudo repõe: se a fronteira "nenhuma pessoa está fora da Lux", dita com frase própria diante da *massa damnata*, basta diante da fé exigida e do *extra Ecclesiam*, que falam de salvação — a pergunta (cg). Da oferta passa-se à lamparina (6.5).

6.5 A lamparina

O Evangelho diz que "ninguém, depois de acender uma candeia, a cobre com um vaso ou a põe debaixo de uma cama; pelo contrário, coloca-a sobre um velador, a fim de que os que entram vejam a luz" (Lc 8,16, ARA; para a lâmpada de Mt 5,15, ver 2.1) [V-gr; V-pt: ARA]. A imagem é a que mais se aproxima, numa casa antiga, da lamparina do cânon: uma luz que existe para ser vista e que alguém pode cobrir [leitura do estudo]. O cânon diz algo da mesma estrutura: "a luz não se acende — ela se revela" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I), e a lamparina tem três lugares — de museu, quando só se protege; guardada do vento, na margem, com a volta marcada; posta no rio, entregue às águas de todos (Cânon v1.2, "O Abrigo" e "As Águas Comuns"; ver 3.8).

A diferença está em quem acende e para quem brilha. A candeia do Evangelho é acesa, e a luz que ela figura é nomeada: “Eu sou a luz do mundo” (Jo 8,12, ARA; ver 1.3) [V-gr; V-pt: ARA], e os discípulos são luz porque Jesus lhes diz “Vós sois a luz do mundo” (Mt 5,14, ARA; ver 2.1) [V-gr; V-pt: ARA] [leitura do estudo]; a lamparina do cânon não se acende, revela-se, e é de alguém, de origem não dita. A candeia brilha “para que os que entram vejam”; a lamparina vai ao rio, “levada mais longe do que qualquer um iria sozinho” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”), e o rio não é o céu [leitura do estudo]. O cristianismo conhece a noite e põe Deus dentro dela — “só o Deus que sofre pode ajudar” (Bonhoeffer; ver 1.8) —, e a Vigília põe uma luz dentro da noite, e a luz é de uma pessoa (2.6, 3.7) [hipótese do estudo].

O estudo termina onde a Ficha de outubro começou, na imagem. O cristianismo diz que o homem é feito “à imagem de Deus” (Gn 1,27, ARA; ver 1.4) [V-he; V-pt: ARA], e a tradição acrescenta que a imagem se deforma e não se destrói. O cânon diz que a luz pode ficar “escondida” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Prática”) e que “Falhar na regra não apaga a luz” (Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia”). A mesma estrutura, em duas casas; e, na frase seguinte, a fronteira: a imagem é de um Criador nomeado, e a luz é de cada pessoa, de origem não dita — “A filosofia não decide isso por ninguém” (Cânon v1.2, “Independência confessional”) [leitura do estudo]. Entre a imagem e a luz, o estudo não escolhe por ninguém; registra o toque, marca a fronteira e devolve ao fundador a pergunta.

APARATO

Fontes citadas, por capítulo

Prólogo

O CRISTIANISMO

1. Prólogo · Jo 1,9, Almeida Revista e Atualizada (ARA) · “a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem” · «τὸ φῶς τὸ ἀληθινὸν ὃ φωτίζει πάντα ἄνθρωπον ἐρχόμενον εἰς τὸν κόσμον» · [V-gr; V-pt: ARA]
2. Prólogo · 1Cor 15,14, ARA · “é vã a nossa pregação” · «κενὸν ἄρα τὸ κήρυγμα ἡμῶν» · [V-gr; V-pt: ARA]
3. Prólogo · Lc 11,35, ARA · “Repara, pois, que a luz que há em ti não sejam trevas” · «σκόπει οὖν μὴ τὸ φῶς τὸ ἐν σοὶ σκότος ἐστίν» · [V-gr; V-pt: ARA]
4. Prólogo · Mt 18,22, ARA · “Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete” · «οὐ λέγω σοι ἕως ἑπτάκις ἀλλὰ ἕως ἑβδομηκοντάκις ἑπτά» · [V-gr; V-pt: ARA]
5. Prólogo · Lc 10,36, ARA · “o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores” · «τίς τούτων τῶν τριῶν πλησίον δοκεῖ σοι γεγονέναι τοῦ ἐμπεσόντος εἰς τοὺς λῃστάς» · [V-gr; V-pt: ARA]
6. Prólogo · Hb 12,1, ARA · “tão grande nuvem de testemunhas” · «τοσοῦτον ἔχοντες περικείμενον ἡμῖν νέφος μαρτύρων» · [V-gr; V-pt: ARA]
7. Prólogo · Mt 26,38, ARA · “ficai aqui e vigiai comigo” · «μείνατε ὧδε καὶ γρηγορεῖτε μετ’ ἐμοῦ» · [V-gr; V-pt: ARA]
8. Prólogo · 1Cor 6,19, Ave-Maria · “o vosso corpo é templo do Espírito Santo” · «ὅτι τὸ σῶμα ὑμῶν ναὸς τοῦ ἐν ὑμῖν ἁγίου πνεύματός ἐστιν» · [V-gr; V-pt: Ave-Maria]

O CÂNON E OS ESCRITOS

1. Prólogo · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “Para quem crê, a Luz tem nome próprio: para o cristão, é o próprio Deus. Para quem não crê, é a consciência mais funda, o verdadeiro em si. A filosofia não decide isso por ninguém”
2. Prólogo · Catecismo, 26 · “A filosofia não decide isso por ninguém”
3. Prólogo · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “a luz não se acende — ela se revela”
4. Prólogo · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “anterior a qualquer conquista ou circunstância”
5. Prólogo · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II · “Ninguém começa do zero”
6. Prólogo · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III · “manter a alma flexível”
7. Prólogo · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “tijolos do templo”
8. Prólogo · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “Falhar na regra não apaga a luz”
9. Prólogo · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “a quem chega até nós”
10. Prólogo · Cânon v1.2, “Regra de Vida” · “com gratidão a alguém do passado”
11. Prólogo · Cânon v1.2, “A Bússola” · “apenas veta”
12. Prólogo · Cânon v1.2, “A Vigília” · “o mal que ninguém causou”

13. Prólogo · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto”
14. Prólogo · Tratado da Luz Interior, “Síntese” · “a dignidade precede o mérito”
15. Prólogo · Tratado da Vigília, “Definição” · “nem esperança, que olha para uma manhã que a luz não promete”
16. Prólogo · Tratado da Vigília, “Definição” · “Velar não é vigiar nem esperar”
17. Prólogo · Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve” · “a fé que professa”
18. Prólogo · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “não é o exame de um juiz severo”
19. Prólogo · Disputatio, 3, “Respondeo” · “o afogamento não é a medida final do que essa pessoa era”
20. Prólogo · Catecismo, 36 · “há uma luz devida ao outro”
21. Prólogo · Catecismo, 36 · “resiste-se, e deve-se justiça”
22. Prólogo · Decisão n.º 3 de 17/10/2026, Estudo VII · “A luz é dada antes de qualquer relação”
23. Prólogo · Decisão n.º 4 de 17/10/2026, Estudo VII · “A mão que retoma, na Regra da Misericórdia, é o rio”
24. Prólogo · Decisão n.º 5 de 17/10/2026, Estudo VII · “com ou sem intenção”
25. Prólogo · Decisão n.º 1 de 19/10/2026, Estudo VIII · “Há uma luz devida ao outro antes de qualquer pacto”
26. Prólogo · Decisão n.º 3 de 19/10/2026, Estudo VIII · “O olhar do outro apenas vê”
27. Prólogo · Decisão n.º 10 de 19/10/2026, Estudo VIII · “que o cristianismo de Levinas põe no centro”
28. Prólogo · Decisão n.º 4 de 19/10/2026, Estudo VIII · “O Abrigo não vai até a substituição. O limite é a Bússola”
29. Prólogo · Decisão n.º 3 de 23/10/2026, Estudo IX · “O perdão da vítima ao lobo fica para o tratado da justiça”
30. Prólogo · Decisão n.º 4 de 23/10/2026, Estudo IX · “antes de qualquer história”
31. Prólogo · Decisão n.º 5 de 23/10/2026, Estudo IX · “a decisão n.º 3 de 19 de outubro cobre o caso”
32. Prólogo · Decisão n.º 12 de 23/10/2026, Estudo IX · “a polifonia da nominação, o ágape como economia do dom, Jerusalém e Atenas [...] como matéria do interlocutor”
33. Prólogo · Decisão n.º 6 de 23/10/2026, Estudo X · “Só templo: o corpo não encobre a luz”
34. Prólogo · Decisão n.º 7 de 23/10/2026, Estudo X · “O veto da Bússola é a própria Luz na pessoa, sem voz externa”
35. Prólogo · Decisão n.º 9 de 23/10/2026, Estudo X · “o esvaziamento do Filho não entra na revisão da Ficha do Estudo III”
36. Prólogo · Decisão n.º 3 de 31/10/2026, Estudo XII · “O mestre interior fica como herança nomeada”
37. Prólogo · Decisão n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XII · “com frase própria”
38. Prólogo · Decisão n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII · “não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua”
39. Prólogo · Decisão n.º 8 de 31/10/2026, Estudo XII · “*Cidade de Deus* XIV, 3 fica como aliado do Corpus”
40. Prólogo · Decisão n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII · “separa-se em duas — a mão que retoma, que é do rio, e a graça, que é toque do cristianismo”
41. Prólogo · Decisão n.º 5 de 31/10/2026, Estudo XIII · “O compromisso do Abrigo é a promessa dita a outro”

42. Prólogo · Decisão n.º 11 de 31/10/2026, Estudo XIII · “o Jesus do perdão e o Paulo da vontade dividida, como Arendt os lê, entram na revisão da Ficha do Estudo III como matéria do interlocutor”
43. Prólogo · Decisão n.º 3 de 03/11/2026, Estudo I · “a Lux é de alguém”
44. Prólogo · Decisão n.º 12 de 03/11/2026, Estudos I e II · “Publicação como o Estudo XIII”
45. Prólogo · Decisão n.º 1 de 03/11/2026, Estudo II · “Recusa a providência” não entra, porque “o cânon não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua”
46. Prólogo · Decisão n.º 7 de 03/11/2026, Estudo II · “o cânon não diz que a noite é prova”

A Ficha de outubro (não é cânon)

1. Prólogo · Ficha do Estudo III, outubro de 2026, primeiro toque · “Dignidade anterior ao mérito: a *imago Dei* (Gn 1,26) é a grande escola dessa intuição”

Capítulo 1 — O cristianismo em sua melhor forma

O CRISTIANISMO

1. 1.3 · Jo 1,4-5, ARA · “A vida estava nele e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela” · «ἐν αὐτῷ ζωὴ ἦν, καὶ ἡ ζωὴ ἦν τὸ φῶς τῶν ἀνθρώπων· καὶ τὸ φῶς ἐν τῇ σκοτίᾳ φαίνει, καὶ ἡ σκοτία αὐτὸ οὐ κατέλαβεν.» · [V-gr; V-pt: ARA]
2. 1.3 · Jo 1,5, Ave-Maria · “as trevas não a compreenderam” · «καὶ τὸ φῶς ἐν τῇ σκοτίᾳ φαίνει, καὶ ἡ σκοτία αὐτὸ οὐ κατέλαβεν.» · [V-gr; V-pt: Ave-Maria]
3. 1.3 · Jo 1,8-9, ARA · “não era a luz [...] a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem” · «οὐκ ἦν ἐκεῖνος τὸ φῶς, ἀλλ’ ἵνα μαρτυρήσῃ περὶ τοῦ φωτός. ἦν τὸ φῶς τὸ ἀληθινὸν ὃ φωτίζει πάντα ἄνθρωπον ἐρχόμενον εἰς τὸν κόσμον.» · [V-gr; V-pt: ARA]
4. 1.3 · Jo 1,9, Vulgata · “todo homem que vem” · «omnem hominem venientem in hunc mundum» · [V-la]
5. 1.3 · Jo 1,14, ARA · “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” · «Καὶ ὁ λόγος σὰρξ ἐγένετο καὶ ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν, καὶ ἐθεασάμεθα τὴν δόξαν αὐτοῦ, δόξαν ὡς μονογενοῦς παρὰ πατρός, πλήρης χάριτος καὶ ἀληθείας·» · [V-gr; V-pt: ARA]
6. 1.3 · Jo 8,12, ARA · “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida” · «Πάλιν οὖν αὐτοῖς ἐλάλησεν ὁ Ἰησοῦς λέγων· Ἐγώ εἰμι τὸ φῶς τοῦ κόσμου· ὁ ἀκολουθῶν ἐμοὶ οὐ μὴ περιπατήσῃ ἐν τῇ σκοτίᾳ, ἀλλ’ ἕξει τὸ [...]» · [V-gr; V-pt: ARA]
7. 1.3 · 1Jo 1,5, ARA · “Deus é luz, e não há nele treva nenhuma” · «Καὶ ἔστιν αὕτη ἡ ἀγγελία ἣν ἀκηκόαμεν ἀπ’ αὐτοῦ καὶ ἀναγγέλλομεν ὑμῖν, ὅτι ὁ θεὸς φῶς ἐστιν καὶ σκοτία ἐν αὐτῷ οὐκ ἔστιν οὐδεμία.» · [V-gr; V-pt: ARA]
8. 1.3 · Mt 5,14-15, ARA · “Vós sois a luz do mundo. [...] nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa” · «Ὑμεῖς ἐστε τὸ φῶς τοῦ κόσμου. οὐ δύναται πόλις κρυβῆναι ἐπάνω ὄρους κειμένη· οὐδὲ καίουσιν λύχνον καὶ τιθέασιν αὐτὸν ὑπὸ τὸν μόδιον ἀλλ’ ἐπὶ τὴν [...]» · [V-gr; V-pt: ARA]
9. 1.3 · Lc 11,35, ARA · “Repara, pois, que a luz que há em ti não sejam trevas” · «σκόπει οὖν μὴ τὸ φῶς τὸ ἐν σοὶ σκότος ἐστίν.» · [V-gr; V-pt: ARA]

10. 1.3 · Fl 2,6-7, ARA · “subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens” · «ὃς ἐν μορφῇ θεοῦ ὑπάρχων οὐχ ἁρπαγμὸν ἡγήσατο τὸ εἶναι ἴσα θεῷ, ἀλλὰ ἑαυτὸν ἐκένωσεν μορφὴν δούλου λαβών, ἐν ὁμοιώματι ἀνθρώπων γενόμενος· καὶ σχήματι εὑρεθεὶς [...]» · [V-gr; V-pt: ARA]

11. 1.3 · Fl 2,8, ARA · “a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz” · «ἐταπείνωσεν ἑαυτὸν γενόμενος ὑπήκοος μέχρι θανάτου, θανάτου δὲ σταυροῦ·» · [V-gr; V-pt: ARA]

12. 1.3 · Fl 2,7, Ave-Maria · “aniquilou-se a si mesmo” · «ἀλλὰ ἑαυτὸν ἐκένωσεν μορφὴν δούλου λαβών, ἐν ὁμοιώματι ἀνθρώπων γενόμενος· καὶ σχήματι εὑρεθεὶς ὡς ἄνθρωπος» · [V-gr; V-pt: Ave-Maria]

13. 1.4 · Gn 1,27, ARA · “Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” · «וַיִּבְרָא אֱלֹהִים | אֶת־הָאָדָם בְּצַלְמוֹ בְּצֶלֶם אֱלֹהִים בָּרָא אֹתוֹ זָכָר וּנְקֵבָה בָּרָא אֹתָם» · [V-he; V-pt: ARA]

14. 1.4 · Gn 9,6, ARA · “porque Deus fez o homem segundo a sua imagem” · «שֹׁפֵךְ דַּם הָאָדָם בָּאָדָם דָּמוֹ יִשָּׁפֵךְ כִּי בְּצֶלֶם אֱלֹהִים עָשָׂה אֶת־הָאָדָם» · [V-he; V-pt: ARA]

15. 1.4 · Sl 8,4-5, ARA (Sl 8,5-6 no hebraico) · “que é o homem, que dele te lembres? [...] Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus e de glória e de honra o coroaste” · «מָה־אֱנוֹשׁ כִּי־תִזְכְּרֶנּוּ וּבֶן־אָדָם כִּי תִפְקְדֶנּוּ וַתְּחַסְּרֵהוּ מְעַט מֵאֱלֹהִים וְכָבוֹד וְהָדָר תְּעַטְּרֵהוּ» · [V-he; V-pt: ARA]

16. 1.4 · Cl 1,15, ARA · “é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação” · «ὅς ἐστιν εἰκὼν τοῦ θεοῦ τοῦ ἀοράτου, πρωτότοκος πάσης κτίσεως,» · [V-gr; V-pt: ARA]

17. 1.4 · *Gaudium et spes*, 24, Vaticano II · “não se pode encontrar plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo” · «—» · [V-pt: Vaticano]

18. 1.5 · Rm 3,23-24, ARA · “todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus” · «πάντες γὰρ ἥμαρτον καὶ ὑστεροῦνται τῆς δόξης τοῦ θεοῦ, δικαιούμενοι δωρεὰν τῇ αὐτοῦ χάριτι διὰ τῆς ἀπολυτρώσεως τῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ·» · [V-gr; V-pt: ARA]

19. 1.5 · Rm 5,20, ARA · “onde abundou o pecado, superabundou a graça” · «νόμος δὲ παρεισῆλθεν ἵνα πλεονάσῃ τὸ παράπτωμα· οὗ δὲ ἐπλεόνασεν ἡ ἁμαρτία, ὑπερεπερίσσευσεν ἡ χάρις,» · [V-gr; V-pt: ARA]

20. 1.5 · Ef 2,8-9, ARA · “Pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” · «τῇ γὰρ χάριτί ἐστε σεσῳσμένοι διὰ πίστεως· καὶ τοῦτο οὐκ ἐξ ὑμῶν, θεοῦ τὸ δῶρον· οὐκ ἐξ ἔργων, ἵνα μή τις καυχήσηται.» · [V-gr; V-pt: ARA]

21. 1.5 · 1Cor 15,22, ARA · “assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo” · «ὥσπερ γὰρ ἐν τῷ Ἀδὰμ πάντες ἀποθνῄσκουσιν, οὕτως καὶ ἐν τῷ Χριστῷ πάντες ζῳοποιηθήσονται.» · [V-gr; V-pt: ARA]

22. 1.5 · Rm 5,12, ARA · “porque todos pecaram” · «Διὰ τοῦτο ὥσπερ δι’ ἑνὸς ἀνθρώπου ἡ ἁμαρτία εἰς τὸν κόσμον εἰσῆλθεν καὶ διὰ τῆς ἁμαρτίας ὁ θάνατος, καὶ οὕτως εἰς πάντας ἀνθρώπους ὁ θάνατος [...]» · [V-gr; V-pt: ARA]

23. 1.5 · Rm 7,19, ARA · “não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço” · «οὐ γὰρ ὃ θέλω ποιῶ ἀγαθόν, ἀλλὰ ὃ οὐ θέλω κακὸν τοῦτο πράσσω.» · [V-gr; V-pt: ARA]

24. 1.5 · Rm 7,24-25, ARA · “Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte? Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor” · «ταλαίπωρος ἐγὼ ἄνθρωπος· τίς με ῥύσεται ἐκ τοῦ σώματος τοῦ θανάτου τούτου; χάρις τῷ θεῷ διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ τοῦ κυρίου ἡμῶν. Ἄρα οὖν αὐτὸς ἐγὼ [...]» · [V-gr; V-pt: ARA]

25. 1.6 · Mt 18,22, ARA · “Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete” · «λέγει αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς· Οὐ λέγω σοι ἕως ἑπτάκις ἀλλὰ ἕως ἑβδομηκοντάκις ἑπτά.» · [V-gr; V-pt: ARA]

26. 1.6 · Mt 18,35, ARA · “Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão” · «Οὕτως καὶ ὁ πατήρ μου ὁ οὐράνιος ποιήσει ὑμῖν ἐὰν μὴ ἀφῆτε ἕκαστος τῷ ἀδελφῷ αὐτοῦ ἀπὸ τῶν καρδιῶν ὑμῶν.» · [V-gr; V-pt: ARA]

27. 1.6 · Mt 6,12, ARA · “perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores” · «καὶ ἄφες ἡμῖν τὰ ὀφειλήματα ἡμῶν, ὡς καὶ ἡμεῖς ἀφήκαμεν τοῖς ὀφειλέταις ἡμῶν·» · [V-gr; V-pt: ARA]

28. 1.6 · Mt 6,12, Ave-Maria · “perdoai-nos as nossas ofensas” · «καὶ ἄφες ἡμῖν τὰ ὀφειλήματα ἡμῶν, ὡς καὶ ἡμεῖς ἀφήκαμεν τοῖς ὀφειλέταις ἡμῶν·» · [V-gr; V-pt: Ave-Maria]

29. 1.6 · Lc 15,20, ARA · “Vinha ele ainda longe, quando seu pai o avistou, e, compadecido dele, correndo, o abraçou, e beijou” · «καὶ ἀναστὰς ἦλθεν πρὸς τὸν πατέρα ἑαυτοῦ. ἔτι δὲ αὐτοῦ μακρὰν ἀπέχοντος εἶδεν αὐτὸν ὁ πατὴρ αὐτοῦ καὶ ἐσπλαγχνίσθη καὶ δραμὼν ἐπέπεσεν ἐπὶ τὸν τράχηλον [...]» · [V-gr; V-pt: ARA]

30. 1.6 · Lc 15,8, ARA · “não acende a candeia, varre a casa e a procura diligentemente até encontrá-la” · «Ἢ τίς γυνὴ δραχμὰς ἔχουσα δέκα, ἐὰν ἀπολέσῃ δραχμὴν μίαν, οὐχὶ ἅπτει λύχνον καὶ σαροῖ τὴν οἰκίαν καὶ ζητεῖ ἐπιμελῶς ἕως οὗ εὕρῃ;» · [V-gr; V-pt: ARA]

31. 1.6 · Jo 8,11, ARA · “Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais” · «ἡ δὲ εἶπεν· Οὐδείς, κύριε. εἶπεν δὲ ὁ Ἰησοῦς· Οὐδὲ ἐγώ σε κρίνω· πορεύου καὶ μηκέτι ἁμάρτανε.» · [V-gr; V-pt: ARA]

32. 1.6 · Lc 23,34, ARA · “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” · «ὁ δὲ Ἰησοῦς ἔλεγεν· Πάτερ, ἄφες αὐτοῖς, οὐ γὰρ οἴδασιν τί ποιοῦσιν. διαμεριζόμενοι δὲ τὰ ἱμάτια αὐτοῦ ἔβαλον κλήρους.» · [V-gr; V-pt: ARA]

33. 1.6 · Mt 5,7, ARA · “Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” · «μακάριοι οἱ ἐλεήμονες, ὅτι αὐτοὶ ἐλεηθήσονται.» · [V-gr; V-pt: ARA]

34. 1.7 · Mt 22,37-39, ARA · “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. [...] Amarás o teu próximo como a ti mesmo” · «ὁ δὲ ἔφη αὐτῷ· Ἀγαπήσεις κύριον τὸν θεόν σου ἐν ὅλῃ τῇ καρδίᾳ σου καὶ ἐν ὅλῃ τῇ ψυχῇ σου καὶ ἐν ὅλῃ τῇ διανοίᾳ [...]» · [V-gr; V-pt: ARA]

35. 1.7 · Lc 10,29, ARA · “Quem é o meu próximo?” · «Ὁ δὲ θέλων δικαιῶσαι ἑαυτὸν εἶπεν πρὸς τὸν Ἰησοῦν· Καὶ τίς ἐστίν μου πλησίον;» · [V-gr; V-pt: ARA]

36. 1.7 · Lc 10,36, ARA · “Qual destes três te parece ter sido o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores?” · «τίς τούτων τῶν τριῶν πλησίον δοκεῖ σοι γεγονέναι τοῦ ἐμπεσόντος εἰς τοὺς λῃστάς;» · [V-gr; V-pt: ARA]

37. 1.7 · Mt 25,40, ARA · “sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” · «καὶ ἀποκριθεὶς ὁ βασιλεὺς ἐρεῖ αὐτοῖς· Ἀμὴν λέγω ὑμῖν, ἐφ’ ὅσον ἐποιήσατε ἑνὶ τούτων τῶν ἀδελφῶν μου τῶν ἐλαχίστων, ἐμοὶ ἐποιήσατε.» · [V-gr; V-pt: ARA]

38. 1.7 · 1Jo 4,19, ARA · “Nós amamos porque ele nos amou primeiro” · «ἡμεῖς ἀγαπῶμεν, ὅτι αὐτὸς πρῶτος ἠγάπησεν ἡμᾶς.» · [V-gr; V-pt: ARA]

39. 1.7 · 1Jo 4,20, ARA · “aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê” · «ἐάν τις εἴπῃ ὅτι Ἀγαπῶ τὸν θεόν, καὶ τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ μισῇ, ψεύστης ἐστίν· ὁ γὰρ μὴ ἀγαπῶν τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ ὃν ἑώρακεν, τὸν θεὸν [...]» · [V-gr; V-pt: ARA]

40. 1.7 · 1Jo 4,8, ARA · “Deus é amor” · «ὁ μὴ ἀγαπῶν οὐκ ἔγνω τὸν θεόν, ὅτι ὁ θεὸς ἀγάπη ἐστίν.» · [V-gr; V-pt: ARA]

41. 1.7 · 1Cor 13,13, Ave-Maria · “a maior delas é a caridade” · «νυνὶ δὲ μένει πίστις, ἐλπίς, ἀγάπη· τὰ τρία ταῦτα, μείζων δὲ τούτων ἡ ἀγάπη.» · [V-gr; V-pt: Ave-Maria]

42. 1.7 · Mt 5,44, ARA · “amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem” · «ἐγὼ δὲ λέγω ὑμῖν, ἀγαπᾶτε τοὺς ἐχθροὺς ὑμῶν καὶ προσεύχεσθε ὑπὲρ τῶν διωκόντων ὑμᾶς·» · [V-gr; V-pt: ARA]

43. 1.7 · Lc 6,36, ARA · “Sede misericordiosos, como também é misericordioso vosso Pai” · «γίνεσθε οἰκτίρμονες καθὼς ὁ πατὴρ ὑμῶν οἰκτίρμων ἐστίν·» · [V-gr; V-pt: ARA]

44. 1.7 · Mt 11,28, ARA · “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” · «Δεῦτε πρός με πάντες οἱ κοπιῶντες καὶ πεφορτισμένοι, κἀγὼ ἀναπαύσω ὑμᾶς.» · [V-gr; V-pt: ARA]

45. 1.7 · Eclo 51,31, Ave-Maria (51,23 na Septuaginta) · “Aproximai-vos de mim” · «ἐγγίσατε πρός με, ἀπαίδευτοι, καὶ αὐλίσθητε ἐν οἴκῳ παιδείας» · [V-gr: Septuaginta; V-pt: Ave-Maria]

46. 1.7 · Gl 6,2, ARA · “Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo” · «ἀλλήλων τὰ βάρη βαστάζετε, καὶ οὕτως ἀναπληρώσετε τὸν νόμον τοῦ Χριστοῦ.» · [V-gr; V-pt: ARA]

47. 1.7 · Is 53,4, ARA · “tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si” · «אָכֵן חֳלָיֵנוּ הוּא֙ נָשָׂ֔א וּמַכְאֹבֵ֖ינוּ סְבָלָ֑ם וַאֲנַ֣חְנוּ חֲשַׁבְנֻ֔הוּ נָג֥וּעַ מֻכֵּ֖ה אֱלֹהִ֥ים וּמְעֻנֶּֽה׃» · [V-he; V-pt: ARA]

48. 1.8 · 1Cor 15,3-4, ARA · “que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” · «Παρέδωκα γὰρ ὑμῖν ἐν πρώτοις, ὃ καὶ παρέλαβον, ὅτι Χριστὸς ἀπέθανεν ὑπὲρ τῶν ἁμαρτιῶν ἡμῶν κατὰ τὰς γραφάς, καὶ ὅτι ἐτάφη, καὶ ὅτι ἐγήγερται τῇ [...]» · [V-gr; V-pt: ARA]

49. 1.8 · Rm 5,8, ARA · “Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores” · «συνίστησιν δὲ τὴν ἑαυτοῦ ἀγάπην εἰς ἡμᾶς ὁ θεὸς ὅτι ἔτι ἁμαρτωλῶν ὄντων ἡμῶν Χριστὸς ὑπὲρ ἡμῶν ἀπέθανεν.» · [V-gr; V-pt: ARA]

50. 1.8 · Mt 27,46, ARA · “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” · «περὶ δὲ τὴν ἐνάτην ὥραν ἀνεβόησεν ὁ Ἰησοῦς φωνῇ μεγάλῃ λέγων· Ἠλὶ ἠλὶ λεμὰ σαβαχθάνι; τοῦτ’ ἔστιν· Θεέ μου θεέ μου, ἱνατί με ἐγκατέλιπες;» · [V-gr; V-pt: ARA]

51. 1.8 · Lc 23,46, ARA · “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!” · «καὶ φωνήσας φωνῇ μεγάλῃ ὁ Ἰησοῦς εἶπεν· Πάτερ, εἰς χεῖράς σου παρατίθεμαι τὸ πνεῦμά μου. τοῦτο δὲ εἰπὼν ἐξέπνευσεν.» · [V-gr; V-pt: ARA]

52. 1.8 · 1Cor 15,14, ARA · “se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé” · «εἰ δὲ Χριστὸς οὐκ ἐγήγερται, κενὸν ἄρα τὸ κήρυγμα ἡμῶν, κενὴ καὶ ἡ πίστις ὑμῶν,» · [V-gr; V-pt: ARA]

53. 1.8 · 1Cor 15,44, ARA · “Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual” · «σπείρεται σῶμα ψυχικόν, ἐγείρεται σῶμα πνευματικόν. Εἰ ἔστιν σῶμα ψυχικόν, ἔστιν καὶ πνευματικόν.» · [V-gr; V-pt: ARA]

54. 1.8 · 1Cor 15,55, ARA · “Onde está, ó morte, a tua vitória?” · «ποῦ σου, θάνατε, τὸ νῖκος; ποῦ σου, θάνατε, τὸ κέντρον;» · [V-gr; V-pt: ARA]

55. 1.8 · Sl 88,18, ARA (Sl 88,19 no hebraico) · “os meus conhecidos são trevas” · «הִרְחַקְתָּ מְמֶנִּי אֹהֵב וְרֵעַ מְיֻדָּעַי מַחְשָׁךְ׃» · [V-he; V-pt: ARA]

56. 1.8 · Mt 26,38, ARA · “A minha alma está profundamente triste até à morte; ficai aqui e vigiai comigo” · «τότε λέγει αὐτοῖς· Περίλυπός ἐστιν ἡ ψυχή μου ἕως θανάτου· μείνατε ὧδε καὶ γρηγορεῖτε μετ’ ἐμοῦ.» · [V-gr; V-pt: ARA]

57. 1.9 · 1Cor 11,28, ARA · “Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e, assim, coma do pão, e beba do cálice” · «δοκιμαζέτω δὲ ἄνθρωπος ἑαυτόν, καὶ οὕτως ἐκ τοῦ ἄρτου ἐσθιέτω καὶ ἐκ τοῦ ποτηρίου πινέτω·» · [V-gr; V-pt: ARA]

58. 1.9 · 1Cor 6,19, ARA · “Acaso, não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós” · «ἢ οὐκ οἴδατε ὅτι τὸ σῶμα ὑμῶν ναὸς τοῦ ἐν ὑμῖν ἁγίου πνεύματός ἐστιν, οὗ ἔχετε ἀπὸ θεοῦ; καὶ οὐκ ἐστὲ ἑαυτῶν,» · [V-gr; V-pt: ARA]

59. 1.9 · 1Cor 6,19, Ave-Maria · “templo do Espírito Santo” · «ἢ οὐκ οἴδατε ὅτι τὸ σῶμα ὑμῶν ναὸς τοῦ ἐν ὑμῖν ἁγίου πνεύματός ἐστιν, οὗ ἔχετε ἀπὸ θεοῦ; καὶ οὐκ ἐστὲ ἑαυτῶν,» · [V-gr; V-pt: Ave-Maria]

60. 1.9 · Rm 12,1, ARA · “apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional” · «Παρακαλῶ οὖν ὑμᾶς, ἀδελφοί, διὰ τῶν οἰκτιρμῶν τοῦ θεοῦ παραστῆσαι τὰ σώματα ὑμῶν θυσίαν ζῶσαν ἁγίαν εὐάρεστον τῷ θεῷ, τὴν λογικὴν λατρείαν ὑμῶν·» · [V-gr; V-pt: ARA]

61. 1.9 · 2Sm 6,14, ARA · “dançava com todas as suas forças diante do Senhor” · «וְדָוִד מְכַרְכֵּר בְּכָל־עֹז לִפְנֵי יְהוָה וְדָוִד חָגוּר אֵפוֹד בָּד׃» · [V-he; V-pt: ARA]

62. 1.10 · Rm 8,24, ARA · “Porque, na esperança, fomos salvos. Ora, esperança que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, como o espera?” · «τῇ γὰρ ἐλπίδι ἐσώθημεν· ἐλπὶς δὲ βλεπομένη οὐκ ἔστιν ἐλπίς, ὃ γὰρ βλέπει τίς ἐλπίζει;» · [V-gr; V-pt: ARA]

63. 1.10 · Ap 21,4, ARA · “E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá” · «καὶ ἐξαλείψει πᾶν δάκρυον ἐκ τῶν ὀφθαλμῶν αὐτῶν, καὶ ὁ θάνατος οὐκ ἔσται ἔτι· οὔτε πένθος οὔτε κραυγὴ οὔτε πόνος οὐκ ἔσται ἔτι. τὰ πρῶτα [...]» · [V-gr; V-pt: ARA]

64. 1.10 · 1Cor 13,13, ARA · “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor” · «νυνὶ δὲ μένει πίστις, ἐλπίς, ἀγάπη· τὰ τρία ταῦτα, μείζων δὲ τούτων ἡ ἀγάπη.» · [V-gr; V-pt: ARA]

65. 1.10 · Mt 25,13, ARA · “Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora” · «γρηγορεῖτε οὖν, ὅτι οὐκ οἴδατε τὴν ἡμέραν οὐδὲ τὴν ὥραν.» · [V-gr; V-pt: ARA]

66. 1.11 · Sl 139,23, ARA · “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos” · «חָקְרֵנִי אֵל וְדַע לְבָבִי בְּחָנֵנִי וְדַע שַׂרְעַפָּי׃» · [V-he; V-pt: ARA]

67. 1.11 · Mt 6,6, ARA · “entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto” · «σὺ δὲ ὅταν προσεύχῃ, εἴσελθε εἰς τὸ ταμεῖόν σου καὶ κλείσας τὴν θύραν σου πρόσευξαι τῷ πατρί σου τῷ ἐν τῷ κρυπτῷ· καὶ ὁ πατήρ [...]» · [V-gr; V-pt: ARA]

68. 1.12 · Mt 25,46, ARA · “E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna” · «καὶ ἀπελεύσονται οὗτοι εἰς κόλασιν αἰώνιον, οἱ δὲ δίκαιοι εἰς ζωὴν αἰώνιον.» · [V-gr; V-pt: ARA]

69. 1.12 · Ef 6,5, ARA · “Quanto a vós outros, servos, obedecei a vosso senhor segundo a carne com temor e tremor” · «Οἱ δοῦλοι, ὑπακούετε τοῖς κατὰ σάρκα κυρίοις μετὰ φόβου καὶ τρόμου ἐν ἁπλότητι τῆς καρδίας ὑμῶν ὡς τῷ Χριστῷ,» · [V-gr; V-pt: ARA]

70. 1.12 · Gl 3,28, ARA · “Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” · «οὐκ ἔνι Ἰουδαῖος οὐδὲ Ἕλλην, οὐκ ἔνι δοῦλος οὐδὲ ἐλεύθερος, οὐκ ἔνι ἄρσεν καὶ θῆλυ· πάντες γὰρ ὑμεῖς εἷς ἐστε ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ.» · [V-gr; V-pt: ARA]

A TRADIÇÃO

1. 1.3 · Brown, *The Gospel According to John (I–XII)*, Anchor Bible 29, Garden City, Doubleday, 1966, sobre Jo 1,9 · — · «—» · [tese a confirmar; página a confirmar]
2. 1.3 · Fox, *Journal*, 1647 (ed. Gutenberg 75559) · "Há um, o próprio Cristo Jesus, que pode falar à tua condição" · «There is one, even Christ Jesus, that can speak to thy condition» · [V-en; tradução do estudo; página a confirmar]
3. 1.3 · Barclay, *An Apology for the True Christian Divinity*, Birmingham, Baskerville, 1765, Proposições V–VI · "ilumina TODO homem que vem ao mundo" · «the Light … enlighteneth EVERY Man that cometh into the World» · [V-en; tradução do estudo; página a confirmar]
4. 1.3 · Atanásio, *Sobre a encarnação*, 54, 3 (*Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2.ª série, v. 4, trad. Robertson) · "Pois ele se fez homem para que nós fôssemos feitos Deus" · «For He was made man that we might be made God» · [V-en: Robertson; tradução do estudo; grego não conferido]
5. 1.3 · Tertuliano, *Sobre a ressurreição da carne*, 8 (*Patrologia Latina* 2, col. 806) · "a carne é, de fato, o gonzo da salvação" · «adeo caro salutis est cardo» · [V-la; tradução do estudo]
6. 1.4 · Irineu, *Contra as heresias*, IV, 20, 7 (versão latina; ed. Harvey, Cambridge, 1857, v. 2, p. 219) · "A glória de Deus, com efeito, é o homem vivo" · «Gloria enim Dei vivens homo» · [V-la via secundária: Harvey; tradução do estudo]
7. 1.4 · Irineu, *Contra as heresias*, V, 6, 1 (*Ante-Nicene Fathers* 1, trad. Roberts–Rambaut) · "o homem, e não [apenas] uma parte do homem, foi feito à semelhança de Deus" · «man, and not [merely] a part of man, was made in the likeness of God» · [V-en: Roberts–Rambaut; tradução do estudo]
8. 1.4 · Gregório de Nissa, *Sobre a criação do homem*, 16 (*Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2.ª série, v. 5, trad. H. A. Wilson) · "toda a nossa natureza, do primeiro ao último, é uma só imagem daquele que é" · «our whole nature extending from the first to the last is one image of Him Who is» · [V-en: Wilson; tradução do estudo; localização a confirmar]
9. 1.4 · Agostinho, *A Trindade*, XIV, 8, 11 (Nuova Biblioteca Agostiniana) · "é imagem dele: porque é capaz dele e pode ser participante dele" · «Eo quippe ipso imago eius est, quo eius capax est, eiusque particeps esse potest» · [V-la; tradução do estudo]
10. 1.4 · Tomás, *Suma Teológica*, I, q. 93, a. 4 (Corpus Thomisticum, Leonina) · "A primeira imagem se encontra em todos os homens; a segunda, só nos justos; a terceira, somente nos bem-aventurados" · «Prima ergo imago invenitur in omnibus hominibus; secunda in iustis tantum; tertia vero solum in beatis» · [V-la; tradução do estudo]
11. 1.5 · Arendt, *A vida do espírito*, II, Paidós, p. 297 · "os dois não são amigos ou companheiros; estão em constante luta entre si" · «no son amigos o compañeros; están en constante lucha» · [V-es via Estudo XIII, 4.4; tradução do estudo]
12. 1.5 · Kierkegaard, *O desespero humano* (*The Sickness unto Death*, 1849), parte II, trad. Lowrie, p. 129 · "Pecado é: diante de Deus, em desespero não querer ser si mesmo, ou diante de Deus, em desespero querer ser si mesmo" · «Sin is: before God in despair not to will to be oneself, or before God in despair to will to be oneself» · [V-en: Lowrie; tradução do estudo]
13. 1.5 · Agostinho, *Confissões*, X, 29, 40 (trad. Mammì) · "concede o que ordenas, e ordena o que queres" · «Da quod iubes et iube quod vis» · [V-la; V-pt: Mammì, via Estudo XII, 4.1; página a confirmar]

14. 1.5 · Tomás, *Suma Teológica*, I-II, q. 109, a. 2 (Corpus Thomisticum, Leonina) · "a natureza humana não foi totalmente corrompida pelo pecado" · «natura humana per peccatum non est totaliter corrupta» · [V-la; tradução do estudo]

15. 1.5 · Lutero, *Comentário a Gálatas*, 1535, sobre Gl 3,6 (*Weimarer Ausgabe* 40/I, 368; *Luther's Works* 26, 232), citado em Winger, *On the simul*, p. 94 · "Assim um homem cristão é ao mesmo tempo justo e pecador, santo e profano, inimigo de Deus e filho de Deus" · «Thus a Christian man is righteous and a sinner at the same time [simul iustus et peccator], holy and profane, an enemy of God and a child of God» · [V via secundária: Winger; tradução do estudo]

16. 1.5 · Concílio de Trento, sessão VI, cap. VII (trad. Waterworth, Londres, Dolman, 1848, pp. 34–35) · "não é apenas remissão dos pecados, mas também santificação e renovação do homem interior" · «not remission of sins merely, but also the sanctification and renewal of the inward man» · [V-en: Waterworth; tradução do estudo; latim não conferido]

17. 1.5 · Concílio de Trento, sessão VI, cap. VIII (trad. Waterworth, 1848) · "seja a fé, sejam as obras [...] merece a própria graça" · «whether faith or works … merit the grace itself of justification» · [V-en: Waterworth; tradução do estudo]

18. 1.6 · Agostinho, *A cidade de Deus*, IX, 5 (Nuova Biblioteca Agostiniana) · "O que é a misericórdia senão certa compaixão, em nosso coração, pela miséria alheia, pela qual somos movidos a socorrer, se podemos?" · «Quid est autem misericordia nisi alienae miseriae quaedam in nostro corde compassio, qua utique si possumus subvenire compellimur?» · [V-la; tradução do estudo]

19. 1.6 · Tomás, *Suma Teológica*, II-II, q. 30, a. 1 (Corpus Thomisticum, Leonina) · — · «—» · [paráfrase; V-la]

20. 1.6 · Arendt, *A condição humana*, §33, Chicago, 1958, pp. 238–239 (ed. brasileira trad. Raposo) · "O descobridor do papel do perdão no domínio dos assuntos humanos foi Jesus de Nazaré" · «The Discoverer of the role of forgiveness in the realm of human affairs was Jesus of Nazareth» · [V-en via Estudo XIII, 1.6; tradução do estudo]

21. 1.6 · Arendt, *A condição humana*, §33, p. 239 · "não deriva de Deus [...] mas, ao contrário, tem de ser mobilizado pelos homens uns em relação aos outros antes que possam esperar ser perdoados por Deus também" · «does not derive from God … but on the contrary must be mobilized by men toward each other before they can hope to be forgiven by God also» · [V-en via Estudo XIII, 1.6; tradução do estudo]

22. 1.6 · Ricoeur, *A memória, a história, o esquecimento*, Epílogo, ed. portuguesa (Campinas, Unicamp, 2007), p. 501; ed. francesa (Paris, Seuil, 2000), p. 642 · "tu vales mais que teus atos" · «tu vaux mieux que tes actes» · [V-pt via Estudo IX, 1.7]

23. 1.6 · Dostoiévski, *Os irmãos Karamázov*, V, 4 (trad. Garnett) · "Mas existe um Ser, e Ele pode perdoar tudo, a todos e por tudo, porque deu o Seu sangue inocente por todos e por tudo" · «But there is a Being and He can forgive everything, all and for all, because He gave His innocent blood for all and everything» · [V-en: Garnett; tradução do estudo]

24. 1.7 · Tomás, *Suma Teológica*, II-II, q. 23, a. 1 (Corpus Thomisticum, Leonina) · "a caridade é uma certa amizade do homem com Deus" · «caritas amicitia quaedam est hominis ad Deum» · [V-la; tradução do estudo]

25. 1.7 · Agostinho, *Comentário à Primeira Carta de João*, 7, 8 · "Ama, e faze o que queres" · «Dilige, et quod vis fac» · [V-la; tradução do estudo]

26. 1.7 · Kierkegaard, *As obras do amor* (*Works of Love*, 1847), "Thou Shalt Love", trad. Swenson, p. 20 · "Tu deves amar" · «Thou shalt love» · [V-en: Swenson; tradução do estudo]

27. 1.7 · Ricoeur, *O si-mesmo como um outro*, Prólogo, ed. espanhola (Siglo XXI, 1996), p. XXXIX · "economia do dom de caráter meta-ético" · «una economía del don de carácter metaético» · [V-es via Estudo IX, 4.3; tradução do estudo]

28. 1.7 · Tomás, *Suma Teológica*, II-II, q. 25, a. 8 (Corpus Thomisticum, Leonina) · "segundo a preparação do ânimo" · «secundum praeparationem animi» · [V-la; tradução do estudo]

29. 1.7 · Levinas, *Entre nós*, "Um Deus homem?", pp. 92–93 · "Ser eu é sempre ter uma responsabilidade a mais" · «—» · [V-pt]

30. 1.8 · Tertuliano, *Sobre a carne de Cristo*, 5 (*Ante-Nicene Fathers* 3, trad. Holmes) · "O Filho de Deus foi crucificado; não me envergonho, porque é preciso que os homens se envergonhem disso" · «The Son of God was crucified; I am not ashamed because men must needs be ashamed of it» · [V-en: Holmes; tradução do estudo; *credo quia absurdum*: atribuição a confirmar]

31. 1.8 · Bonhoeffer, *Resistência e submissão*, carta de 16/7/1944 (*Dietrich Bonhoeffer Werke*, v. 8, pp. 533–534), citado em Kamphuis, *Theologia Reformata* · "Deus é impotente e fraco no mundo, e justamente e só assim está conosco e nos ajuda [...] só o Deus que sofre pode ajudar" · «Gott ist ohnmächtig und schwach in der Welt und gerade und nur so ist er bei uns und hilft uns … nur der leidende Gott kann helfen» · [V via secundária: Kamphuis; original alemão não conferido; tradução do estudo]

32. 1.8 · Juan de la Cruz, *Noite escura*, II, 5, 1 (trad. Peers, Christian Classics Ethereal Library) · "Esta noite escura é um influxo de Deus na alma, que a purifica de suas ignorâncias e imperfeições" · «THIS dark night is an inflowing of God into the soul, which purges it from its ignorances and imperfections» · [V-en: Peers; tradução do estudo]

33. 1.9 · Vicente de Lérins, *Commonitorium*, 2 (trad. Heurtley) · "na própria Igreja Católica deve-se ter o máximo cuidado de manter aquela fé que foi crida em toda parte, sempre, por todos" · «in the Catholic Church itself, all possible care must be taken, that we hold that faith which has been believed everywhere, always, by all» · [V-en: Heurtley; tradução do estudo; latim não conferido]

34. 1.9 · Newman, *Ensaio sobre o desenvolvimento da doutrina cristã* (*An Essay on the Development of Christian Doctrine*, 1878), cap. 1, p. 40 · "aqui embaixo viver é mudar, e ser perfeito é ter mudado muitas vezes" · «here below to live is to change, and to be perfect is to have changed often» · [V-en: Newman; tradução do estudo]

35. 1.11 · Bento, *Regra*, Prólogo (The Latin Library) · "Escuta, ó filho, os preceitos do mestre" · «Obsculta, o fili, praecepta magistri» · [V-la; tradução do estudo]

36. 1.11 · Bento, *Regra*, 48 · "O ócio é inimigo da alma" · «Otiositas inimica est animae» · [V-la; tradução do estudo]

37. 1.11 · Inácio de Loyola, *Exercícios espirituais*, n. 43 (citado em Reig Pla, "Examinar la conciencia", 2024, p. 3) · — · «—» · [paráfrase; V-es via secundária: Reig Pla]

O CÂNON E OS ESCRITOS

1. 1.5 · Decisão n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII · "Misericórdia e graça"

2. 1.10 · Decisão n.º 8 de 31/10/2026, Estudo XII · "aliado do Corpus"

3. 1.10 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII · "não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua"

Capítulo 2 — Onde nos tocamos

O CRISTIANISMO

1. 2.1 · Gn 1,27, ARA (bibliaonline.com.br); hebraico, Westminster Leningrad Codex · “Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” · «וַיִּבְרָא אֱלֹהִים ׀ אֶת־הָאָדָם בְּצַלְמוֹ בְּצֶלֶם אֱלֹהִים בָּרָא אֹתוֹ זָכָר וּנְקֵבָה בָּרָא אֹתָם» · [V-he; V-pt: ARA]
2. 2.1 · Tomás, *Suma Teológica*, I, q. 93, a. 4, co. (Corpus Thomisticum, 32383) · “em todos os homens” · «invenitur in omnibus hominibus» · [V-la; tradução do estudo]
3. 2.1 · Agostinho, *A Trindade*, XIV, 8, 11 · “envelhecida e deformada” · «obsoletam atque deformem» · [V-la; tradução do estudo]
4. 2.1 · Gregório de Nissa, *Homilia 4 sobre o Eclesiastes* (trad. Maguire, earlychurchtexts.com; linhas do GNO a confirmar) · “Por quantos óbolos avaliaste a imagem de Deus?” · «For how many obols did you value the image of God?» · [V-en: Maguire; tradução do estudo]
5. 2.1 · Mt 5,14-15, ARA (bibliaonline.com.br); grego, SBL Greek New Testament · “Vós sois a luz do mundo. [...] nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador” · «Ὑμεῖς ἐστε τὸ φῶς τοῦ κόσμου. [...] οὐδὲ καίουσιν λύχνον καὶ τιθέασιν αὐτὸν ὑπὸ τὸν μόδιον ἀλλ’ ἐπὶ τὴν λυχνίαν» · [V-gr; V-pt: ARA]
6. 2.1 · Lc 11,35, ARA · “Repara, pois, que a luz que há em ti não sejam trevas” · «το φως το εν σοι σκοτος εστιν» · [V-gr; V-pt: ARA]
7. 2.2 · Mt 18,21-22, ARA · “Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete” · «Οὐ λέγω σοι ἕως ἑπτάκις ἀλλὰ ἕως ἑβδομηκοντάκις ἑπτά» · [V-gr; V-pt: ARA]
8. 2.3 · Lc 10,33-34, ARA · “compadeceu-se dele”; “levou-o para uma hospedaria e tratou dele” · «ἰδὼν ἐσπλαγχνίσθη»; «ἤγαγεν αὐτὸν εἰς πανδοχεῖον καὶ ἐπεμελήθη αὐτοῦ» · [V-gr; V-pt: ARA]
9. 2.3 · Lc 10,37, ARA · “O que usou de misericórdia para com ele” · «Ὁ ποιήσας τὸ ἔλεος μετ’ αὐτοῦ» · [V-gr; V-pt: ARA]
10. 2.4 · Hb 11,40; 12,1, ARA · “para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados”; “temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas” · «ἵνα μὴ χωρὶς ἡμῶν τελειωθῶσιν»; «τοσοῦτον ἔχοντες περικείμενον ἡμῖν νέφος μαρτύρων» · [V-gr; V-pt: ARA]
11. 2.5 · Jo 1,14, ARA · “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” · «Καὶ ὁ λόγος σὰρξ ἐγένετο καὶ ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν» · [V-gr; V-pt: ARA]
12. 2.5 · 1Cor 6,19, Ave-Maria (a ARA traz “santuário” para *naos*) · “o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que habita em vós” · «τὸ σῶμα ὑμῶν ναὸς τοῦ ἐν ὑμῖν ἁγίου πνεύματός ἐστιν» · [V-gr; V-pt: Ave-Maria]
13. 2.5 · Agostinho, *A cidade de Deus*, XIV, 3 (edição portuguesa a conferir) · “não foi a carne corruptível que fez pecadora a alma, mas a alma pecadora que fez corruptível a carne”; “incitamentos aos vícios” · «nec caro corruptibilis animam peccatricem, sed anima peccatrix fecit esse corruptibilem carnem»; «incitamenta vitiorum» · [V-la; tradução do estudo]
14. 2.6 · Mt 26,40, ARA · “Então, nem uma hora pudestes vós vigiar comigo?” · «Οὕτως οὐκ ἰσχύσατε μίαν ὥραν γρηγορῆσαι μετ’ ἐμοῦ;» · [V-gr; V-pt: ARA]

15. 2.6 · Jó 2,13, na tradução do Tratado da Vigília, "Fundamentação" · "sentaram-se no chão ao lado dele, sete dias e sete noites, sem dizer-lhe uma palavra" · «—»

16. 2.7 · Inácio de Loyola, *Exercícios espirituais*, n. 43 (grafia do autógrafo conforme Mons. Reig Pla, "Examinar la conciencia", ejerciciosespirituales.org, 2024, p. 3) · "O primeiro ponto é dar graças a Deus nosso Senhor pelos benefícios recebidos. O segundo, pedir graça para conhecer os pecados e lançá-los fora. O terceiro, pedir conta à alma, [...]. O quarto, pedir perdão a Deus nosso Senhor das faltas. O quinto, propor emenda com a sua graça" · «El primer puncto es dar gracias a Dios nuestro Señor por los beneficios rescibidos» · [V-es via secundária: Reig Pla; tradução do estudo]

17. 2.8 · Bento, *Regra*, 4 (latim da The Latin Library) · "vigiar a cada hora os atos da própria vida" · «Actus vitae suae omni hora custodire» · [V-la; tradução do estudo]

18. 2.8 · Bento, *Regra*, 48 · "O ócio é inimigo da alma" · «Otiositas inimica est animae» · [V-la; tradução do estudo]

19. 2.8 · Bento, *Regra*, 72 · "Que nada anteponham a Cristo" · «Christo omnimo nihil praeponant» (grafia da página lida) · [V-la; tradução do estudo]

20. 2.8 · Mc 2,27, ARA · "O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado" · «Τὸ σάββατον διὰ τὸν ἄνθρωπον ἐγένετο καὶ οὐχ ὁ ἄνθρωπος διὰ τὸ σάββατον» · [V-gr; V-pt: ARA]

21. 2.8 · Hb 4,9-10, ARA · "resta um repouso para o povo de Deus"; "descansou de suas obras" · «ἄρα ἀπολείπεται σαββατισμὸς τῷ λαῷ τοῦ θεοῦ»; «κατέπαυσεν ἀπὸ τῶν ἔργων αὐτοῦ» · [V-gr; V-pt: ARA]

22. 2.8 · Agostinho, *Confissões*, XIII, 36, 51 · "não tem tarde nem ocaso" · «sine vespera est nec habet occasum» · [V-la; tradução do estudo]

A TRADIÇÃO

1. 2.6 · Dietrich Bonhoeffer, carta de 16/7/1944, *Resistência e submissão* (DBW 8, pp. 533–534; via Kamphuis, *Theologia Reformata*; original alemão não conferido) · "só o Deus que sofre pode ajudar" · «nur der leidende Gott kann helfen» · [V via secundária: Kamphuis; tradução do estudo]

O CÂNON E OS ESCRITOS

1. Abertura · Cânon v1.2, "Independência confessional" · "para o cristão, é o próprio Deus"
2. 2.1 · Ficha do Estudo III, Ficha de outubro de 2026 · "a grande escola"
3. 2.1 · Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I, "Princípio" · "O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância"; "A luz não se acende — ela se revela"
4. 2.1 · Tratado da Luz Interior, "Síntese" · "uma antropologia em que a dignidade precede o mérito"
5. 2.1 · Decisão n.º 3 de 17/10/2026 · "A luz é dada antes de qualquer relação"
6. 2.1 · Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I, "Prática" · "onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?"
7. 2.1 · Tratado da Luz Interior, "Objeção provável e resposta breve" · "plenamente presente e, ainda assim, encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias"
8. 2.1 · Tratado da Luz Interior, "Fundamentação" · "em aberto, respeitando a independência confessional"
9. 2.2 · Ficha do Estudo III, Ficha de outubro de 2026 · "misericórdia e graça: falhar não apaga a luz"

10. 2.2 · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “Falhar na regra não apaga a luz. Recomeça-se no dia seguinte, sem drama. O rio não pune a folha que parou numa margem; ele a retoma”

11. 2.2 · Decisão n.º 4 de 17/10/2026 · “a mão que retoma [...] é o rio — o Flumen —, não o Abrigo. A retomada é pertencimento, e não depende de outra pessoa”

12. 2.2 · Disputatio, 3, “Respondeo” · “reflexivo — falar a quem falhou consigo mesmo”

13. 2.3 · Ficha do Estudo III, Ficha de outubro de 2026 · “vinde a mim os cansados”

14. 2.3 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “o Abrigo diz o que oferecemos a quem chega até nós”; “se compromete a ser lugar seguro no rio: braços onde o cansado descansa, casa para quem está cansado de estar só”; “Sê casa para o outro”

15. 2.3 · Decisão n.º 3 de 19/10/2026, Estudo VIII · “o Abrigo revela e nada exige”

16. 2.3 · Decisão n.º 1 de 19/10/2026, Estudo VIII · “há uma luz devida ao outro antes de qualquer pacto”

17. 2.3 · Catecismo, 36 · “há uma luz devida ao outro”

18. 2.3 · Catecismo, 31 · “o olhar do outro não a cria”

19. 2.4 · Ficha do Estudo III, Ficha de outubro de 2026 · “silêncio respeitoso”

20. 2.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II · “Ninguém começa do zero. Somos herdeiros de gerações e civilizações inteiras — e ancestrais de quem virá”

21. 2.4 · Cânon v1.2, “Regra de Vida” · “gratidão a alguém do passado que tornou o dia possível”; “uma ação concreta voltada a quem vem depois: ensinar algo, documentar algo, plantar algo”

22. 2.4 · Decisão n.º 7 de 23/10/2026, Estudo IX · “a gratidão do Examinar é o lugar da dívida aos mortos”

23. 2.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV, “Princípio” · “A transcendência passa pela matéria. O corpo, o lugar, o ritmo — os ‘tijolos do templo’ — não são obstáculos ao espírito: são seu instrumento”

24. 2.5 · Decisão n.º 6 de 23/10/2026, Estudo X · “o corpo não encobre a luz”

25. 2.5 · Tratado da Luz Interior, “Síntese” · “celebrar na carne”

26. 2.6 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “A Vigília promete presença, não vitória: ninguém ficará sem luz dentro da noite”; “vela: recusa-se a apagar. Não vence o escuro do quarto — cria dentro dele um círculo de claridade onde se pode estar”; “o mal que ninguém causou”

27. 2.6 · Tratado da Vigília, “Definição” · “Velar não é vigiar nem esperar. Quem vigia guarda-se do que virá; quem espera conta com o que virá; quem vela não faz depender a luz do que virá — permanece desperto no escuro”

28. 2.6 · Decisão n.º 2 de 19/10/2026, Estudo VIII · “A Vigília nasce da luz de quem vela”

29. 2.7 · Cânon v1.2, “Regra de Vida” · “Encerrar com gratidão a alguém do passado que tornou o dia possível”

30. 2.7 · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “Não é o exame de um juiz severo, contando pontos negativos. É mais parecido com quem revisita o rio percorrido no dia”; “em voz baixa ou numa frase escrita”

31. 2.8 · Ficha do Estudo III, Ficha de outubro de 2026 · “sem culto: regra pessoal, não rito eclesial”

32. 2.8 · Cânon v1.2, “Regra de Vida” · “a mudança deliberada”; “idealmente com outros”; “Meio dia sem produzir nada. Só ser. A luz não precisa provar que existe”

33. 2.8 · Catecismo, 42 · “A regra serve à vida, não o contrário”

34. 2.8 · Decisão n.º 8 de 31/10/2026, Estudo XI · “o sabbath do fluxo é um não-ato: não é contemplação, e não há graus de vida que sejam graus de pessoa”

35. 2.9 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “seja qual for o nome que cada um lhe dê”

36. 2.9 · Tratado das Águas Comuns, “Síntese” · “O Flumen, que no Pilar II é o que se recebe, é aqui o que se deve”

37. 2.9 · Decisão n.º 6 de 23/10/2026, Estudo IX · “O ‘há perdão’ de Ricoeur pode ser lido ao lado da Luz sem nome, sem opor nem reduzir uma coisa à outra, e sem que isso seja nomear”

Capítulo 3 — Onde nos separamos

O CRISTIANISMO

1. 3.1 · Gn 1,27, ARA · “Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” · «וַיִּבְרָא אֱלֹהִים | אֶת־הָאָדָם בְּצַלְמוֹ בְּצֶלֶם אֱלֹהִים בָּרָא אֹתוֹ זָכָר וּנְקֵבָה בָּרָא אֹתָם» · [V-he; V-gr: Septuaginta; V-pt: ARA]

2. 3.2 · Jo 1,9, ARA · “a verdadeira luz” · «τὸ φῶς τὸ ἀληθινόν» · [V-gr; V-pt: ARA]

3. 3.2 · Jo 8,12, ARA · “Eu sou a luz do mundo” · «Ἐγώ εἰμι τὸ φῶς τοῦ κόσμου» · [V-gr; V-pt: ARA]

4. 3.2 · Mt 5,14-16, ARA · “Vós sois a luz do mundo [...] no velador [...] debaixo do alqueire” · «Ὑμεῖς ἐστε τὸ φῶς τοῦ κόσμου [...] ἐπὶ τὴν λυχνίαν [...] ὑπὸ τὸν μόδιον» · [V-gr; V-pt: ARA]

5. 3.2 · Lc 11,35, ARA · “Repara, pois, que a luz que há em ti não sejam trevas” · «σκόπει οὖν μὴ τὸ φῶς τὸ ἐν σοὶ σκότος ἐστίν» · [V-gr; V-pt: ARA]

6. 3.3 · Ef 2,8-9, ARA · “é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” · «θεοῦ τὸ δῶρον· οὐκ ἐξ ἔργων, ἵνα μή τις καυχήσηται» · [V-gr; V-pt: ARA]

7. 3.3 · Mt 18,22, ARA · “setenta vezes sete” · «ἑβδομηκοντάκις ἑπτά» · [V-gr; V-pt: ARA]

8. 3.4 · Rm 7,19, ARA · “o mal que não quero, esse faço” · «ὃ οὐ θέλω κακὸν τοῦτο πράσσω» · [V-gr; V-pt: ARA]

9. 3.4 · Rm 7,24, ARA · “Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” · «ταλαίπωρος ἐγὼ ἄνθρωπος· τίς με ῥύσεται ἐκ τοῦ σώματος τοῦ θανάτου τούτου;» · [V-gr; V-pt: ARA]

10. 3.4 · 1Cor 15,22, ARA · “assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo” · «ὥσπερ γὰρ ἐν τῷ Ἀδὰμ πάντες ἀποθνήσκουσιν, οὕτως καὶ ἐν τῷ Χριστῷ πάντες ζῳοποιηθήσονται» · [V-gr; V-pt: ARA]

11. 3.4 · Rm 5,12, ARA · “porque todos pecaram” · «ἐφ᾽ ᾧ πάντες ἥμαρτον» · [V-gr; V-pt: ARA]

12. 3.5 · Mt 11,28, ARA · “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” · «Δεῦτε πρός με πάντες οἱ κοπιῶντες καὶ πεφορτισμένοι, κἀγὼ ἀναπαύσω ὑμᾶς» · [V-gr; V-pt: ARA]

13. 3.5 · Lc 10,36, ARA · “Qual destes três te parece ter sido o próximo” · «τίς τούτων τῶν τριῶν πλησίον δοκεῖ σοι γεγονέναι» · [V-gr; V-pt: ARA]

14. 3.5 · 1Jo 4,19-20, ARA · “Nós amamos porque ele nos amou primeiro [...] a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê” · «ἡμεῖς ἀγαπῶμεν, ὅτι αὐτὸς πρῶτος ἠγάπησεν ἡμᾶς [...] τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ ὃν ἑώρακεν, τὸν θεὸν ὃν οὐχ ἑώρακεν οὐ δύναται ἀγαπᾶν» · [V-gr; V-pt: ARA]

15. 3.5 · Fl 2,7, ARA · “a si mesmo se esvaziou” · «ἑαυτὸν ἐκένωσεν» · [V-gr; V-pt: ARA]

16. 3.5 · Is 53,4.6, ARA · “tomou sobre si as nossas enfermidades [...] o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos” · «אָכֵן חֳלָיֵנוּ הוּא נָשָׂא [...] וַיהוָה הִפְגִּיעַ בּוֹ אֵת עֲוֹן כֻּלָּנוּ» · [V-he; V-pt: ARA]

17. 3.6 · Mt 5,44-45, ARA · “amai os vossos inimigos [...] para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste” · «ἀγαπᾶτε τοὺς ἐχθροὺς ὑμῶν [...] ὅπως γένησθε υἱοὶ τοῦ πατρὸς ὑμῶν τοῦ ἐν οὐρανοῖς» · [V-gr; V-pt: ARA]

18. 3.6 · Lc 23,34, ARA · “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” · «Πάτερ, ἄφες αὐτοῖς, οὐ γὰρ οἴδασιν τί ποιοῦσιν» · [V-gr; V-pt: ARA]

19. 3.7 · Mt 26,38, ARA · “vigiai comigo” · «γρηγορεῖτε μετ᾽ ἐμοῦ» · [V-gr; V-pt: ARA]

20. 3.7 · Mt 25,13, ARA · “porque não sabeis o dia nem a hora” · «ὅτι οὐκ οἴδατε τὴν ἡμέραν οὐδὲ τὴν ὥραν» · [V-gr; V-pt: ARA]

21. 3.7 · Mt 27,46, ARA · “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” · «Θεέ μου θεέ μου, ἱνατί με ἐγκατέλιπες;» · [V-gr; V-pt: ARA]

22. 3.7 · Rm 8,28, ARA · “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus” · «Οἴδαμεν δὲ ὅτι τοῖς ἀγαπῶσι τὸν θεὸν πάντα συνεργεῖ εἰς ἀγαθόν» · [V-gr; V-pt: ARA]

23. 3.7 · Gn 22,12, ARA · “Não estendas a mão sobre o rapaz” · «אַל־תִּשְׁלַח יָדְךָ אֶל־הַנַּעַר» · [V-he; V-pt: ARA]

24. 3.7 · Hb 11,19, ARA · “considerou que Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos” · «λογισάμενος ὅτι καὶ ἐκ νεκρῶν ἐγείρειν δυνατὸς ὁ θεός» · [V-gr; V-pt: ARA]

25. 3.8 · 1Cor 15,14, ARA · “se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé” · «εἰ δὲ Χριστὸς οὐκ ἐγήγερται, κενὸν ἄρα τὸ κήρυγμα ἡμῶν, κενὴ καὶ ἡ πίστις ὑμῶν» · [V-gr; V-pt: ARA]

26. 3.8 · Ap 21,4, ARA · “lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá” · «καὶ ἐξαλείψει πᾶν δάκρυον ἐκ τῶν ὀφθαλμῶν αὐτῶν, καὶ ὁ θάνατος οὐκ ἔσται ἔτι» · [V-gr; V-pt: ARA]

27. 3.8 · Hb 12,1, ARA · “temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas” · «τοσοῦτον ἔχοντες περικείμενον ἡμῖν νέφος μαρτύρων» · [V-gr; V-pt: ARA]

28. 3.9 · Rm 2,15, ARA · “testemunhando-lhes também a consciência” · «συμμαρτυρούσης αὐτῶν τῆς συνειδήσεως» · [V-gr; V-pt: ARA]

29. 3.11 · Jo 14,6, ARA · “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” · «Ἐγώ εἰμι ἡ ὁδὸς καὶ ἡ ἀλήθεια καὶ ἡ ζωή· οὐδεὶς ἔρχεται πρὸς τὸν πατέρα εἰ μὴ δι᾽ ἐμοῦ» · [V-gr; V-pt: ARA]

30. 3.11 · At 4,12, ARA · “E não há salvação em nenhum outro” · «καὶ οὐκ ἔστιν ἐν ἄλλῳ οὐδενὶ ἡ σωτηρία» · [V-gr; V-pt: ARA]

31. 3.11 · Mt 25,46, ARA · “E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna” · «καὶ ἀπελεύσονται οὗτοι εἰς κόλασιν αἰώνιον, οἱ δὲ δίκαιοι εἰς ζωὴν αἰώνιον» · [V-gr; V-pt: ARA]

32. 3.12 · Gl 3,28, ARA · “Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” · «οὐκ ἔνι Ἰουδαῖος οὐδὲ Ἕλλην, οὐκ ἔνι δοῦλος οὐδὲ ἐλεύθερος, οὐκ ἔνι ἄρσεν καὶ θῆλυ· πάντες γὰρ ὑμεῖς εἷς ἐστε ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ» · [V-gr; V-pt: ARA]

33. 3.12 · 1Tm 2,12, ARA · “não permito que a mulher ensine, nem exerça autoridade de homem” · «διδάσκειν δὲ γυναικὶ οὐκ ἐπιτρέπω, οὐδὲ αὐθεντεῖν ἀνδρός» · [V-gr; V-pt: ARA]

34. 3.12 · Fm 16, ARA · “não como escravo; antes, muito acima de escravo, como irmão caríssimo” · «οὐκέτι ὡς δοῦλον ἀλλὰ ὑπὲρ δοῦλον, ἀδελφὸν ἀγαπητόν» · [V-gr; V-pt: ARA]

35. 3.12 · Ef 6,5, ARA · “Quanto a vós outros, servos, obedecei a vosso senhor segundo a carne com temor e tremor” · «Οἱ δοῦλοι, ὑπακούετε τοῖς κατὰ σάρκα κυρίοις μετὰ φόβου καὶ τρόμου» · [V-gr; V-pt: ARA]

A TRADIÇÃO

1. 3.1 · Ricoeur, *Fé e filosofia*, ed. espanhola (Buenos Aires: Prometeo/UCA, 2008), p. 95 · “não é monocórdica, mas polifônica” · «no es monocorde sino polifónica» · [V-es via Estudo IX, 4.3; tradução do estudo]

2. 3.3 · Arendt, *A condição humana*, §33, pp. 238–239 · “não deriva de Deus” · «does not derive from God» · [V-en; tradução do estudo]

3. 3.5 · Levinas, *Entre nós*, Vozes, pp. 92–93 (pelo Estudo VIII, 4.3) · “O si é a passividade aquém da identidade, passividade do refém. [...] Ser eu é sempre ter uma responsabilidade a mais” · «—» · [V-pt]

4. 3.6 · Ricoeur, *O justo*, ed. espanhola (*Lo justo*, Santiago: Editorial Jurídica de Chile, 1997), pp. 204–205 · “nunca é devido” · «el perdón nunca es debido» · [V-es via Estudo IX, 1.6; tradução do estudo]

5. 3.7 · Bonhoeffer, carta de 16/7/1944 · “só o Deus que sofre pode ajudar” · «—» · [V via secundária: Kamphuis; original alemão não conferido; tradução do estudo]

6. 3.7 · Juan de la Cruz, *Noite escura*, II, 5, 1 · “um influxo de Deus na alma, que a purifica” · «an inflowing of God into the soul, which purges it» · [V-en: Peers; tradução do estudo]

7. 3.9 · Concílio Vaticano II, *Gaudium et spes*, n.º 16 · “A consciência é o centro mais secreto e o santuário do homem, no qual se encontra a sós com Deus [...]” · «Conscientia est nucleus secretissimus atque sacrarium hominis, in quo solus est cum Deo» · [V-pt: Vaticano]

8. 3.9 · Newman, *Carta ao Duque de Norfolk*, §5 · “a consciência é a voz de Deus na natureza e no coração do homem” · «the voice of God in the nature and heart of man» · [V-en; tradução do estudo]

9. 3.10 · Inácio de Loyola, *Exercícios espirituais*, n. 43 · “O primeiro ponto é dar graças a Deus nosso Senhor pelos benefícios recebidos. [...] O quarto, pedir perdão a Deus nosso Senhor das faltas” · «El primer puncto es dar gracias a Dios nuestro Señor por los beneficios rescibidos. [...] pedir perdón a Dios nuestro Señor de las faltas» · [V-es via secundária: Reig Pla; tradução do estudo; edição Loyola não aberta]

10. 3.10 · Bento, *Regra*, 4 · “confessar a Deus cada dia [...] os males passados” · «Mala sua praeterita cum lacrimis vel gemitu cotidie in oratione Deo confiteri» · [V-la; tradução do estudo; edição Lumen Christi não aberta]

11. 3.11 · Calvino, *Institutas*, III, 21, 5 · “alguns são preordenados para a vida eterna, outros para a condenação eterna” · «some are preordained to eternal life, others to eternal damnation» · [V-en: Beveridge; tradução do estudo]

12. 3.11 · Agostinho, *Enquirídio*, 27 (via Estudo XII) · “massa condenada” · «totius humani generis massa damnata» · [V-la; tradução do estudo]

13. 3.11 · Orígenes, *Dos princípios*, III, 6 · “a restauração perfeita de toda a criação” · «the perfect restoration of the whole of creation» · [V-en: Crombie; tradução do estudo]

14. 3.11 · Gregório de Nissa, *Sobre a criação do homem*, 16 · “uma só imagem daquele que é” · «one image of Him Who is» · [V-en: Wilson; tradução do estudo]

15. 3.11 · Concílio Vaticano II, *Lumen gentium*, 16 · “também eles podem alcançar a salvação eterna” · «—» · [V-pt: Vaticano]

O CÂNON E OS ESCRITOS

1. 3.1 · Decisão n.º 3 de 17/10/2026, Estudo VII · “dada antes de qualquer relação”
2. 3.1 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “Para quem crê, a Luz tem nome próprio: para o cristão, é o próprio Deus [...] A filosofia não decide isso por ninguém”
3. 3.1 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto”
4. 3.1 · Catecismo, 27 · “Não é preciso nenhum nome religioso para ser fiel à luz”
5. 3.1 · Ficha do Estudo III, de outubro de 2026 (Dignidade anterior ao mérito) · “é a grande escola dessa intuição”
6. 3.2 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “A luz não se acende — ela se revela”
7. 3.2 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “pode estar plenamente presente e, ainda assim, encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias”
8. 3.3 · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “Falhar na regra não apaga a luz [...] ele a retoma”
9. 3.3 · Disputatio, 3, “Respondeo” · “reflexivo — falar a quem falhou consigo mesmo, para que não desista da própria luz por causa do próprio erro”
10. 3.4 · Catecismo, 8 · “Quem diz uma coisa e vive outra vive dividido”
11. 3.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II · “herdeiros de gerações e civilizações inteiras — e ancestrais de quem virá”
12. 3.4 · Decisão n.º 4 de 23/10/2026, Estudo IX · “antes de qualquer história”
13. 3.5 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “se compromete a ser lugar seguro no rio”
14. 3.5 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “Sê casa para o outro”
15. 3.5 · Decisão n.º 3 de 19/10/2026, Estudo VIII · “o Abrigo revela e nada exige”
16. 3.5 · Catecismo, 36 · “há uma luz devida ao outro”
17. 3.5 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “devo ao rio o próprio fluxo”
18. 3.5 · Decisão n.º 4 de 19/10/2026, Estudo VIII · “O Abrigo não vai até a substituição. O limite é a Bússola: ser casa para o outro nunca pede que a luz própria se apague”
19. 3.6 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “O lobo é o mal que alguém inflige — diante dele não se vela: resiste-se, e deve-se justiça, porque há uma luz devida ao outro”
20. 3.6 · Catecismo, 36 · “resiste-se, e deve-se justiça, porque há uma luz devida ao outro”
21. 3.6 · Disputatio, 3, “Respondeo” · “A Misericórdia cobre bem o fracasso próprio; não cobre, ainda, o que se deve à vítima do fracasso alheio”
22. 3.7 · Tratado da Vigília, “Definição” · “Velar não é vigiar nem esperar”
23. 3.7 · Tratado da Vigília, “Definição” · “esperança, que olha para uma manhã que a luz não promete”
24. 3.7 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “promete presença, não vitória”
25. 3.7 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “o mal que ninguém causou”

26. 3.7 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII · “não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua”

27. 3.7 · Decisão n.º 7 de 03/11/2026, Estudo II · “para as casas que virão”

28. 3.8 · Ficha do Estudo III, de outubro de 2026 (Fidelidade intra-histórica) · “sobre o depois do rio, silêncio respeitoso”

29. 3.8 · Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve” · “uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer”

30. 3.8 · Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve” · “poderá ler uma manhã na fé que professa”

31. 3.8 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “a luz de cada um, entregue às águas de todos — e por elas levada mais longe do que qualquer um iria sozinho”

32. 3.8 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “o silêncio à beira d’água”

33. 3.9 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “A Bússola não escolhe os caminhos por ninguém; ela apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los”

34. 3.9 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “eu sem a minha luz sou uma mentira”

35. 3.9 · Decisão n.º 7 de 23/10/2026, Estudo X · “O veto da Bússola é a própria Luz na pessoa, sem voz externa”

36. 3.9 · Decisão n.º 5 de 23/10/2026, Estudo IX · “o nome que a fé lhe dá”

37. 3.10 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou? Cinco minutos bastam”

38. 3.10 · Cânon v1.2, “Regra de Vida” · “com gratidão a alguém do passado que tornou o dia possível”

39. 3.10 · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “o exame de um juiz severo”

40. 3.10 · Ficha do Estudo III, de outubro de 2026 (Sem culto) · “sem culto: regra pessoal, não rito eclesial”

41. 3.10 · Cânon v1.2, “Regra de Vida” · “a regra serve à vida, não o contrário”

42. 3.11 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “cada pessoa”

43. 3.11 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “Lumen Fluens não pertence a nenhuma religião oficial — e não exclui nenhuma”

44. 3.11 · Catecismo, 28 · “Não precisa”

45. 3.11 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XII · “nenhuma pessoa está fora da Lux; nenhuma massa nem número a reparte, e o nome fica com quem a carrega”

46. 3.12 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “cada pessoa”

47. 3.13 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “anterior a qualquer conquista ou circunstância”

48. 3.13 · Tratado da Luz Interior, “Síntese” · “a dignidade precede o mérito”

49. 3.13 · Ficha do Estudo III, de outubro de 2026 (Dignidade anterior ao mérito) · “a grande escola”

50. 3.13 · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “Falhar na regra não apaga a luz”

51. 3.13 · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “o exame de um juiz severo”

52. 3.13 · Disputatio, 3, “Respondeo” · “o afogamento não é a medida final do que essa pessoa era”

Capítulo 4 — O cristianismo diante das casas da série

O CRISTIANISMO

1. 4.1 · Jo 1,14, SBLGNT; ARA · “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” · «Καὶ ὁ λόγος σὰρξ ἐγένετο καὶ ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν» · [V-gr; V-pt: ARA]
2. 4.2 · Fl 2,7, SBLGNT; ARA · “a si mesmo se esvaziou” · «ἀλλὰ ἑαυτὸν ἐκένωσεν» · [V-gr; V-pt: ARA]
3. 4.3 · Mt 18,33, SBLGNT; ARA · “não devias tu, igualmente, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti?” · «οὐκ ἔδει καὶ σὲ ἐλεῆσαι τὸν σύνδουλόν σου, ὡς κἀγὼ σὲ ἠλέησα;» · [V-gr; V-pt: ARA]
4. 4.4 · Agostinho, *Confissões*, VII, 9, 13–14, pelo Estudo X, 4.2 · “certos livros dos platônicos, traduzidos do grego para o latim”; “não com estas palavras, mas inteiramente o mesmo”; “Mas que o Verbo se fez carne e habitou entre nós, isso não li ali” · «—» · [V-la via Estudo X, 4.2; tradução do estudo]
5. 4.4 · Agostinho, *Confissões*, VII, 20, 26, pelo Estudo X, 4.2 · “onde estava aquela caridade que edifica sobre o fundamento da humildade, que é Cristo Jesus?” · «—» · [V-la via Estudo X, 4.2; tradução do estudo]
6. 4.4 · Justino, *Segunda Apologia*, 13, *Ante-Nicene Fathers*, pelo Estudo X, 4.2 · “não porque as doutrinas de Platão sejam diferentes das de Cristo, mas porque não são em tudo semelhantes” · «—» · [V-en via Estudo X, 4.2; tradução do estudo]
7. 4.5 · Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, I-II, q. 55, a. 1, pelo Estudo XI, 4.2 · “denota uma certa perfeição de uma potência”; “portanto as virtudes humanas são hábitos” · «virtus nominat quandam potentiae perfectionem» · [V-la via Estudo XI, 4.2; tradução do estudo]
8. 4.5 · Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, I, q. 84, a. 5, pelo Estudo XII, 4.1 · o lume do intelecto como semelhança recebida da luz incriada · «lumen intellectuale [...] nihil est aliud quam quaedam participata similitudo luminis increati» · [V-la via Estudo XII, 4.1; paráfrase]
9. 4.5 · Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, II-II, q. 23, a. 1 · “uma certa amizade do homem com Deus” · «quaedam amicitia hominis ad Deum» · [V-la; tradução do estudo]
10. 4.5 · Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, I, q. 93, a. 4 · os três graus da imagem · «—» · [V-la; paráfrase]
11. 4.5 · Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, I, q. 93, a. 4, ad 1 · mulher e varão · «—» · [V-la; paráfrase]
12. 4.6 · Agostinho, *Confissões*, III, 6, 11 · “tu, porém, eras mais interior do que o meu íntimo” · «interior intimo meo» · [V-la; tradução do estudo]
13. 4.6 · Agostinho, *De magistro*, XI, 38 · “aquele que se diz habitar no homem interior, Cristo” · «qui in interiore homine habitare dictus est Christus» · [V-la; tradução do estudo]
14. 4.6 · Agostinho, *Confissões*, X, 29, 40 · o pedido que supõe o dom no mandamento · «—» · [paráfrase]
15. 4.6 · Agostinho, *Sobre a correção e a graça*, 13, 39, pelo Estudo XII, 1.11 · o número dos eleitos “é certo, e não deve ser aumentado nem diminuído” · «certus est numerus electorum [...]» · [V-la via Estudo XII, 1.11; tradução do estudo]
16. 4.6 · Agostinho, *A cidade de Deus*, XIV, 3 · a carne não é a causa do pecado da alma · «nec caro corruptibilis animam peccatricem» · [V-la; paráfrase]
17. 4.6 · Agostinho, *Confissões*, I, 1, 1, pelo Estudo XII, 3.5 · “até que repouse em ti” · «donec requiescat in te» · [V-la via Estudo XII, 3.5; tradução do estudo]

18. 4.8 · Tertuliano, *Sobre a alma*, XX, 1, pelo Estudo II, 4.5 · "tantas vezes dos nossos" · «Seneca saepe noster» · [V-la; V-en: Holmes, via Estudo II, 4.5]

19. 4.8 · Agostinho, *A cidade de Deus*, IX, 5 · "o que é a misericórdia senão certa compaixão, em nosso coração, pela miséria alheia, pela qual somos movidos a socorrer, se podemos?" · «Quid est autem misericordia nisi alienae miseriae quaedam in nostro corde compassio, qua utique, si possumus, subvenire compellimur?» · [V-la; tradução do estudo]

20. 4.8 · Gregório de Nissa, *Homilia 4 sobre o Eclesiastes* · o preço da imagem de Deus · «—» · [paráfrase]

21. 4.9 · *Nostra aetate*, n.º 2, Vaticano · "um raio da verdade que ilumina todos os homens" · «—» · [V-pt: Vaticano]

A TRADIÇÃO

1. 4.1 · Hegel, *Lições sobre a Filosofia da Religião*, parte III, pelo Estudo VII, 4.3 · "Um espírito que não é manifesto não é espírito" · «—» · [V-de via Estudo VII, 4.3; tradução do estudo]

2. 4.1 · Hegel, *Fenomenologia do espírito*, §759, pelo Estudo VII, 4.3 · a Encarnação como conteúdo da religião · «—» · [V-de via Estudo VII, 4.3; paráfrase]

3. 4.1 · Hegel, *Lições sobre a Filosofia da História*, pelo Estudo VII, 4.3 · "no espírito vivo, em vós mesmos"; "no túmulo entre os mortos" · «—» · [V-de via Estudo VII, 4.3; tradução do estudo]

4. 4.1 · Hegel, *Lições sobre a História da Filosofia*, Introdução, pelo Estudo VII, 4.3 · "e quero continuar sendo" · «—» · [V-de via Estudo VII, 4.3; tradução do estudo]

5. 4.1 · Kierkegaard (Johannes Climacus), *Pós-escrito conclusivo não científico às Migalhas filosóficas*, 1846, pelo Estudo VII, 4.3 · "a especulação não deve chamar-se cristã" · «—» · [V-da via Estudo VII, 4.3; tradução do estudo]

6. 4.2 · Levinas, "Um Deus homem?", *Entre nós*, p. 84, pelo Estudo VIII, 4.3 · "Não tenho a ousadia de me meter num assunto interdito a quem não compartilha sua fé" · «—» · [V-pt via Estudo VIII, 4.3]

7. 4.2 · Levinas, "Um Deus homem?", *Entre nós*, p. 85, pelo Estudo VIII, 4.3 · "humildade de Deus"; "indispensável à compreensão da subjetividade"; "Tenho certeza de que esta medida será julgada insuficiente pelo cristão que crê" · «—» · [V-pt via Estudo VIII, 4.3]

8. 4.2 · Levinas, "Filosofia, justiça e amor", *Entre nós*, p. 151, pelo Estudo VIII, 4.3 · "Não digo que outrem é Deus, mas que, em seu Rosto, entendo a Palavra de Deus" · «—» · [V-pt via Estudo VIII, 4.3]

9. 4.2 · Levinas, "O sofrimento inútil", *Entre nós*, p. 138, pelo Estudo VIII, 1.10 · "a justificação da dor do próximo é, certamente, a fonte de toda imoralidade" · «—» · [V-pt via Estudo VIII, 1.10]

10. 4.3 · Ricoeur, *Autobiografia intelectual*, ed. espanhola, Buenos Aires: Nueva Visión, 2007, p. 84, pelo Estudo IX, 4.3 · "de onde vem a voz da consciência" · «de dónde viene la voz de la conciencia» · [V-es via Estudo IX, 4.3; tradução do estudo]

11. 4.3 · Ricoeur, *Autobiografia intelectual*, ed. espanhola, p. 84, pelo Estudo IX, 4.3 · "minha filosofia sem absoluto e minha fé bíblica mais nutrida de exegese do que de teologia" · «mi filosofía sin absoluto y mi fe bíblica más nutrida de exégesis que de teología» · [V-es via Estudo IX, 4.3; tradução do estudo]

12. 4.3 · Ricoeur, *Fé e filosofia*, ed. espanhola, Buenos Aires: Prometeo/UCA, 2008, p. 95 · "não é monocórdica, mas polifônica" · «no es monocorde sino polifónica» · [V-es via Estudo IX, 4.3; tradução do estudo]

13. 4.3 · Ricoeur, *Fé e filosofia*, ed. espanhola, p. 197 · “é perfeitamente inútil opor Jerusalém a Atenas” · «Es perfectamente inútil oponer Jerusalén a Atenas» · [V-es via Estudo IX, 4.3; tradução do estudo]

14. 4.3 · Ricoeur, *O si-mesmo como um outro*, Prólogo, ed. espanhola, México/Madrid: Siglo XXI, 1996, p. XXXIX · “economia do dom de caráter meta-ético” · «una economía del don de carácter metaético» · [V-es via Estudo IX, 4.3; tradução do estudo]

15. 4.3 · Ricoeur, *O justo*, ed. espanhola, pp. 204–205, pelo Estudo IX, 1.6 · em termos absolutos só a vítima pode conceder o perdão · «—» · [V-es via Estudo IX, 1.6; paráfrase]

16. 4.7 · Arendt, *A condição humana*, §33, Chicago, p. 238, pelo Estudo XIII, 1.6 · “num contexto religioso e a ter articulado em linguagem religiosa não é razão para levá-la menos a sério em sentido estritamente secular” · «—» · [V-en via Estudo XIII, 1.6; tradução do estudo]

17. 4.7 · Arendt, *A vida do espírito*, II, Paidós, p. 297, pelo Estudo XIII, 4.4 · “os dois não são amigos ou companheiros; estão em constante luta entre si” · «no son amigos o compañeros; están en constante lucha» · [V-es via Estudo XIII, 4.4; tradução do estudo]

18. 4.8 · Pascal, *Conversa com o senhor de Saci*, inglês de Wight, 1909, pelo Estudo II, 4.7 · “orgulho diabólico” · «—» · [V-en: Wight, via Estudo II, 4.7; tradução do estudo]

19. 4.8 · Sêneca, *Sobre a providência*, 5, 6, pelo Estudo II, 4.7 · “não sirvo a deus, assinto” · «non pareo deo sed adsentior» · [V-la via Estudo II, 4.7; tradução do estudo]

20. 4.9 · Nāgārjuna, *Mūlamadhyamakakārikā*, XXVII, 30, trad. Garfield, pelo Estudo I, 4.8 · “que por compaixão ensinou a doutrina verdadeira” · «—» · [V-skt; V-en: Garfield, via Estudo I, 4.8; tradução do estudo]

21. 4.9 · *Majjhima Nikāya*, 63, 7–8, pelo Estudo I, 4.8 · “ligados ao fim” · «atthasaṁhitaṁ» · [V-pi via Estudo I, 4.8; tradução do estudo]

22. 4.9 · Merton, *Mystics and Zen Masters*, 1967 · obra nomeada, sem tese atribuída · «—» · [tese a confirmar; página a confirmar]

23. 4.9 · Thich Nhat Hanh, *Living Buddha, Living Christ*, 1995 · obra nomeada, sem tese atribuída · «—» · [tese a confirmar; página a confirmar]

24. 4.10 · Abhishiktananda, *Saccidananda*, 1974 · obra nomeada, sem tese atribuída · «—» · [tese a confirmar; página a confirmar]

25. 4.10 · Panikkar, *The Unknown Christ of Hinduism*, 1964 · obra nomeada, sem tese atribuída · «—» · [tese a confirmar; página a confirmar]

O CÂNON E OS ESCRITOS

1. 4.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “ela se revela”

2. 4.1 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “deliberadamente deixa em aberto”

3. 4.1 · Decisão n.º 1 de 17/10/2026, Estudo VII · “aceita a dialética como método de crescimento doutrinal e a recusa como teodiceia”

4. 4.2 · Decisão n.º 10 de 19/10/2026, Estudo VIII · a Ficha será revista para receber a quenose e a substituição

5. 4.2 · Decisão n.º 4 de 19/10/2026, Estudo VIII · o limite fixado (texto em 3.5)

6. 4.2 · Decisão n.º 8 de 19/10/2026, Estudo VIII · princípio de Levinas adotado como princípio declarado

7. 4.2 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · quem crê diz que a Luz é Deus; o cânon não a nomeia

8. 4.2 · Decisão n.º 9 de 23/10/2026, Estudo X · o esvaziamento do Filho não entra como leitura do cânon
9. 4.3 · Decisão n.º 12 de 23/10/2026, Estudo IX · "a polifonia da nominação, o ágape como economia do dom, Jerusalém e Atenas"
10. 4.3 · Tratado das Águas Comuns, "Fundamentação" · "entra como material, não como doutrina"
11. 4.3 · Decisão n.º 6 de 23/10/2026, Estudo IX · "sem opor nem reduzir uma coisa à outra, e sem que isso seja nomear"
12. 4.3 · Decisão n.º 3 de 23/10/2026, Estudo IX · a Regra da Misericórdia continua reflexiva
13. 4.3 · Cânon v1.2, "Independência confessional" · a "consciência mais funda"
14. 4.3 · Tratado das Águas Comuns, "Fundamentação" · a luz "dada"
15. 4.4 · Decisão n.º 3 de 23/10/2026, Estudo X · "o sol é estrutura; o Bem não é nome da Luz"
16. 4.4 · Decisão n.º 2 de 31/10/2026, Estudo XII · "é estrutura, e nunca nome da Luz"
17. 4.4 · Decisão n.º 9 de 23/10/2026, Estudo X · o esvaziamento do Filho não entra
18. 4.5 · Tratado da Luz Interior, "Fundamentação" · "dorme, adoece, esquece, fracassa — e permanece pessoa inteira"
19. 4.5 · Tratado da Luz Interior, "Objeção provável e resposta breve" · "por hábito"
20. 4.5 · Decisão n.º 3 de 31/10/2026, Estudo XI · "admite um hábito que revela a luz, e nenhum hábito a forma"
21. 4.5 · Decisão n.º 9 de 31/10/2026, Estudo XI · "o intelecto agente 'como a luz' é estrutura, nunca nome da Luz"
22. 4.5 · Decisão n.º 5 de 31/10/2026, Estudo XI · "o Abrigo não pede retorno em ponto algum"
23. 4.5 · Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I · "intrínseco"
24. 4.5 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XI · a fronteira fixada para os clássicos
25. 4.6 · Decisão n.º 1 de 31/10/2026, Estudo XII · "aceita de Agostinho o dentro e recusa a exceção"; "o nome fica fora da fórmula, com cada leitor"
26. 4.6 · Decisão n.º 3 de 31/10/2026, Estudo XII · "como herança nomeada"
27. 4.6 · Decisão n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII · a Ficha reescrita com duas linhas
28. 4.6 · Meditações Práticas, "A Regra da Misericórdia" · "quem retoma não é a sua força de vontade"
29. 4.6 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XII · "nenhuma pessoa está fora da Lux; nenhuma massa nem número a reparte, e o nome fica com quem a carrega"
30. 4.6 · Decisão n.º 8 de 31/10/2026, Estudo XII · Agostinho aliado do Corpus
31. 4.6 · Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", III · "quem o porta, navega"
32. 4.7 · Decisão n.º 11 de 31/10/2026, Estudo XIII · "o Jesus do perdão e o Paulo da vontade dividida, como Arendt os lê, entram na revisão da Ficha do Estudo III como matéria do interlocutor"
33. 4.7 · Estudo XIII, 2.8 · "A Regra desfaz o nó da falha consigo, e o perdão de Arendt o do ato entre outros" · [hipótese do Estudo XIII]
34. 4.7 · Cânon v1.2, "A Regra da Misericórdia" · "o rio não pune a folha que parou numa margem; ele a retoma"
35. 4.7 · Catecismo, 8 · "quem diz uma coisa e vive outra vive dividido"

36. 4.8 · Decisão n.º 7 de 03/11/2026, Estudo II · “a Vigília promete presença, não vitória, e o cânon não diz que a noite é prova”
37. 4.8 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII · “não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua”
38. 4.8 · Decisão n.º 1 de 03/11/2026, Estudo II · a fórmula da Stoa não diz “recusa a providência”
39. 4.8 · Decisão n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII · a separação dos usos de “misericórdia”
40. 4.8 · Decisão n.º 6 de 03/11/2026, Estudo II · a separação cobre os quatro usos
41. 4.8 · Decisão n.º 11 de 03/11/2026, Estudo II · o padrão das fronteiras estende-se à Stoa
42. 4.9 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “quem chega até nós”
43. 4.9 · Decisão n.º 4 de 19/10/2026, Estudo VIII · “não vai até a substituição”
44. 4.9 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto”
45. 4.9 · Decisão n.º 6 de 03/11/2026, Estudo I · “o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite”
46. 4.10 · Tratado das Águas Comuns, “Definição” · “pessoal, nunca individual”

Capítulo 5 — A Ficha e as prévias: o que a série já disse do cristianismo

O CRISTIANISMO

1. 5.1 · Agostinho, *Confissões*, III, 6, 11 (Nuova Biblioteca Agostiniana) · “Tu, porém, eras mais interior do que o meu íntimo e mais alto do que o meu mais alto” · «Tu autem eras interior intimo meo et superior summo meo» · [V-la; tradução do estudo]
2. 5.1 · Tomás, *Suma Teológica*, II-II, q. 23, a. 1 co. (Corpus Thomisticum) · “uma certa amizade do homem com Deus” · «caritas amicitia quaedam est hominis ad Deum» · [V-la; tradução do estudo]
3. 5.1 · Bento, *Regra*, 4 · “vigiar a cada hora os atos da própria vida” · «Actus vitae suae omni hora custodire» · [V-la; tradução do estudo]
4. 5.2 · 1Cor 6,19, Ave-Maria; grego SBL Greek New Testament (Holmes, 2010) · “o vosso corpo é templo do Espírito Santo” · «ὅτι τὸ σῶμα ὑμῶν ναὸς τοῦ ἐν ὑμῖν ἁγίου πνεύματός ἐστιν» · [V-gr; V-pt: Ave-Maria]
5. 5.4 · Mt 18,22, ARA (Almeida Revista e Atualizada, Sociedade Bíblica do Brasil); grego SBL Greek New Testament (Holmes, 2010) · “setenta vezes sete” · «ἕως ἑβδομηκοντάκις ἑπτά» · [V-gr; V-pt: ARA]
6. 5.4 · Inácio de Loyola, *Exercícios espirituais*, n. 43 (texto de Reig Pla) · “dar graças a Deus nosso Senhor pelos benefícios recebidos” · «dar gracias a Dios nuestro Señor por los beneficios rescibidos» · [V-es via secundária: Reig Pla; tradução do estudo]
7. 5.4 · Mt 26,38, ARA (Almeida Revista e Atualizada, Sociedade Bíblica do Brasil); grego SBL Greek New Testament (Holmes, 2010) · “ficai aqui e vigiai comigo” · «μείνατε ὧδε καὶ γρηγορεῖτε μετ᾽ ἐμοῦ» · [V-gr; V-pt: ARA]

O CÂNON E OS ESCRITOS

1. 5.1 · Ficha do Estudo III, outubro de 2026, primeiro toque · “Dignidade anterior ao mérito: a *imago Dei* (Gn 1,26) é a grande escola dessa intuição”
2. 5.1 · Tratado da Luz Interior, “Síntese” · “a dignidade precede o mérito”

3. 5.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância”
4. 5.1 · Decisão n.º 2 de 23/10/2026, Estudo X · “admite graus de visão, nunca de valor”
5. 5.1 · Decisão n.º 3 de 17/10/2026, Estudo VII · “A luz é dada antes de qualquer relação”
6. 5.1 · Ficha do Estudo III, outubro de 2026, segundo toque · “A luz: ‘a luz que ilumina todo homem’ (Jo 1,9); a lâmpada que não se esconde (Mt 5,14-16); Agostinho, *interior intimo meo*”
7. 5.1 · Ficha do Estudo III, outubro de 2026, terceiro toque · “Misericórdia e graça: falhar não apaga a luz”
8. 5.1 · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “Falhar na regra não apaga a luz”
9. 5.1 · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “ele a retoma”
10. 5.1 · Disputatio, 3, “Respondeo” · “seu endereço é reflexivo”
11. 5.1 · Estudo XII, 4.1 · “emparelhamento”
12. 5.1 · Ficha do Estudo III, outubro de 2026, quarto toque · “Abrigo e caridade: ‘vinde a mim os cansados’ (Mt 11,28)”
13. 5.1 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “braços onde o cansado descansa, casa para quem está cansado de estar só”
14. 5.1 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “a quem chega até nós”
15. 5.1 · Decisão n.º 3 de 19/10/2026, Estudo VIII · “o Abrigo revela e nada exige”
16. 5.1 · Catecismo, 36 · “há uma luz devida ao outro”
17. 5.1 · Ficha do Estudo III, outubro de 2026, primeira fronteira · “Estrutura vs. revelação: não nomeamos a origem da Luz — para o cristão, a Luz é Deus; a filosofia não decide por ninguém”
18. 5.1 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “Para quem crê, a Luz tem nome próprio: para o cristão, é o próprio Deus”
19. 5.1 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “A filosofia não decide isso por ninguém”
20. 5.1 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto”
21. 5.1 · Ficha do Estudo III, outubro de 2026, segunda fronteira · “Sem culto: regra pessoal, não rito eclesial”
22. 5.1 · Catecismo, 44 · “idealmente com outros”
23. 5.1 · Ficha do Estudo III, outubro de 2026, terceira fronteira · “Fidelidade intra-histórica: sobre o depois do rio, silêncio respeitoso”
24. 5.1 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “levada mais longe do que qualquer um iria sozinho”
25. 5.1 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “o silêncio à beira d’água”
26. 5.2 · Decisão n.º 10 de 19/10/2026, Estudo VIII · “A ficha do Estudo III será revista para receber a quenose e a substituição, que o cristianismo de Levinas põe no centro”
27. 5.2 · Decisão n.º 4 de 19/10/2026, Estudo VIII · “O Abrigo não vai até a substituição. O limite é a Bússola: ser casa para o outro nunca pede que a luz própria se apague”
28. 5.2 · Decisão n.º 12 de 23/10/2026, Estudo IX · “A Ficha do Estudo III recebe também o material de Ricoeur — a polifonia da nominação, o ágape como economia do dom, Jerusalém e Atenas —, como matéria do interlocutor”

29. 5.2 · Decisão n.º 8 de 31/10/2026, Estudo XII · "O corpo contra os platônicos entra na Ficha do Estudo III: *Cidade de Deus* XIV, 3 fica como aliado do Corpus. 'Só templo' fica como está"
30. 5.2 · Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", IV · "tijolos do templo"
31. 5.2 · Decisão n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII · "a linha 'Misericórdia e graça: falhar não apaga a luz', da Ficha do Estudo III, separa-se em duas — a mão que retoma, que é do rio, e a graça, que é toque do cristianismo"
32. 5.2 · Decisão n.º 11 de 31/10/2026, Estudo XIII · "o Jesus do perdão e o Paulo da vontade dividida, como Arendt os lê, entram na revisão da Ficha do Estudo III como matéria do interlocutor"
33. 5.2 · Decisão n.º 9 de 23/10/2026, Estudo X · "o esvaziamento do Filho não entra na revisão da Ficha do Estudo III"
34. 5.2 · Decisão n.º 3 de 31/10/2026, Estudo XII · "O mestre interior fica como herança nomeada: como está no Tratado da Luz Interior, dito a propósito de Agostinho; não passa a estrutura sem nome"
35. 5.2 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII · "o cânon não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua"
36. 5.2 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XII · "nenhuma pessoa está fora da Lux; nenhuma massa nem número a reparte"
37. 5.3 · Estudo VII, 4.3 · "a convergência mais profunda e a fronteira mais importante"
38. 5.3 · Estudo VIII, 4.3 · "a Luz de quem crê e o rosto do outro"
39. 5.3 · Estudo XIII, 4.4 · "o cânon não é cristão nem anticristão"
40. 5.4 · Cânon v1.2, "O Abrigo" · "Sê casa para o outro"
41. 5.4 · Tratado da Vigília, "Definição" · "Velar não é vigiar nem esperar"

Capítulo 6 — Síntese, fórmula e questões abertas

O CRISTIANISMO

1. 6.1 · Lc 11,35, ARA · "Repara, pois, que a luz que há em ti não sejam trevas" · «σκόπει οὖν μὴ τὸ φῶς τὸ ἐν σοὶ σκότος ἐστίν» · [V-gr; V-pt: ARA]
2. 6.1 · Mt 18,22, ARA · "até setenta vezes sete" · «ἕως ἑβδομηκοντάκις ἑπτά» · [V-gr; V-pt: ARA]
3. 6.1 · Lc 10,36, ARA · "o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores" · «τίς τούτων τῶν τριῶν πλησίον δοκεῖ σοι γεγονέναι τοῦ ἐμπεσόντος εἰς τοὺς λῃστάς» · [V-gr; V-pt: ARA]
4. 6.1 · Hb 12,1, ARA · "nuvem de testemunhas" · «νέφος μαρτύρων» · [V-gr; V-pt: ARA]
5. 6.2 · Ef 2,8, ARA · "Pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus" · «τῇ γὰρ χάριτί ἐστε σεσῳσμένοι διὰ πίστεως· καὶ τοῦτο οὐκ ἐξ ὑμῶν, θεοῦ τὸ δῶρον» · [V-gr; V-pt: ARA]
6. 6.2 · Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, I, q. 93, a. 4 · a imagem "em todos os homens" (ver 1.4) · «in omnibus hominibus» · [V-la; tradução do estudo]
7. 6.4 · Inácio de Loyola, *Exercícios espirituais*, n. 43 (texto de Reig Pla) · "dar graças a Deus nosso Senhor pelos benefícios recebidos" · «dar gracias a Dios nuestro Señor por los beneficios rescibidos» · [V-es via secundária: Reig Pla; tradução do estudo]

8. 6.4 · Mc 2,27, ARA · “O sábado foi estabelecido por causa do homem” · «τὸ σάββατον διὰ τὸν ἄνθρωπον ἐγένετο» · [V-gr; V-pt: ARA]
9. 6.5 · Lc 8,16, ARA · “ninguém, depois de acender uma candeia, a cobre com um vaso [...] a fim de que os que entram vejam a luz” · «οὐδεὶς δὲ λύχνον ἅψας καλύπτει αὐτὸν σκεύει [...] ἵνα οἱ εἰσπορευόμενοι βλέπωσιν τὸ φῶς» · [V-gr; V-pt: ARA]
10. 6.5 · Jo 8,12, ARA · “Eu sou a luz do mundo” · «ἐγώ εἰμι τὸ φῶς τοῦ κόσμου» · [V-gr; V-pt: ARA]
11. 6.5 · Mt 5,14, ARA · “Vós sois a luz do mundo” · «Ὑμεῖς ἐστε τὸ φῶς τοῦ κόσμου» · [V-gr; V-pt: ARA]
12. 6.5 · Gn 1,27, ARA · “à imagem de Deus” · «בְּצֶלֶם אֱלֹהִים» · [V-he; V-pt: ARA]

A TRADIÇÃO

1. 6.3 · Bonhoeffer, *Resistência e submissão*, carta de 16/7/1944 (*Dietrich Bonhoeffer Werke*, v. 8, pp. 533–534), citado em Kamphuis, *Theologia Reformata* · “só o Deus que sofre pode ajudar” · «nur der leidende Gott kann helfen» · [V via secundária: Kamphuis; original alemão não conferido; tradução do estudo]
2. 6.5 · Bonhoeffer, *Resistência e submissão*, carta de 16/7/1944 (*Dietrich Bonhoeffer Werke*, v. 8, pp. 533–534), citado em Kamphuis, *Theologia Reformata* · “só o Deus que sofre pode ajudar” · «nur der leidende Gott kann helfen» · [V via secundária: Kamphuis; original alemão não conferido; tradução do estudo]
3. 6.3 · Newman, *Carta ao Duque de Norfolk*, §5 · “a consciência é a voz de Deus na natureza e no coração do homem” · «the voice of God in the nature and heart of man» · [V-en; tradução do estudo]
4. 6.3 · Arendt, *A condição humana*, §33, Chicago, 1958, pp. 238–239 · “O descobridor do papel do perdão no domínio dos assuntos humanos foi Jesus de Nazaré” · «The Discoverer of the role of forgiveness in the realm of human affairs was Jesus of Nazareth» · [V-en via Estudo XIII, 1.6; tradução do estudo]

O CÂNON E OS ESCRITOS

1. 6.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “a luz não se acende — ela se revela”
2. 6.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “anterior a qualquer conquista ou circunstância”
3. 6.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II · “Ninguém começa do zero”
4. 6.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “tijolos do templo”
5. 6.1 · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “Falhar na regra não apaga a luz”
6. 6.1 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “a quem chega até nós”
7. 6.1 · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “em voz baixa ou numa frase escrita”
8. 6.2 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “anterior a qualquer conquista ou circunstância”
9. 6.2 · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “Falhar na regra não apaga a luz”
10. 6.2 · Tratado da Luz Interior, “Síntese” · “a dignidade precede o mérito”
11. 6.2 · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “não é o exame de um juiz severo”
12. 6.2 · Disputatio, 3, “Respondeo” · “o afogamento não é a medida final do que essa pessoa era”
13. 6.2 · Catecismo, 36 · “resiste-se, e deve-se justiça”
14. 6.2 · Decisão n.º 3 de 17/10/2026, Estudo VII · “A luz é dada antes de qualquer relação”
15. 6.2 · Decisão n.º 3 de 23/10/2026, Estudo IX · “O perdão da vítima ao lobo fica para o tratado da justiça”

16. 6.2 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII · “não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua”
17. 6.2 · Decisão n.º 5 de 31/10/2026, Estudo XIII · “O compromisso do Abrigo é a promessa dita a outro”
18. 6.2 · Decisão n.º 1 de 03/11/2026, Estudo II · “Recusa a providência” não entra, porque “o cânon não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua”
19. 6.1 · Decisão n.º 3 de 03/11/2026, Estudo I · “a Lux é de alguém”
20. 6.1 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XII · “nenhuma pessoa está fora da Lux”
21. 6.3 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “apenas veta”
22. 6.3 · Tratado da Vigília, “Definição” · “Velar não é vigiar nem esperar”
23. 6.3 · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “não é o exame de um juiz severo”
24. 6.3 · Decisão n.º 3 de 23/10/2026, Estudo IX · “O perdão da vítima ao lobo fica para o tratado da justiça”
25. 6.3 · Decisão n.º 7 de 23/10/2026, Estudo X · “O veto da Bússola é a própria Luz na pessoa, sem voz externa”
26. 6.3 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XI · “padrão para os clássicos que virão”
27. 6.3 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XII · “nenhuma pessoa está fora da Lux”; “com frase própria”
28. 6.3 · Decisão n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII · “a graça, que é toque do cristianismo”
29. 6.3 · Decisão n.º 11 de 03/11/2026, Estudo II · “o padrão das fronteiras fixadas para os clássicos estende-se à Stoa”
30. 6.4 · Cânon v1.2, “Regra de Vida” · “com gratidão a alguém do passado”
31. 6.4 · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “não é o exame de um juiz severo”
32. 6.4 · Decisão n.º 8 de 31/10/2026, Estudo XI · “O sabbath do fluxo é um não-ato”
33. 6.4 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XII · “nenhuma pessoa está fora da Lux”
34. 6.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “a luz não se acende — ela se revela”
35. 6.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Prática” · “escondida”
36. 6.5 · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “Falhar na regra não apaga a luz”
37. 6.5 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “lamparina de museu”
38. 6.5 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “levada mais longe do que qualquer um iria sozinho”
39. 6.5 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “A filosofia não decide isso por ninguém”

Bibliografia

Bibliografia

Referências em ABNT simplificada: SOBRENOME, Nome. *Título*. Tradução. Cidade: Editora, ano. A numeração é contínua e corresponde aos blocos abaixo; as notas entre colchetes dizem como cada obra chegou ao estudo. Três estados são distinguidos: **edição de consulta** (a edição que a pesquisa de fontes do estudo abriu), **intermediário** (o leitor, o site ou o Estudo anterior por cujo texto a passagem chegou) e **nomeada, não aberta** (a obra aparece no estudo, ou é a edição brasileira ou portuguesa de uma obra citada, mas nenhuma edição foi aberta; leva a marca [não aberta]). As edições brasileiras e portuguesas vêm em primeiro lugar, logo depois da Escritura em português, e as que o estudo não abriu dizem-no: onde o português de um autor é do estudo, a edição brasileira ou portuguesa fica listada para o cotejo, sem que nenhuma citação lhe seja atribuída. A Escritura entra por tradução: a Almeida Revista e Atualizada (ARA) é a tradução de todas as citações; a Ave-Maria, em cópia digital, entra só onde a divergência é o ponto; o grego é o da SBL Greek New Testament, o latim é o da Vulgata Clementina, o hebraico é o da Bíblia Hebraica. Entra aqui só o que os seis capítulos e o Prólogo citam ou nomeiam. Onde falta um dado, está escrito [dados a completar]; a cidade só aparece quando uma fonte a dá. Preferimos uma lacuna marcada a uma citação falsa.

A ESCRITURA: TRADUÇÕES EM PORTUGUÊS

1. BÍBLIA. *Almeida Revista e Atualizada* (ARA). Sociedade Bíblica do Brasil [cidade, ano e edição impressa: dados a completar]. [Edição de consulta, no texto de bibliaonline.com.br (a própria página se rotula "Almeida Revista e Atualizada"), lido em 04/11/2026, com [V-pt: ARA]: é a tradução de todas as citações bíblicas do estudo. A ARA não conta o título dos Salmos como versículo; traz "santuário" para *naos* em 1Cor 6,19, "amor" em 1Cor 13,13, "dívidas" em Mt 6,12 e "esvaziou" em Fl 2,7, e liga "vinda ao mundo" à luz em Jo 1,9.]

1. BÍBLIA. *Bíblia Ave-Maria*. Cópia digital compilada em JSON (repositório GitHub fidalgobr/bibliaAveMariaJSON, aberto em 04/11/2026); o arquivo não declara edição nem ano; os Salmos seguem a numeração da Vulgata; há remanescentes editoriais (colchetes, remissões, aspas simples). [Edição de consulta, em cópia digital não oficial, com [V-pt: Ave-Maria]; entra só onde a divergência é o ponto: Jo 1,5 ("não a compreenderam"), Fl 2,7 ("aniquilou-se a si mesmo"), Mt 6,12 ("ofensas"), 1Cor 13,13 ("caridade"), 1Cor 6,19 ("templo"), Eclo 51,31. A edição impressa não foi aberta [edição e página a confirmar].]

1. BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus [tradutores, edição e ano: dados a completar]. [não aberta; nomeada. As páginas que a têm devolveram 403 ou não a hospedam. Nenhuma citação lhe é atribuída; qualquer nota dela (por exemplo sobre Jo 1,9) é lacuna.]

1. BÍBLIA. *Tradução Ecumênica da Bíblia* (TEB). São Paulo: Loyola [edição e ano: dados a completar]. [não aberta; nomeada. Nenhuma citação lhe é atribuída.]

1. BÍBLIA. Tradução da CNBB [título, editora e ano: dados a completar]. [não aberta; nomeada. Nenhuma citação lhe é atribuída.]

AS EDIÇÕES BRASILEIRAS E PORTUGUESAS DOS AUTORES

1. AGOSTINHO. *Confissões*. Tradução de Lorenzo Mammì. Penguin-Companhia [cidade e ano: dados a completar]. [Intermediário: o português de X, 29, 40 ("concede o que ordenas, e ordena o que queres") chega pelo Estudo XII, 4.1, com [V-pt: Mammì]; o volume não foi aberto por este estudo [página a confirmar]. O Prólogo diz que as *Confissões* seguem Mammì onde o estudo a cita; fora disso o português de Agostinho é do estudo, sobre o latim.]

1. AGOSTINHO. *Confissões*. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina, S.J. Paulus [cidade e ano: dados a completar]. [não aberta; nomeada. Edição de cotejo do plano da pesquisa; nenhuma citação lhe é atribuída.]

1. AGOSTINHO. *A cidade de Deus*. Tradução de Oscar Paes Leme. Vozes [cidade, ano e volumes: dados a completar]. [não aberta; nomeada. A letra portuguesa de IX, 5 e de XIV, 3 é do estudo, sobre o latim (n.º 38).]

1. AGOSTINHO. *A cidade de Deus*. Tradução de J. Dias Pereira. [Cidade a completar]: Fundação Calouste Gulbenkian [ano a completar]. [não aberta; nomeada. Edição de cotejo; as Fontes do cap. 2 dizem "edição portuguesa a conferir" para XIV, 3.]

1. AGOSTINHO. *A Trindade*. Tradução de Agustinho Belmonte. Paulus [cidade e ano: dados a completar]. [não aberta; nomeada. A letra portuguesa de XIV, 8, 11 é do estudo, sobre o latim (n.º 39).]

1. TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. São Paulo: Loyola [tradução, volumes e anos: dados a completar]. [não aberta; nomeada. O português de Tomás é do estudo, sobre o latim da Leonina (n.º 45).]

1. BENTO DE NÚRSIA. *Regra* (*A Regra de São Bento*). Edição Lumen Christi, 1980 [cidade e tradutor: dados a completar]; há também a edição do Mosteiro de São Bento, nomeada no plano [dados a completar]. [não aberta; nomeada. "edição Lumen Christi não aberta" (3.10). Todo o português de Bento é do estudo, sobre o latim (n.º 44).]

1. INÁCIO DE LOYOLA. *Exercícios espirituais*. São Paulo: Loyola [tradutor e ano: dados a completar]. [não aberta; nomeada. "edição Loyola não aberta" (3.10). O n. 43 chega em espanhol, por Reig Pla (n.º 46 e 67), com o português do estudo.]

1. CALVINO, João. *As institutas* (*Institutio*). Edição de Waldyr Carvalho Luz [título, editora e ano: dados a completar]. [não aberta; nomeada. Citada no a pesquisa de fontes do estudode pesquisa como a edição brasileira de cotejo; o estudo cita Calvino pelo inglês de Beveridge (n.º 50).]

1. KIERKEGAARD, Søren. *As obras do amor*. Tradução de Álvaro Valls. Vozes [cidade e ano: dados a completar]. [não aberta; nomeada. O estudo cita a obra pelo inglês de Swenson (n.º 53).]

1. ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. Forense [cidade e ano: dados a completar]. [não aberta; nomeada. As Fontes do cap. 1 situam o §33 na "ed. brasileira trad. Raposo"; o português de Arendt é do estudo, sobre o inglês da edição de Chicago, por intermédio do Estudo XIII, 1.6 (n.º 90).]

1. RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007, Epílogo, p. 501 (ed. francesa: Paris: Seuil, 2000, p. 642). [Intermediário: "tu vales mais que teus atos", com [V-pt] pelo Estudo IX, 1.7; tradutor [a completar]. O volume não foi aberto por este estudo.]

1. LEVINAS, Emmanuel. *Entre nós*. Petrópolis: Vozes [tradutor e ano: dados a completar]. [Intermediário: os ensaios "Um Deus homem?" (pp. 84, 85, 92–93), "Filosofia, justiça e amor" (p. 151) e "O sofrimento inútil" (p. 138) chegam em português pelo Estudo VIII, 4.3 e 1.10, com [V-pt]. O volume não foi aberto por este estudo.]

1. CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et spes* (Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje), nn. 16 e 24. Texto português publicado pelo Vaticano [edição, tradução e data: dados a completar]. [Edição de consulta, com [V-pt: Vaticano], na grafia da própria edição: n. 16, "A consciência é o centro mais secreto e o santuário do homem..."; n. 24, o homem "não se pode encontrar plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo".]

1. CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen gentium* (Constituição dogmática sobre a Igreja), n. 16. Texto português publicado pelo Vaticano [edição e data: dados a completar]. [Edição de consulta, com [V-pt: Vaticano]: "também eles podem alcançar a salvação eterna".]

1. CONCÍLIO VATICANO II. *Nostra aetate* (Declaração sobre as religiões não cristãs), n. 2. Texto português publicado pelo Vaticano [edição e data: dados a completar]. [Edição de consulta, com [V-pt: Vaticano]: "um raio da verdade que ilumina todos os homens".]

A ESCRITURA: GREGO, HEBRAICO E LATIM

1. *The Greek New Testament: SBL Edition*. Edição de Michael W. Holmes. SBL / Logos, 2010. Texto lido nos arquivos públicos do repositório LogosBible/SBLGNT; os sinais de aparato (⸀ ⸁ ⸂ ⸃) foram retirados da citação. [Edição de consulta, com [V-gr]: o grego de todas as citações do Novo Testamento. Onde o SBLGNT e o Nestle-Aland divergem o estudo avisa; o aparato não foi aberto.]

1. NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece* (NA28) [editora e ano: dados a completar]. [não aberta; nomeada. O Prólogo diz que o aparato não foi aberto; as variantes conhecidas (a perícope da adúltera, Jo 7,53–8,11; Lc 23,34; a ligação de "vindo ao mundo" em Jo 1,9; Rm 8,28) são ditas no texto sem conferência.]

1. *Septuaginta*. Edição ortodoxa digital da Orthodox Media Network (Monte Atos), distribuída por eBible.org. [Edição de consulta, com [V-gr: Septuaginta]: Gn 1,27; Eclo 51,31 (51,23 na Septuaginta); 2Sm 6,14 (sem "dançava"). Não é a edição crítica de Rahlfs, que não foi aberta.]

1. *Bíblia Hebraica*: Westminster Leningrad Codex (WLC), eBible.org ("hbo"); sinais de cantilação (U+0591–U+05AF) retirados por programa, vogais mantidas. [Edição de consulta, com [V-he]: Gn 1,27; 9,6; 22,12; Sl 8; 88; 139,23; Is 53,4.6; 2Sm 6,14. A *Biblia Hebraica Stuttgartensia* não foi aberta.]

1. *Vulgata Clementina* (1598; texto da edição Migne, 1880, em eBible.org, "latVUC"), com a Glossa Ordinária cortada de cada versículo; os Salmos na numeração da Vulgata. [Edição de consulta, com [V-la]: Jo 1,9 (*omnem hominem venientem*); Rm 5,12 (*in quo*). Não é a Nova Vulgata (1979), texto litúrgico atual da Igreja católica.]

OS PADRES, OS MEDIEVAIS E A MÍSTICA: ORIGINAIS E TRADUÇÕES

1. IRINEU DE LYON. *Contra as heresias* (*Adversus haereses*), IV, 20, 7. Versão latina, em edição de Harvey (Cambridge, 1857, v. 2, p. 219). [Intermediário, com [V-la via secundária: Harvey]: "Gloria enim Dei vivens homo". O grego do trecho não sobreviveu inteiro; o português é do estudo.]

1. IRINEU DE LYON. *Contra as heresias*, V, 6, 1. Tradução inglesa de Roberts e Rambaut, em *Ante-Nicene Fathers* 1 [cidade e ano: dados a completar]. [Edição de consulta, com [V-en: Roberts–Rambaut]; latim e grego não conferidos.]

1. TERTULIANO. *De resurrectione carnis* (*Sobre a ressurreição da carne*), 8. Latim, em *Patrologia Latina* 2, col. 806 (transcrição da Wikisource). [Edição de consulta, com [V-la]: *caro salutis est cardo*, "a carne é, de fato, o gonzo da salvação". O inglês de Holmes (*Ante-Nicene Fathers* 3) diz "the very condition on which salvation hinges".]

1. TERTULIANO. *De carne Christi* (*Sobre a carne de Cristo*), 5. Tradução inglesa de Holmes, em *Ante-Nicene Fathers* 3. [Edição de consulta, com [V-en: Holmes]; o latim não foi conferido. A fórmula corrente *credo quia absurdum* não foi achada literalmente [atribuição a confirmar].]

1. TERTULIANO. *De anima* (*Sobre a alma*), XX, 1. Latim, em The Latin Library; inglês de Holmes. [Intermediário: Estudo II, 4.5 ("Seneca saepe noster", "tantas vezes dos nossos"), com [V-la; V-en: Holmes].]

1. ATANÁSIO. *De incarnatione* (*Sobre a encarnação*), 54, 3. Tradução inglesa de Robertson, em *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2.ª série, v. 4. [Edição de consulta, com [V-en: Robertson]; o grego (*theopoiēthōmen*) não foi conferido [localização a confirmar para a forma exata].]

1. GREGÓRIO DE NISSA. *De hominis opificio* (*Sobre a criação do homem*), 16. Tradução inglesa de H. A. Wilson, em *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2.ª série, v. 5. [Edição de consulta, com [V-en: Wilson]; capítulo conferido só pela divisão da tradução [localização a confirmar]; grego não conferido.]

1. GREGÓRIO DE NISSA. *In Ecclesiasten homilia* 4 (*Homilia 4 sobre o Eclesiastes*). Tradução inglesa de Maguire [prenome a completar], em earlychurchtexts.com. [Edição de consulta, com [V-en: Maguire]; "Por quantos óbolos avaliaste a imagem de Deus?". O grego não foi capturado [localização a confirmar: linhas do GNO].]

1. ORÍGENES. *De principiis* (*Dos princípios*), III, 6. Tradução inglesa de Crombie [prenome a completar], em *Ante-Nicene Fathers* 4. [Edição de consulta, com [V-en: Crombie]; a versão é a de Rufino, e o grego e o latim não foram conferidos. A condenação da doutrina em 553, no Segundo Concílio de Constantinopla, é [tese a confirmar].]

1. JUSTINO. *Apologia II* (*Segunda Apologia*), 13. Em *Ante-Nicene Fathers* [volume e tradutor: dados a completar]. [Intermediário: Estudo X, 4.2, com [V-en via Estudo X, 4.2].]

1. AGOSTINHO. *Confessiones* (*Confissões*). Latim da Nuova Biblioteca Agostiniana (augustinus.it). [Edição de consulta, com [V-la]: III, 6, 11 ("eras mais interior do que o meu íntimo"); X, 29, 40; XIII, 36, 51. Chegam pelo Estudo X, 4.2 [V-la via Estudo X, 4.2]: VII, 9, 13–14 e VII, 20, 26; pelo Estudo XII, 3.5: I, 1, 1 ("até que repouse em ti"). A tradução portuguesa é do estudo, salvo X, 29, 40 (n.º 6). A edição crítica (CCSL) não foi aberta.]

1. AGOSTINHO. *De civitate Dei* (*A cidade de Deus*), IX, 5; XIV, 3. Latim da Nuova Biblioteca Agostiniana. [Edição de consulta, com [V-la]: IX, 5 (a *misericordia* contra a Stoa); XIV, 3 ("não foi a carne corruptível que fez pecadora a alma..." e "incitamentos aos vícios"). O português é do estudo; a edição portuguesa fica a conferir (n.º 8 e 9).]

1. AGOSTINHO. *De Trinitate* (*A Trindade*), XIV, 8, 11. Latim da Nuova Biblioteca Agostiniana. [Edição de consulta, com [V-la]: "é capaz dele e pode ser participante dele"; a imagem "envelhecida e deformada" (*obsoletam atque deformem*). O português é do estudo (n.º 10).]

1. AGOSTINHO. *De magistro* (*Sobre o mestre*), XI, 38. Latim [edição-base não declarada]. [Edição de consulta, com [V-la]: "aquele que se diz habitar no homem interior, Cristo". O mestre interior fica como herança nomeada (decisão n.º 3 de 31/10/2026, Estudo XII).]

1. AGOSTINHO. *In Epistulam Ioannis ad Parthos tractatus* (*Comentário à Primeira Carta de João*), 7, 8. Latim [edição-base não declarada]. [Edição de consulta, com [V-la]: *dilige et quod vis fac*, "Ama, e faze o que queres". A frase tem localização; o estudo a cita só com ela.]

1. AGOSTINHO. *Enchiridion* (*Enquirídio*), 27. Latim. [Intermediário: Estudo XII, com [V-la]: *totius humani generis massa damnata*, "massa condenada". O a pesquisa de fontes do estudode pesquisa dá também *Ad Simplicianum* I, 2, 16, que o estudo não cita.]

1. AGOSTINHO. *De correptione et gratia* (*Sobre a correção e a graça*), 13, 39. Latim. [Intermediário: Estudo XII, 1.11, com [V-la via Estudo XII, 1.11]: o número dos eleitos "é certo, e não deve ser aumentado nem diminuído".]

1. BENTO DE NÚRSIA. *Regula* (*Regra*), Prólogo, 4, 48 e 72. Latim da The Latin Library; a página lida não declara a edição crítica. [Edição de consulta, com [V-la]: *Obsculta, o fili*; *actus vitae suae omni hora custodire*; *otiositas inimica est animae*; "que nada anteponham a Cristo", cuja grafia na página lida traz "omnimo" e "a vitia". O português é do estudo (n.º 12).]

1. TOMÁS DE AQUINO. *Summa theologiae* (*Suma Teológica*). Latim do Corpus Thomisticum (Leonina). [Edição de consulta, com [V-la]: I, q. 93, a. 4 (e ad 1); I-II, q. 109, a. 2; II-II, q. 23, a. 1; II-II, q. 25, a. 8; II-II, q. 30, a. 1 (paráfrase). Chegam por intermediário: I, q. 84, a. 5 (Estudo XII, 4.1, paráfrase) e I-II, q. 55, a. 1 (Estudo XI, 4.2). O português é do estudo (n.º 11).]

1. INÁCIO DE LOYOLA. *Exercícios espirituais*, n. 43 (o exame geral, em cinco pontos). Espanhol, na grafia do autógrafo, conforme Reig Pla (n.º 67). [Intermediário, com [V-es via secundária: Reig Pla]; a edição Loyola (n.º 13) e a edição crítica não foram abertas. O português é do estudo.]

1. JUAN DE LA CRUZ. *Noche oscura* (*Noite escura*), II, 5, 1. Tradução inglesa de E. Allison Peers, na Christian Classics Ethereal Library. [Edição de consulta, com [V-en: Peers]; a prosa espanhola não foi obtida.]

1. VICENTE DE LÉRINS. *Commonitorium*, 2. Tradução inglesa de C. A. Heurtley. [Edição de consulta, com [V-en: Heurtley]; o latim (*quod ubique, quod semper, quod ab omnibus*) não foi conferido.]

A REFORMA, OS CONCÍLIOS E OS MODERNOS: ORIGINAIS E TRADUÇÕES

1. LUTERO, Martinho. *In epistolam S. Pauli ad Galatas commentarius* (*Comentário a Gálatas*), 1535, sobre Gl 3,6. *Weimarer Ausgabe* 40/I, 368; *Luther's Works* 26, 232. [Intermediário, com [V via secundária: Winger] (n.º 63): o *simul iustus et peccator*. O latim e o alemão não foram conferidos.]

1. CALVINO, João. *Institutio Christianae Religionis* (*Institutas*), III, 21, 5. Tradução inglesa de Henry Beveridge, 1845 (Christian Classics Ethereal Library). [Edição de consulta, com [V-en: Beveridge]: "alguns são preordenados para a vida eterna, outros para a condenação eterna". A forma latina da distinção do *Deus absconditus* e o latim de Calvino não foram conferidos.]

1. CONCÍLIO DE TRENTO. Sessão VI, *Decreto sobre a justificação*, caps. VII e VIII. Tradução inglesa de Waterworth. Londres: Dolman, 1848 (cap. VII, pp. 34–35). [Edição de consulta, com [V-en: Waterworth]; o

latim não foi conferido.]

1. KIERKEGAARD, Søren. *Sygdommen til Døden* (*O desespero humano*, *The Sickness unto Death*), 1849, parte II. Tradução inglesa de Walter Lowrie. Princeton: Princeton University Press, 1941, p. 129. [Edição de consulta, com [V-en: Lowrie]; a paginação vem da OCR do Internet Archive, e o a pesquisa de fontes do estudode pesquisa registra a mesma passagem em pp. 119/129 e 131 [página a confirmar]. O dinamarquês não foi aberto.]

1. KIERKEGAARD, Søren. *Kjerlighedens Gjerninger* (*As obras do amor*, *Works of Love*), 1847, "Thou Shalt Love". Tradução inglesa de David F. e Lillian M. Swenson. Princeton: Princeton University Press, 1946 (2.ª tiragem, 1949), p. 20. [Edição de consulta, com [V-en: Swenson]; paginação reconstruída da OCR do Internet Archive [página a confirmar]. A edição de Valls (n.º 15) não foi aberta.]

1. DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os irmãos Karamázov*, Livro V, cap. 4, "A rebelião". Tradução inglesa de Constance Garnett (Project Gutenberg #28054). [Edição de consulta, com [V-en: Garnett]; a tradução de Garnett é livre, e o russo não foi conferido. Edição brasileira não identificada.]

1. BONHOEFFER, Dietrich. *Widerstand und Ergebung* (*Resistência e submissão*), carta de 16/7/1944. *Dietrich Bonhoeffer Werke*, v. 8, pp. 533–534. [Intermediário, com [V via secundária: Kamphuis] (n.º 64); o alemão não foi conferido. Edição portuguesa não identificada.]

1. NEWMAN, John Henry. *An Essay on the Development of Christian Doctrine* (*Ensaio sobre o desenvolvimento da doutrina cristã*). Edição de 1878, cap. 1, p. 40. [Edição de consulta, com [V-en: Newman]; o estudo cita a edição de 1878.]

1. NEWMAN, John Henry. *Letter to the Duke of Norfolk* (*Carta ao Duque de Norfolk*), §5. Em *Certain Difficulties Felt by Anglicans*, v. 2, Newman Reader, pp. 247–249. [Edição de consulta, com [V-en] (as Fontes do cap. 3 não nomeiam o tradutor nem a página); a paginação de Longmans é [página a confirmar].]

1. FOX, George. *Journal*, 1647. Edição do Project Gutenberg #75559. [Edição de consulta, com [V-en]; o estudo cita a passagem sem página [página a confirmar].]

1. BARCLAY, Robert. *An Apology for the True Christian Divinity*. Birmingham: Baskerville, 1765, Proposições V–VI (pp. 86 ss., segundo o a pesquisa de fontes do estudode pesquisa). [Edição de consulta, com [V-en]; página exata [a confirmar].]

A TRADIÇÃO QUE LÊ: EXEGETAS, TEÓLOGOS E INTÉRPRETES

1. BROWN, Raymond E. *The Gospel According to John (I–XII)*. Anchor Bible 29. Garden City: Doubleday, 1966. [não aberta; nomeada. Comentário a Jo 1,9 e 1,5. A tese de que o particípio liga à luz, e não ao homem, é [tese a confirmar; página a confirmar]; o estudo registra a divergência e não a resolve (1.3).]

1. DUNN, James D. G. *Romans 1–8*. Word Biblical Commentary 38A. Dallas: Word Books, 1988. [não aberta; nomeada. O corpo nomeia "Dunn, Fitzmyer" sem obra e sem página, para Rm 5,12 (*eph' hō*) e para o "eu" de Rm 7 (1.5, 3.4) [tese a confirmar; página a confirmar]. O título é o do a pesquisa de fontes do estudode pesquisa.]

1. FITZMYER, Joseph A. *Romans*. Anchor Bible 33. New York: Doubleday, 1993. [não aberta; nomeada. Mesmo uso que o de Dunn (n.º 61) [tese a confirmar; página a confirmar]. O título é o do a pesquisa de fontes do

estudode pesquisa.]

1. WINGER, Michael [prenome a confirmar]. "Simul justus et peccator: Did Luther and the Confessions get Paul right?". *Lutheran Theological Review*, v. XVII, 2004–05, p. 94. [Intermediário de Lutero (n.º 49): as Fontes do cap. 1 citam *On the simul*, p. 94; o título acima é o do a pesquisa de fontes do estudode pesquisa. Título a conferir.]

1. KAMPHUIS, Cornelis. [Título a completar]. *Theologia Reformata* [volume, ano e página: dados a completar]. [Intermediário de Bonhoeffer (n.º 55): artigo sobre o Deus fraco da carta de 16/7/1944, com [V via secundária: Kamphuis]. O estudo não o abriu inteiro.]

1. BALTHASAR, Hans Urs von. *Dare We Hope "That All Men Be Saved"?* San Francisco: Ignatius, 1988 (*Was dürfen wir hoffen?*, 1986). [Intermediário: Brotherton (n.º 66), com [paráfrase; V-en via secundária: Brotherton; página a confirmar]: é permitido esperar, não afirmar, que todos se salvem. O título é o do a pesquisa de fontes do estudode pesquisa; o estudo nomeia só a tese.]

1. BROTHERTON [prenome e título a completar]. [Obra e página a completar.] [Intermediário de Balthasar (n.º 65).]

1. REIG PLA, Mons. [prenome a completar]. "Examinar la conciencia". ejerciciosespirituales.org, 2024, p. 3. [Intermediário do n. 43 dos *Exercícios* (n.º 46): a grafia do autógrafo e o exame em cinco pontos. A leitura de Reig Pla é pastoral e não foi cotejada com a edição crítica [edição a confirmar].]

1. MERTON, Thomas. *Mystics and Zen Masters*, 1967 [editora a completar]. [não aberta; nomeada. Obra sem tese atribuída [tese a confirmar; página a confirmar] (4.9).]

1. THICH NHAT HANH. *Living Buddha, Living Christ*, 1995 [editora a completar]. [não aberta; nomeada. Obra sem tese atribuída [tese a confirmar; página a confirmar] (4.9).]

1. ABHISHIKTANANDA. *Saccidananda*, 1974 [editora a completar]. [não aberta; nomeada. Obra sem tese atribuída [tese a confirmar; página a confirmar] (4.10); o Estudo IV a mede.]

1. PANIKKAR, Raimon. *The Unknown Christ of Hinduism*, 1964 [editora a completar]. [não aberta; nomeada. Obra sem tese atribuída [tese a confirmar; página a confirmar] (4.10); o Estudo IV a mede.]

NOMEADOS SEM OBRA NO ESTUDO

1. ECKHART, Mestre; TAULER; TERESA DE ÁVILA; FRANCISCO DE SALES. [Obras, edições e anos a completar; o a pesquisa de fontes do estudode pesquisa aponta Eckhart, Pr. 2 / 48 (Quint/Pfeiffer), e as *Moradas* de Teresa.] [Nomeados sem letra: o Prólogo diz que "ficaram sem letra" e aparecem como [tese a confirmar]; Eckhart é nomeado em 1.4 (a imagem como centelha da alma, "a letra não foi obtida") e Teresa, em 1.1 (data). Nenhum nome da Luz.]

1. PASCAL, Blaise. *Escritos sobre a graça* (*Écrits sur la grâce*) [edição e ano: dados a completar]. [Nomeada no Prólogo, sem letra: "ficou sem letra". O Pascal que o estudo cita é a *Conversa com o senhor de Saci* (n.º 92).]

1. CASSIANO, João. [Obra a completar.] [Retirado do Prólogo na revisão; nenhum capítulo o cita. Remover da bibliografia.]

1. NYGREN, Anders; RAHNER, Karl; MOLTMANN, Jürgen; JONAS, Hans; METZ, Johann Baptist; DERRIDA, Jacques. [Obras, edições e anos a completar.] [Retirados do Prólogo na revisão; nenhum capítulo cita obra nem página. Remover da bibliografia.]

1. HADOT, Pierre. [Obra a completar.] [Retirado do Prólogo na revisão; nenhum capítulo cita obra nem página. Remover da bibliografia.]

1. WEIL, Simone. *A gravidade e a graça* e *Espera de Deus* [edições, tradutores e anos: dados a completar]. [Nomeada: os títulos aparecem no Tratado da Vigília, "Fundamentação", e a palavra "graça" ocorre na letra do cânon só no título do primeiro (5.1); o estudo não cita página de Weil. O a pesquisa de fontes do estudode pesquisa registra *Attente de Dieu* (Paris: La Colombe, 1950).]

1. MOUNIER [prenome e obra a completar]. [Nomeado em 4.3: a raiz cristã de seu personalismo "entra como material, não como doutrina" (Tratado das Águas Comuns, "Fundamentação"). O estudo não cita obra nem página.]

1. OTTO [prenome e obra a completar]; MARCEL [prenome e obra a completar]; JASPERS [prenome e obra a completar]. [Marcel e Jaspers, nomeados em 4.10 e 6.4 como porta do Estudo V; sem letra e sem tese atribuída. Otto não é nomeado em 4.10 nem em 6.4 (retirado de 6.4 por B5): conferir se sai da bibliografia.]

1. LAS CASAS [prenome e obra a completar]. [Nomeado em 6.3, questão (k), ao lado de Gregório de Nissa, como voz que disputou a escravidão; sem letra e sem tese atribuída.]

AS CASAS VISITADAS, POR INTERMÉDIO DOS ESTUDOS ANTERIORES

1. HEGEL, G. W. F. *Lições sobre a Filosofia da Religião*, parte III. [Edição, tradutor e ano: dados a completar.] [Intermediário: Estudo VII, 4.3, com [V-de via Estudo VII, 4.3]: "Um espírito que não é manifesto não é espírito".]

1. HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do espírito*, §759. [Edição, tradutor e ano: dados a completar.] [Intermediário: Estudo VII, 4.3, com [V-de via Estudo VII, 4.3; paráfrase]: a Encarnação como conteúdo da religião.]

1. HEGEL, G. W. F. *Lições sobre a Filosofia da História*. [Edição, tradutor e ano: dados a completar.] [Intermediário: Estudo VII, 4.3: "no espírito vivo, em vós mesmos" e "no túmulo entre os mortos".]

1. HEGEL, G. W. F. *Lições sobre a História da Filosofia*, Introdução. [Edição, tradutor e ano: dados a completar.] [Intermediário: Estudo VII, 4.3: "e quero continuar sendo".]

1. KIERKEGAARD, Søren (Johannes Climacus). *Pós-escrito conclusivo não científico às Migalhas filosóficas*, 1846. [Edição, tradutor e ano: dados a completar.] [Intermediário: Estudo VII, 4.3, com [V-da via Estudo VII, 4.3]: "a especulação não deve chamar-se cristã".]

1. RICOEUR, Paul. *Autobiografia intelectual*. Edição espanhola. Buenos Aires: Nueva Visión, 2007, p. 84. [Intermediário: Estudo IX, 4.3, com [V-es via Estudo IX, 4.3]: "de onde vem a voz da consciência"; "minha filosofia sem absoluto e minha fé bíblica mais nutrida de exegese do que de teologia".]

1. RICOEUR, Paul. *Fé e filosofia*. Edição espanhola. Buenos Aires: Prometeo / UCA, 2008, pp. 95 e 197. [Intermediário: Estudo IX, 4.3: a nominação "não é monocórdica, mas polifônica" (p. 95); "é perfeitamente inútil opor Jerusalém a Atenas" (p. 197).]

1. RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*, Prólogo. Edição espanhola. México / Madrid: Siglo XXI, 1996, p. XXXIX. [Intermediário: Estudo IX, 4.3: o ágape como "economia do dom de caráter meta-ético".]

1. RICOEUR, Paul. *O justo* (*Lo justo*). Edição espanhola. Santiago: Editorial Jurídica de Chile, 1997, pp. 204–205. [Intermediário: Estudo IX, 1.6, com [V-es via Estudo IX, 1.6]: o perdão "nunca é devido"; em termos absolutos só a vítima pode concedê-lo.]

1. ARENDT, Hannah. *The Human Condition* (*A condição humana*), §33. Chicago: University of Chicago Press, 1958, pp. 238–239. [Intermediário: Estudo XIII, 1.6, com [V-en via Estudo XIII, 1.6]: Jesus "descobridor do papel do perdão"; o poder de perdoar "não deriva de Deus". O português é do estudo; a edição brasileira é o n.º 16.]

1. ARENDT, Hannah. *The Life of the Mind*, v. II, *Willing* (*A vida do espírito*, II). Edição espanhola. Paidós, p. 297. [Intermediário: Estudo XIII, 4.4, com [V-es via Estudo XIII, 4.4]: Paulo e a vontade dividida, "os dois não são amigos ou companheiros".]

1. PASCAL, Blaise. *Entretien avec M. de Saci* (*Conversa com o senhor de Saci*). Inglês de Wight, 1909. [Intermediário: Estudo II, 4.7, com [V-en: Wight, via Estudo II, 4.7]: "orgulho diabólico". O francês não foi aberto.]

1. SÊNECA. *De providentia* (*Sobre a providência*), 5, 6. [Edição a completar.] [Intermediário: Estudo II, 4.7, com [V-la via Estudo II, 4.7]: "não sirvo a deus, assinto".]

1. NĀGĀRJUNA. *Mūlamadhyamakakārikā*, XXVII, 30. Tradução de Garfield. [Cidade, editora e ano: dados a completar.] [Intermediário: Estudo I, 4.8, com [V-skt; V-en: Garfield, via Estudo I, 4.8]: "que por compaixão ensinou a doutrina verdadeira".]

1. *Majjhima Nikāya*, 63, 7–8. [Edição e tradutor: dados a completar.] [Intermediário: Estudo I, 4.8, com [V-pi via Estudo I, 4.8]: pontos "ligados ao fim".]

O CÂNON E OS ESCRITOS

1. LUMEN FLUENS. *Cânon v1.2*. [Autoridade final; só o fundador o altera. Citado por parte e título: "Os Quatro Pilares" (I a IV), "Independência confessional", "Regra de Vida", "A Regra da Misericórdia", "O Abrigo", "As Águas Comuns", "A Vigília", "A Bússola". A Antífona, parte do cânon, não é tratada neste estudo.]

1. LUMEN FLUENS. *Tratado da Luz Interior*. [Seções citadas: "Fundamentação", "Síntese", "Objeção provável e resposta breve".]

1. LUMEN FLUENS. *Tratado da Vigília*. [Seções citadas: "Definição", "Fundamentação", "Objeção provável e resposta breve".]

1. LUMEN FLUENS. *Tratado das Águas Comuns*. [Seções citadas: "Definição", "Fundamentação", "Síntese".]

1. LUMEN FLUENS. *Disputatio da Luz Interior e do Mal*. [Citada na parte 3, "Respondeo".]

1. LUMEN FLUENS. *Catecismo*. [Perguntas citadas: 8, 26, 27, 28, 31, 36, 42, 44 e 48.]

1. LUMEN FLUENS. *Meditações Práticas*. [Seções citadas: "O Examinar da noite" e "A Regra da Misericórdia".]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 17/10/2026* (n.º 1–7, numeradas como no Prólogo do Estudo VII). [O arquivo de 17/10 não é numerado; a numeração segue a ordem dos parágrafos e confere com as citações dos Estudos XII e XIII [a confirmar que é a do fundador].]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 19/10/2026* (n.º 1–12, como no Prólogo do Estudo VIII).

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 23/10/2026 sobre o Estudo IX* (n.º 1–13).

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 23/10/2026 sobre o Estudo X* (n.º 1–10).

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10/2026 sobre o Estudo XI* (n.º 1–11).

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10/2026 sobre o Estudo XII* (n.º 1–11).

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII* (n.º 1–12). [As listas de 23/10 e de 31/10 são sempre citadas com o nome do estudo.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 03/11/2026 sobre o Estudo I* (n.º 1–12).

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 03/11/2026 sobre o Estudo II* (n.º 1–12).

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado VII* (Hegel). [Leitura anterior; seção 4.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado VIII* (Levinas). [Seções 1.10 e 4.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado IX* (Ricoeur). [Seções 1.6, 1.7 e 4.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado X* (Platão). [Seção 4.2.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XI* (Aristóteles). [Seção 4.2.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XII* (Agostinho). [Seções 1.11, 2.2, 2.7, 3.3, 3.5, 4.1 e 4.9; medido neste estudo, não refeito.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XIII* (Arendt). [Seções 1.6, 2.8, 3.6, 4.4 e 4.10.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado I* (budismo, refeito em 03/11/2026). [Seções 3.8, 3.9 e 4.8.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado II* (estoicismo, refeito em 03/11/2026). [Seções 3.3, 4.5 e 4.7.]

1. LUMEN FLUENS. *Ficha do Estudo III* (outubro de 2026). [Apontamento do fundador, não cânon: quatro toques e três fronteiras, as sete frases medidas em 5.1.]

1. LUMEN FLUENS. *Fichas dos Estudos I–VII*. [Apontamentos, não cânon; a Ficha do Estudo VI chega só pelo Estudo I, 4.8 (o *wu wei*).]

Conferências pendentes

Conferências pendentes

Este estudo traz 44 passagens marcadas para conferir ([tese a confirmar], [localização a confirmar], [página a confirmar], [atribuição a confirmar]) e 1072 marcas de verificação ao todo. Nada abaixo é doutrina: são dados de fonte, página e edição que a leitura cuidadosa de um exemplar em mãos pode fechar. Os itens estão numerados entre parênteses dentro de cada célula. Preferimos uma lacuna marcada a uma citação falsa.

TIPO	O QUE FALTA
Edições não abertas	(1) Bíblias em português: a Bíblia de Jerusalém, a TEB e a CNBB não foram abertas; a Ave-Maria foi lida em cópia digital (JSON), não no impresso; o português bíblico do estudo é da ARA (bibliaonline.com.br) e da Ave-Maria digital. (2) Texto bíblico: o NA28 e o seu aparato (Jo 1,3-4; 1,9; 7,53–8,11; Lc 11,35; Lc 23,34; Jo 8,11; Rm 8,28), pois o grego é o SBLGNT (Holmes, 2010); Rahlfs (a Septuaginta lida é uma cópia digital ortodoxa); a BHS (lido o WLC); a Nova Vulgata (a latina é a Clementina, Migne 1880). (3) Autores em português: Agostinho, *Confissões*, Mammì; Santos/Pina; Paes Leme; Dias Pereira; Belmonte; Tomás de Aquino, *Suma*, Loyola; Bento, *Regra*, Lumen Christi; Inácio, *Exercícios*, Loyola; Calvino, *Institutas*, Waldyr Carvalho Luz; Kierkegaard, Valls; Arendt, Raposo; Ricoeur, Unicamp; Levinas, Vozes: nenhuma foi aberta; todo o português desses autores é do estudo, salvo onde vem marcado como Mammì via Estudo XII. (4) Documentos: *Gaudium et Spes* e *Lumen Gentium* (edição brasileira) e o *Nostra Aetate*, só por intermediário. (5) Originais e aparatos: o CCSL; o grego de Atanásio, de Gregório de Nissa e de Orígenes; o latim de Tertuliano (sobre a carne de Cristo), de Vicente de Lérins, de Lutero, de Calvino e de Trento; o francês de Pascal; os originais de Kierkegaard, Dostoiévski e Bonhoeffer.
Passagens com [página a confirmar], [localização a confirmar], [tese a confirmar] ou [atribuição a confirmar], por capítulo e seção	**Prólogo**: (1) Eckhart, Teresa e Pascal (*Escritos sobre a graça*) aparecem sem letra [tese a confirmar onde o Prólogo a usa]. (2) Resolvido: a Fonte 8 do Prólogo traz 1Cor 6,19 pela Ave-Maria ("templo"), com a ARA ("santuário") dita. (3) Resolvido: o Prólogo indica [V-he] para Gênesis, Samuel, Salmos e Isaías. (4) O Prólogo cita a correção de Boécio pedida em 19/10/2026 como registrada no histórico do projeto; nenhuma fonte do estudo a localizou, e o fundador confirma. **Cap. 1**: (5) 1.2, Trento, a Ortodoxia, os protestantes e Niceia/Calcedônia [paráfrase; localização a confirmar]. (6) 1.3, Brown [tese a confirmar; página a confirmar]; Fox e Barclay [página a confirmar]; Atanásio (grego não conferido); Niceia/Calcedônia [localização a confirmar]. (7) 1.4, Irineu via Harvey; Gregório de Nissa [localização a confirmar]; Eckhart [tese a confirmar]. (8) 1.5, Dunn e Fitzmyer sobre Rm 5,12 e Rm 7 [tese a confirmar]; Mammì [página a confirmar]; Lutero via Winger; Trento (latim não conferido). (9) 1.8, *credo quia absurdum* [atribuição a confirmar]; Bonhoeffer via Kamphuis (alemão não conferido). (10) 1.9, Igreja e sacramentos [paráfrase; localização a confirmar]; Vicente de Lérins (latim não conferido). (11) 1.11, Inácio, n. 43, via Reig Pla. (12) 1.12 e 3.11, *extra Ecclesiam nulla salus*, sem fonte [localização a confirmar]. **Cap. 2**: (13) 2.1, Gregório de Nissa, Homilia 4 (linhas do GNO). (14) 2.5, Agostinho, *Cidade de Deus* XIV, 3 (edição portuguesa a conferir). (15) 2.6, Bonhoeffer; Rm 8,28 [tese a confirmar no aparato do NA]. **Cap. 3**: (16) 3.4, Dunn e Fitzmyer [tese a confirmar]. (17) 3.7, Bonhoeffer; Rm 8,28 (idem 2.6). (18) 3.10, Inácio (Loyola não aberta) e Bento (Lumen Christi não aberta). (19) 3.11, Orígenes condenado em 553 [tese a confirmar]; Balthasar via Brotherton [página a confirmar]. **Cap. 4**: (20) 4.9, Merton e Thich Nhat Hanh [página a confirmar; paráfrase]. (21)

TIPO	O QUE FALTA
	4.10, Abhishiktananda e Panikkar [página a confirmar; paráfrase]. **Cap. 5**: (22) sem marcador de confirmação; as marcas do cap. 5 são de leitura e hipótese do estudo. **Cap. 6**: (23) 6.3, Newman, *Carta ao Duque de Norfolk*, §5 [V-en; tradução do estudo], como em 3.9; página a confirmar.
Passagens traduzidas pelo estudo	(1) O português de Agostinho, Tomás, Bento, Inácio, Calvino, Lutero, Pascal, Kierkegaard, Dostoiévski e Bonhoeffer é do estudo, sobre o latim, o alemão, o francês, o dinamarquês ou o russo, ou sobre a tradução inglesa citada ([tradução do estudo]: 166 no total). (2) O Cap. 1 concentra 61 e o Cap. 4, 47: no Cap. 4 estão as traduções do sânscrito e do páli (Gita, Dhammapada) a conferir em edição portuguesa. (3) Jó 2,13 vem da tradução do Tratado da Vigília, sem marcador. (4) Confissões X, 29, 40: o estudo marca "concede" como Mammì via Estudo XII; o a pesquisa de fontes do estudotraz "Dá o que ordenas" como tradução do a pesquisa de fontes do estudo.
As traduções fixadas e convenções	(1) Salmos: numeração ARA/hebraica contra a da Vulgata e da Ave-Maria; Sl 8,4-5 contra 8,5-6; Sl 88,18 contra 88,19. (2) Eclo 51,31 contra 51,23 (LXX). (3) Jo 1,3-4: a pontuação do SBLGNT difere da do NA28. (4) As variantes de Lc 11,35 e Jo 8,11 não são avisadas no texto.
Divergências de localização resolvidas	(1) Winger: o Cap. 1 traz "*On the simul*"; o a pesquisa de fontes do estudo, "Simul justus et peccator: Did Luther and the Confessions get Paul right?" (*Logia/Lutheran Theological Review* XVII, 2004–05, p. 94); conferir qual é o título da fonte. (2) Kierkegaard, *A doença para a morte*: p. 129 no estudo contra pp. 119, 129 e 131 no a pesquisa de fontes do estudo. (3) Trento: a tradução é a de Waterworth (1848); conferir a paginação. (4) Newman: a paginação é a de Longmans. (5) Fox e Barclay: página.
Intérpretes só por intermediário ou só nomeados	(1) Por intermediário: Irineu (Harvey), Lutero (Winger), Bonhoeffer (Kamphuis), Inácio n. 43 (Reig Pla), Balthasar (Brotherton), Dunn e Fitzmyer, Brown, Fox e Barclay. (2) Só nomeados, sem uso nos capítulos: Weil. Moltmann, Jonas, Rahner, Metz, Derrida, Nygren, Hadot e Cassiano saíram do Prólogo na revisão. (3) Abhishiktananda e Panikkar, Merton e Thich Nhat Hanh (Cap. 4): lidos por fonte secundária. (4) Exegetas e leitores brasileiros e portugueses: só entram se citados; nenhum foi aberto.
As frases virais	(1) "Ama e faze o que quiseres": Agostinho, *Comentário à Primeira Carta de João*, 7, 8 (localização dada; conferir a edição). (2) "Aqui estou eu" de Worms: atribuição disputada; não é citada. (3) "O cristianismo é platonismo para o povo": não localizada; não é citada. (4) *Credo quia absurdum*: [atribuição a confirmar]. (5) *Extra Ecclesiam nulla salus*: sem fonte. (6) "Deus escreve certo por linhas tortas" e "a fé move montanhas": só no a pesquisa de fontes do estudo; não entram no texto.
Datas duvidosas	(1) Jesus: c. 4 a.C., morte em 30 ou 33. (2) Paulo: c. 5 a c. 64/65, ou 64/67. (3) Evangelhos: datas aproximadas. (4) Irineu c. 130 a c. 202 (nascimento). (5) Orígenes c. 185 a c. 253 (alguns dão 254). (6) Gregório de Nissa: nascimento de referência geral. (7) Bento c. 480 a c. 547; a *Regra* c. 530–540. (8) Trento 1545–1563; Vaticano II, abertura em 11/10/1962 e encerramento em 08/12/1965 (referência geral). (9) As datas de Eckhart, Tomás, Lutero, Inácio, Teresa, João da Cruz, Pascal e Kierkegaard vêm de resumo da Wikipédia.
Divergências de edição e dados	(1) Decisões do fundador de 17/10 sem numeração no arquivo. (2) A decisão n.° 5 de 23/10 (Estudo IX) remete à n.° 3 de 19/10; a referência diverge e é citada à parte. (3) Regra de Vida com redação pendente (Dec. 19/10 n.° 9; Dec. 31/10, Estudo XIII, n.° 7). (4) Boécio

TIPO	O QUE FALTA
	não localizado. (5) "Prova" tomada em outro sentido (Estudo II, 3.2). (6) Mammì via XII contra o a pesquisa de fontes do estudoem Confissões X, 29, 40 (ver acima).
Referências da série a conferir	(1) A Antífona não é tratada neste estudo. (2) O cânon e os escritos entram com os Estudos VII a XIII e I–II, na forma dos resumos do projeto; conferir a numeração das decisões por data e estudo. (3) A Ficha de outubro (7 frases, 4 toques, 3 fronteiras) contra a proposta de Ficha reescrita em 5.4 (7 toques, 8 fronteiras); a fórmula proposta em 6.2 ("o Lumen Fluens aceita do cristianismo a anterioridade e recusa o juízo").
O que a decisão do fundador pode resolver (não conta como conferência)	As questões abertas (by) a (ch), mais as herdadas (g), (j) e (k); a fórmula de 6.2; a Ficha reescrita de 5.4 (sete toques, oito fronteiras, graça entre os toques, só "quem dá" nas fronteiras); as quatro correções à Ficha. Só o fundador altera a doutrina.

Painel de verificação

Contagem por `grep` nos sete arquivos-fonte (`00-prologo.md`, `cap-1.md` a `cap-6.md`), corpo mais Fontes citadas. Critério: conta-se cada grupo entre colchetes que contém o marcador (`grep -o -P '\[[^\[\]\n]*MARCADOR[^\[\]\n]*\]'`), excluindo do Prólogo a linha definitória "Por isso [V-gr] indica...". Um grupo com dois marcadores conta em cada linha.

MARCADOR	PRÓLOGO	CAP. 1	CAP. 2	CAP. 3	CAP. 4	CAP. 5	CAP. 6	TOTAL	NO CORPO	NAS FONTES
[V-gr]	13	119	22	66	6	6	8	240	116	124
[V-la]	1	28	15	4	28	6	1	83	40	43
[V-he]	1	14	2	6	0	0	2	25	13	12
[V-pt: ...] (com nome)	12	137	24	74	8	6	10	271	131	140
[V-pt] (sem nome)	0	4	0	2	8	0	0	14	7	7
[V-en: ...] (com nome)	0	24	2	8	6	0	0	40	20	20
[V-en] (sem nome)	0	7	0	5	4	0	1	17	8	9
[V-es ...]	0	6	2	6	11	2	1	28	12	16
[V-de/da/skt/pi ...]	0	0	0	0	14	0	0	14	7	7
[V via secundária]	0	8	4	5	0	2	2	21	10	11

MARCADOR	PRÓLOGO	CAP. 1	CAP. 2	CAP. 3	CAP. 4	CAP. 5	CAP. 6	TOTAL	NO CORPO	NAS FONTES
[tradução do estudo]	1	61	21	24	47	8	4	166	79	87
[paráfrase]	0	11	0	1	13	0	1	26	15	11
[tese a confirmar]	2	5	0	3	6	0	0	16	11	5
[localização a confirmar]	0	9	0	1	0	0	0	10	9	1
[página a confirmar]	0	8	0	1	6	0	1	16	7	9
[atribuição a confirmar]	0	2	0	0	0	0	0	2	1	1
[leitura do estudo]	4	3	10	15	8	6	8	54	54	0
[inferência do estudo]	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0
[hipótese do estudo]	2	0	7	5	1	9	2	26	26	0
[proposta do estudo]	0	0	0	1	0	1	0	2	2	0

Leitura do painel: as marcas [V-pt] sem nome do tradutor (14) e [V-en] sem nome (17) devem receber o nome da edição na próxima passada. A soma das quatro marcas "a confirmar" é 44 (tese 16, localização 10, página 16, atribuição 2), o número que abre esta seção. As marcas de leitura, inferência, hipótese e proposta do estudo (83) são juízo do estudo, não pendência de fonte.

Painel de verificação

Contagem, feita sobre o texto final, das marcas entre colchetes que acompanham citações e leituras. “Corpo” é o texto do Prólogo e dos capítulos; “Aparato” são as fontes por capítulo. Neste estudo as passagens do budismo foram conferidas, quando possível, no páli (SuttaCentral) ou no sânscrito dos originais, com as traduções inglesas e portuguesas à vista (ver o Prólogo, “Como ler este estudo”); o que não foi conferido em edição brasileira ou portuguesa vai como [V-pi], [V-skt], [V-en] ou tradução do estudo (ver o Apêndice B).

MARCA	TOTAL	CORPO	APARATO
[V-gr]	253	126	127
[V-la; tradução do estudo]	69	35	34
[leitura do estudo]	55	55	0
[V-en; tradução do estudo]	53	25	28
[V-he]	26	14	12
[V-es; tradução do estudo]	25	11	14
[V-pt]	24	13	11
[tese a confirmar]	17	12	5
[hipótese do estudo]	16	16	0
[V-la]	14	7	7
[V via secundária]	11	5	6
[paráfrase; … a confirmar]	8	8	0
[paráfrase]	8	4	4
[V-de; tradução do estudo]	6	3	3
[… a confirmar]	5	5	0
[V-de]	3	2	1
[V-es]	3	2	1
[hipótese do estudo xiii]	2	1	1
[proposta do estudo]	2	2	0
[V-skt; tradução do estudo]	2	1	1
[V-pi; tradução do estudo]	2	1	1
[v-da via estudo vii, 4.3; tradução do estudo]	2	1	1
[hipótese do estudo; proposta em 5.4]	1	1	0
[leitura do estudo, estudo xii, 3.5]	1	1	0
[inferência do estudo]	1	1	0

MARCA	TOTAL	CORPO	APARATO
[hipótese do estudo i, 4.8]	1	1	0
[V-pi]	1	1	0
[hipótese do estudo; estudo xiii, 3.6 e 2.8]	1	1	0
[V-skt]	1	1	0
[tradução do estudo]	1	1	0
[V-en]	1	1	0
[leitura do estudo, estudo xii, 4.1]	1	1	0

Citações entre aspas e palavras, por capítulo:

CAPÍTULO	CITAÇÕES	PALAVRAS
Prólogo — O estado da questão e o método	93	5290
1. O cristianismo em sua melhor forma	121	5306
2. Onde nos tocamos	104	3890
3. Onde nos separamos	149	5548
4. O cristianismo diante das casas da série	94	3892
5. A Ficha e as prévias: o que a série já disse do cristianismo	88	3320
6. Síntese, fórmula e questões abertas	92	4376
Total	741	31622

Toda citação do corpo foi conferida, fragmento a fragmento, contra a pesquisa de fontes do estudo e contra o Cânon v1.2, os três Tratados, a Disputatio, o Catecismo, as Meditações, as decisões do fundador e os Estudos VII a XIII; nenhuma foi inventada. As que não puderam ser conferidas numa edição levam marca. Dentro das aspas fica a grafia da edição citada.